



Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra

Uma Proposta de Reabilitação a partir
do Habitar Japonês

Autoria

José Mega Policarpo

Orientação

Paulo Alves Pereira,
Carla Garrido Oliveira

Título

Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra
Uma Proposta de Reabilitação a partir do Habitar Japonês

Aluno

José Miguel Mega de Andrade Ponce de Leão Policarpo

Orientador

Paulo Alves Pereira

Co-Orientadora

Carla Garrido Oliveira

Mestrado em Design de Interiores
Escola Superior de Artes e Design - 2025



Agradecimentos

Aproveito este momento para demonstrar a minha profunda gratidão por todos os que contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal ao longo da execução desta dissertação de projeto.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Paulo Alves Pereira, um dos docentes que mais me inspirou e guiou desde que cheguei à ESAD, e à minha co-orientadora, Arquiteta Carla Garrido Oliveira, por me ter aberto os horizontes com perspetivas novas e entusiasmantes. Ambos me guiaram ao longo desta longa jornada e me elevaram ao meu máximo potencial neste campo do Design. Sinto-me honrado por ter colaborado convosco, obrigado.

Em segundo lugar, quero agradecer à ESAD, ao contributo que enquanto instituição esta teve na minha vida, desde a Professora Maria Milano que me deu a oportunidade de me integrar numa área até então desconhecida quando acabei a minha licenciatura, ao pessoal da Secretaria que esteve sempre presente para dar apoio, ao grupo ERASMUS que proporcionou uma aventura internacional de forma tão acessível e cómoda, aos funcionários da cafetaria que andam sempre com um sorriso e contagiam o ambiente com alegria. Todos vocês são a alma desta escola e, por isso, um profundo obrigado.

Adicionalmente, agradeço todo o apoio que a minha família e amigos me deram, a confiança e encorajamento que depositaram em mim e nas minhas opções académicas e de vida foi essencial neste percurso. Desde as demonstrações de interesse por aquilo que eu escolhi fazer, ao abrir dos braços para me apoiarem neste percurso, ao carinho que me deram, à inspiração que são, um enorme obrigado.

Por fim, à minha parceira de vida, como tu sabes, foste imparável a apoiar-me e foste sempre a luz ao fundo do túnel que eu tanto precisei, obrigado, obrigado e obrigado.

Resumo

O tema do Projeto deste Relatório de Mestrado é a reabilitação de um edifício habitacional situado em Paredes, Penacova. Trata-se de uma zona rural portuguesa, com acesso a áreas metropolitanas, a uma distância máxima de 30 minutos de carro, que cumprem as necessidades vitais dos seus residentes, mas não garantem todos os aspetos associados a uma melhor qualidade de vida. O estudo procura entender o habitar japonês assente sobre as filosofias *Zen* e *Wabi-Sabi*, numa tentativa de extrair as suas valências, de forma não apropriativa, e integrando-as no contexto do habitar rural português. Uma escolha baseada na prosperidade que estas atingiram na educação do habitar no Japão, adaptando-as ao contexto ocidental. Através desta abordagem, a proposta de reabilitação ambiciona motivar novos residentes a mudarem-se para as zonas rurais portuguesas, combatendo o êxodo rural persistente das últimas décadas e promovendo um estilo de vida mais adaptado às necessidades atuais. Seria uma vivência mais calma, tranquila, junto da Natureza e com uma conexão próxima com as tradições locais e nacionais.

Keywords:

Reabilitação | Periurbanidade | Natureza | Silêncio | Oportunidade

Abstract

The theme of this Master's Thesis Project is the rehabilitation of a residential building located in Paredes, Penacova. This is a rural area in Portugal, with access to metropolitan areas at a maximum distance of 30 minutes by car, which fulfills the vital needs of its residents, but does not guarantee all aspects associated with a better quality of life. The study seeks to understand Japanese dwelling based on *Zen* and *Wabi-Sabi* philosophies, attempting to extract their strengths, in a non-appropriative way, and integrating them into the context of Portuguese rural dwelling. This choice is based on the success these philosophies have achieved in the education of dwelling in Japan, adapting them to the Western context. Through this approach, the rehabilitation proposal aims to motivate new residents to move to rural Portuguese areas, combating the persistent rural exodus of recent decades and promoting a lifestyle more adapted to current needs. It would be a calmer, more tranquil life, close to nature and with a close connection to local and national traditions.

Keywords:

Rehabilitation | Peri-urbanity | Nature | Silence | Opportunity

índice

	pág.
Introdução	14
Metodologia	16
<i>I. Lugar</i>	
Casa de Paredes, Penacova	
1. briefing / contexto paisagístico, histórico, cultural	21
<i>II. Habitar</i>	
em crise: entre o urbano e o rural, a periurbanidade	
2. o habitar rural como alternativa ao habitar urbano	31
3. o espaço e o habitar rural na região Centro	47
4. medidas - políticas públicas para o habitar periurbano	51
propostas de habitar periurbano	
5. global	57
6. local	65

aprendendo com o Japão: Zen e Wabi-Sabi	
7. o habitar japonês e a conexão com o Zen e o Wabi-Sabi	75
8. relação entre o Zen e o Wabi-Sabi	91
<i>III. Apropriar</i>	
vernáculo, moderno, hoje	
9. relação entre o habitar japonês e a ruralidade	97
10. adaptação do habitar japonês ao contexto europeu e português	99
<i>IV. Reabilitar</i>	
duas casas na Casa de Paredes	
11. metodologia projetual e desafios específicos	105
12. princípios de projeto e definição da proposta	109
13. proposta final: espaços e atmosferas	115
Considerações Finais	167

Nota ao Leitor

Todas as referências consultadas e figuras apresentadas ao longo deste documento estão disponíveis para consulta no final do mesmo, mais precisamente entre as páginas 175 e 185, na secção “Referências” e “Índice de Figuras”, respetivamente.

Introdução

O tema deste estudo passa pela procura por uma solução a um problema real e persistente em vários países ocidentais, incluindo Portugal. Este problema traduz-se numa dificuldade cada vez maior para novas famílias adquirirem propriedade em regiões urbanas, dado ao aumento significativo dos preços do imobiliário, tornando-se inabonável a aquisição de habitação em área urbana para as famílias comuns. Em Portugal observamos três fatores principais que contribuem para este aumento: imigrantes com maior poder de compra, diminuição da oferta em espaço urbano dado o crescimento populacional e o cenário político e económico atual.

Para além disso, observamos também as consequências que o êxodo rural teve nas aldeias e vilas como o despovoamento e falta de investimento. As zonas rurais perdem população e a população que fica envelhece, como também envelhecem as estruturas lá presentes. Sendo assim, é necessário agir, procurar novas estratégias que proporcionem habitação mais acessível a novas famílias, promovendo um estilo de vida mais conectado com a Natureza e silencioso e, simultaneamente, rejuvenescendo a população e as estruturas presentes nas áreas rurais portuguesas. Com isto em mente, a solução passaria pelo desenvolvimento de um projeto que incentive a habitação em espaço rural, propondo uma proposta de reabilitação de um edifício rural para fins habitacionais, como exemplo de uma possível ação em prol da renovação do habitar rural.

Conclui-se que o tema deste estudo procura entender e oferecer opções alternativas àquilo que é uma situação social e económica prejudicial para os portugueses, estes que necessitam de exemplos de ação prática e que possa ser executável em maior escala e com grau de acessibilidade maior para todos.

Um projeto de reabilitação propõe sempre algum nível de aprofundamento técnico e cultural, o que por sua vez o torna mais relevante através da interiorização de conhecimento atual da área, no sentido em que é necessário reunir vários projetos de reabilitação, criar uma ligação entre os mesmos e daí tirar novas relações, promovendo alternativas únicas ou, pelo menos, abordadas de forma instruída e baseada.

Embora estes problemas não estejam diretamente relacionados com Design de Interiores, a atuação desta área ganha relevância dado à sua metodologia estratégica como auxílio à criação de soluções habitacionais. Sendo assim, noções práticas do habitar e como o tornar acessível, tanto a nível económico como ambiental, tornaram-se fatores imprescindíveis para este tema.

A recolha e interpretação de casos de estudo pertinentes permitiram desenvolver material teórico útil ao projeto. Este material, desenvolvido através de uma interligação de conhecimento, auxiliou à criação de uma percepção não só estética, como também utilitária sobre o Design de Interiores, algo que foi importante distinguir e abraçar para atingir uma solução mais completa.

Adicionalmente, pretendeu-se incorporar noções do habitar japonês, assentes em algumas das suas filosofias, como o *Wabi-Sabi* e *Zen*, pois esta cultura celebra o espaço habitacional como o espaço mental e físico para um indivíduo estar em paz e conectado com o mundo, proporcionando um ambiente de bem-estar em silêncio.

Este estudo teve objetivos claros: entendimento da influência que o êxodo rural teve no espaço rural e a oportunidade que oferece; identificação das necessidades urbanas às quais um utilizador pudesse estar habituado; desenvolvimento de um projeto de reabilitação e a incorporação das valências do habitar japonês no mesmo.

A motivação que impulsionou o desenvolvimento desta dissertação surgiu por duas vias distintas, pelo próprio gosto pessoal e pela pertinência do tema na área de design de interiores.

Ao nível pessoal, existe uma curiosidade para criar espaços que promovam uma sensação de calma e serenidade, assim esta vontade acabou por se refletir no projeto. Traduz-se numa ambição pela idealização de ambientes com atmosferas que proporcionam um abrigo físico e emocional aos seus utilizadores. Esta abordagem levou à ideia de tentar relacionar o habitar rural ocidental com o habitar rural japonês, tendo em conta o valor que este povo dá ao silêncio, à Natureza e à noção de abrigo.

Em termos da pertinência do tema enquanto projetistas e no meio académico, entendeu-se que o papel de um designer de interiores, que é conectado de forma direta com a criação de um habitar adaptado ao utilizador, seria essencial num projeto que procura incentivar o habitar em espaço rural. Era necessário entendê-lo e, posteriormente, enaltece-lo, de forma a promover esse tipo de vivência a um futuro cliente. Esta promoção só seria possível com o desenvolvimento de um projeto equilibrado e conectado com o seu contexto. Nesse sentido, este tema é um tópico aliciante para o desenvolvimento de uma proposta imersiva nas suas atmosferas e criativa nas suas expressões técnicas e artísticas. Para além disso, a reabilitação é um espaço muito significativo da área do design de interiores, dada a larga oferta existente de edifícios com potencial de transformação em novas habitações e negócios.

Metodologia

Para o desenvolvimento desta dissertação, optou-se por uma combinação de uma abordagem prática no terreno com uma abordagem teórica focada em informação disponível em fontes variadas, obtendo assim perspetivas qualitativas e quantitativas sobre o tema.

Contextualização da Proposta de Atuação:

No terreno, foi essencial obter um reconhecimento da área, entender o estado em que a aldeia de Paredes se encontrava, como vivem os seus habitantes e, verificar o estado da Casa de Paredes, o principal objeto de estudo desta dissertação. Para interpretar a condição de conservação da propriedade e a viabilidade projetual da mesma, foi necessário realizar uma recolha fotográfica imersiva e efetuar um levantamento métrico e topográfico.

Adicionalmente, foi possível dialogar com os atuais moradores, que facultaram as suas perspetivas pessoais sobre a sua casa, sobre Paredes e sobre o espaço rural.

Com uma percepção física do objeto de estudo e do contexto onde se encontra, foi também importante perceber as causas que levaram ao declínio e abandono de propriedades em espaço rural como, por exemplo, o êxodo rural. Em Portugal (Fig.1), o êxodo rural ocorrido nas décadas de 60 e 70, contribuiu para o despovoamento do interior do país. Por outro lado, foi igualmente relevante interpretar as valências do habitar neste contexto para as tentar incorporar na proposta de reabilitação da Casa de Paredes.

O projeto necessitou de ser comunicado, por isso foi necessário produzir conteúdos que traduzissem a sua atuação de forma clara. Os meios utilizados passaram pela elaboração de desenhos técnicos que representassem detalhadamente a volumetria do projeto; criação de imagens fotorrealísticas que proporcionassem uma percepção em escala humana do habitar nos espaços projetados; desenvolvimento de *moodboards* que ilustrassem a materialidade e a atmosfera dos ambientes propostos.

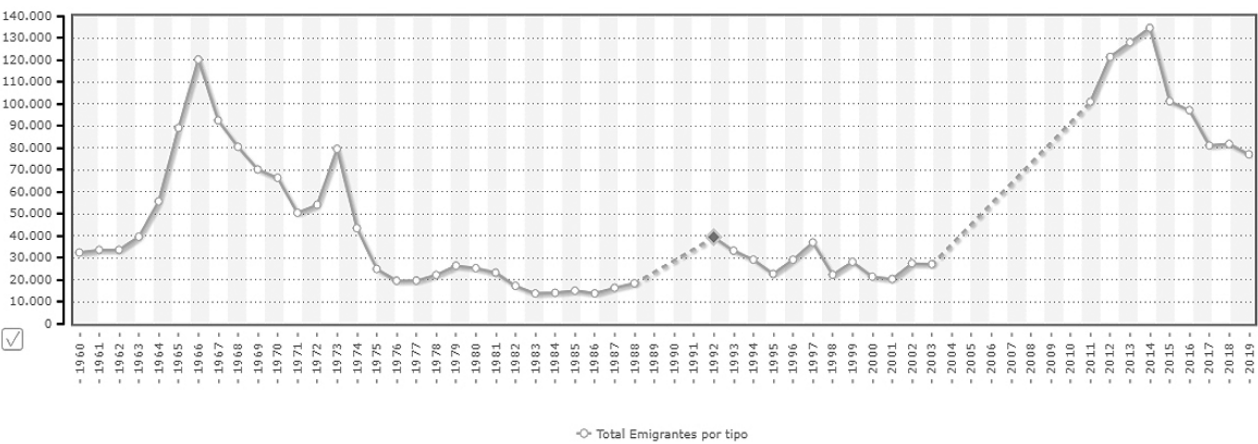


Fig.1 Evolução do número de emigrantes portugueses, 1960-2019.

Processo de Recolha e Análise de Dados de fontes variadas:

Tornou-se importante estabelecer as prioridades na recolha e análise de dados, começando pelo contexto atual: o que tem sido feito no campo da reabilitação em zona rural em Portugal nos últimos anos? Que tipo de abordagem se tem utilizado? Quais são os efeitos sociais e estruturais nas regiões? Como se encontram as zonas rurais do centro de Portugal? Como é o habitar rural? Como é o habitar urbano e como se compara com o rural? Vantagens e desvantagens? Estas são algumas das questões que necessitavam de resposta antes de prosseguir com o desenvolvimento projetual. Essas mesmas respostas surgiram através de recolha estatística, de interpretação de artigos e outros documentos e, também, de casos de estudo de projetos de reabilitação em espaço rural portugueses.

Dado o tema escolhido, aliou-se a esta pesquisa focada no contexto nacional e mais ocidental, uma análise ao habitar japonês e uma recolha de casos de estudo de habitações japonesas localizadas também no contexto rural ou periurbano.

Por fim, foi preciso compilar esta informação de modo a encontrar possíveis abordagens que possam melhorar o habitar no contexto rural atual e perceber o habitar japonês. O entendimento desta vivência foi essencial para criar um habitar desacelerado e conectado com a Natureza, onde fosse possível incorporar as suas valências na solução final de forma celebratória e não de forma apropriativa ou possivelmente diminutiva.

Rapidamente se assumiu que a literatura não iria só adicionar informação quantitativa, mas que também iria proporcionar informação qualitativa através das perspetivas individuais dos autores. Estas foram consideradas fundamentais pois iriam enriquecer o produto final com uma base de conhecimento diversificado e fundamentado sobre o tema.

Por outro lado, previu-se algumas possíveis lacunas na literatura, especialmente na pesquisa de zonas rurais mais específicas, como é a aldeia de Paredes, pois por ser uma localidade mais desconhecida não existem muitas fontes de conhecimento.

Concluiu-se que a contextualização da proposta no terreno, onde foi possível perceber a área, visualizar e estudar a Casa de Paredes e dialogar com os seus moradores, se tornou num alicerce desta dissertação. Do mesmo modo, a recolha e análise de documentos e casos de estudo provaram ser essenciais para comprovar o que se via e sentia no terreno e melhor perceber, tecnicamente, como se iria desenvolver um projeto de reabilitação e como seria possível adaptar princípios do habitar japonês a um contexto ocidental e português.



I. Lugar

1. *Briefing* / contexto paisagístico, histórico, cultural

O objeto de estudo principal deste relatório de projeto é a Casa de Paredes, uma propriedade familiar com mais de 200 anos que passou de geração em geração como local de encontros familiares. Localiza-se em Paredes, Penacova e encontra-se a uma distância de cerca de 20 minutos de carro dessa mesma vila, esta que possui serviços de saúde, ensino e outros serviços essenciais. Adicionalmente, encontra-se também a 30 minutos de Coimbra, um grande e demarcado centro urbano português, com uma vasta gama de serviços essenciais, mas também entretenimento, lazer e outros.

Esta escolha recaiu, sumariamente, na listagem de alguns aspectos cruciais: acesso ao interior do edifício; área suficientemente grande para albergar, no mínimo, duas famílias de 4 pessoas; existência de área exterior significativa, com espaço para a existência de atividades de lazer e conexão com a Natureza; proximidade a áreas urbanas para uma alteração reduzida daquilo que é a relação entre indivíduos e os serviços tipicamente urbanos, ou seja, que o edifício não se localize a mais de 30 minutos de automóvel de uma vila ou cidade; localizado na região centro de Portugal continental, dado que o estudo tem um grande foco nesta região.

Este edifício, ao pertencer a familiares, não só é uma oportunidade chamativa de projetar algo que é próximo, como também garante um acesso frequente ao mesmo, sabendo que se encontra com algum tipo de manutenção, sendo possível observar vários traços históricos e culturais bem preservados. Para além disso, a sua localização e dimensões, em termos de área interior e exterior, estão de acordo com os parâmetros pré-estabelecidos.

Para além destes fatores, este projeto tem o propósito de criação de habitação que tente satisfazer quem também procure algumas das facilidades que normalmente a habitação urbana oferece.

A combinação dos fatores acima listados levaram à identificação de um edifício com mais de 200 anos, inserido numa quinta no topo de um vale com vista sobre o rio Mondego., apresentando um contexto paisagístico incomum, tornando-se numa oportunidade projetual muito interessante.

Conclui-se então que este edifício não só cumpre todos os requisitos, como tem o potencial para permitir uma exploração pertinente deste tema.



Fig.3 Rio Mondego, vista da frente Norte da Casa de Paredes.

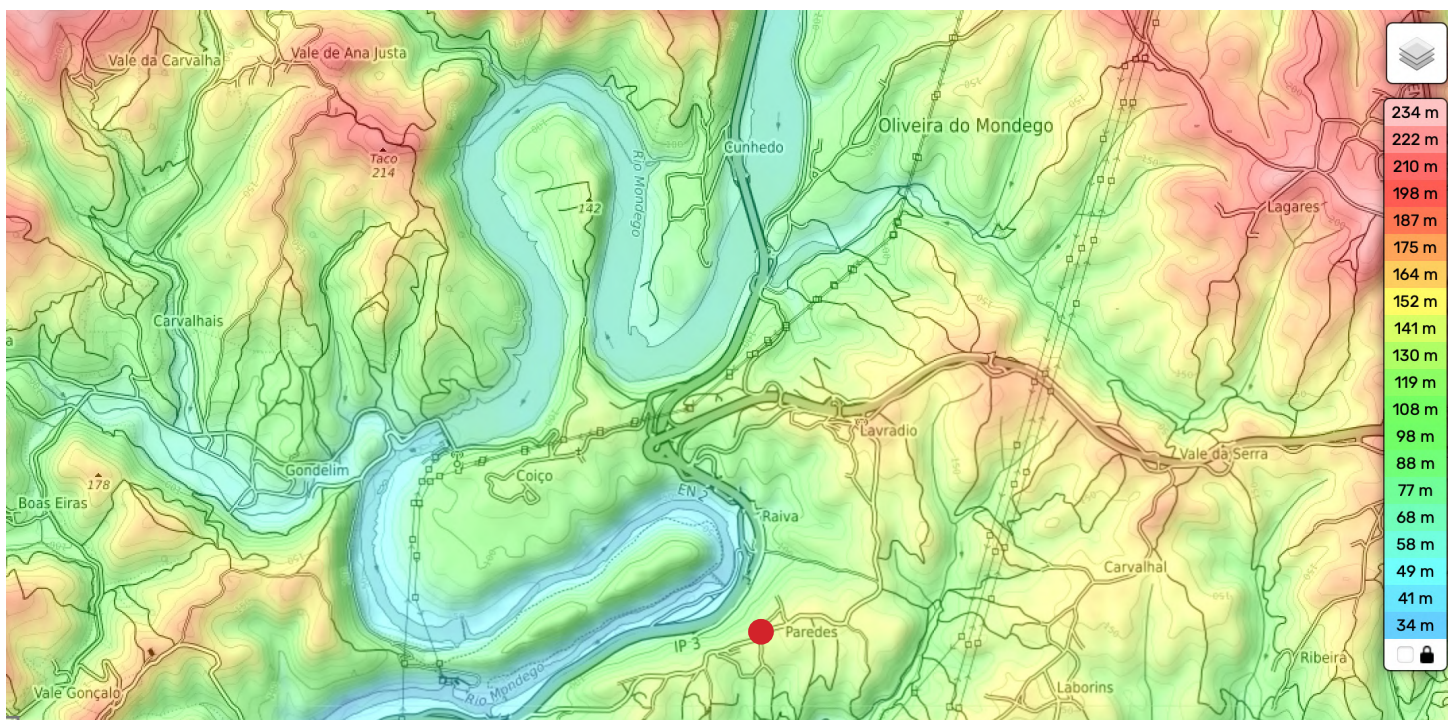


Fig.4 Topografia da secção do vale do Rio Mondego adjacente a Paredes.

Foi também importante entender o contexto histórico e cultural de Paredes, daí ter sido oportuno falar com os atuais moradores da Casa de Paredes, pois no seguimento dessa interação foi possível entender um pouco sobre o papel desta casa no funcionamento desta aldeia.

Historicamente, esta quinta funcionava como ponto de ligação entre os habitantes de Paredes, pois era aqui que se encontrava o caminho até ao rio. Este acesso era partilhado com os outros habitantes, de forma a que a aldeia conseguisse prosperar. Esta partilha simbólica traduzia-se em acesso, mas atualmente a oportunidade de desenvolver um projeto de reabilitação deste edifício traduz-se em habitação, procurando valorizar algo perdido no tempo e renovar o ambiente da própria aldeia com entusiasmo e ação que tanto têm faltado.

Relativamente ao contexto histórico e cultural da sua localização, esta aponta para a proximidade à urbanidade, muito através do rio Mondego, que liga tanto Penacova como Coimbra à cidade de Figueira da Foz, que servia de porto no Oceano Atlântico para a uma conexão com o mundo exterior, proporcionando uma ligação entre aquilo que é uma aldeia algo isolada no centro do país, como é Paredes, a ter um papel nas trocas comerciais em contexto nacional e, de certa forma, até internacional, embora com menor protagonismo.

Para além deste diálogo mais técnico e geral sobre Paredes, aproveitou-se para explorar mais profundamente sobre a vivência nesta aldeia.

Localmente, as crianças, de famílias diferentes, brincavam juntas na rua, conheciam-se no verão e esperavam pelo próximo para se reunir. É assim que os moradores se relembram da sua infância em Paredes. Dada a necessidade de viver nas cidades durante grande parte do ano, era no verão e durante feriados especiais, como o Natal ou a Páscoa, que a família se encontrava nesta casa e partilhava momentos para recordar. Aproveitavam para se encontrar com os vizinhos e celebrar juntos como se de uma grande família se tratasse. No fundo, o sentimento de urbanidade que se encontrava em Paredes era de um sentimento de união e partilha, de fraternidade e entreajuda. Sempre que era necessário algum alimento ou utensílio, o primeiro pensamento era pedir ao vizinho ou passar pelo único minimercado da aldeia, que ainda hoje se encontra aberto. Nesse mesmo minimercado encontra-se também o único café, onde todas as tardes se encontravam várias gerações a jogar cartas, contar histórias e a planear os almoços dos dias seguintes. Quem não estava aqui ou a brincar na rua, encontrava-se a refrescar no Rio Alva, um afluente do rio Mondego que fica a 10 minutos a pé do centro de Paredes.

Por outro lado, em tempos de trabalho, Paredes era uma aldeia agrícola e pecuária, com quintas modestas e pequenos rebanhos de ovelhas. Em suma, os habitantes criavam e trabalhavam para se sustentar a si e aos outros, mas principalmente para manter o estilo de vida que aqui tinham. Aos poucos a população foi decrescendo, não por haver falta de alimento ou habitação, mas sim pela procura por oportunidades nas cidades, algo que a família da Casa de Paredes já tinha feito há algum tempo também.



Fig.5 Colagem representativa do alçado Sul da Casa de Paredes na atualidade.



II. Habitar

2. Optar pelo Habitar Rural em oposição ao Habitar Urbano

Enquanto humanos, cada vez mais nos sentimos despidos da Natureza que outrora nos rodeava de forma constante, por todo o lado e em tudo o que tocávamos e fazíamos, mas agora encontramos-nos afastados dela, contidos nas prisões urbanas a que chamamos cidades, edificações sociais que fornecem tudo o que é preciso, desde diversão e lazer a segurança e saúde, tudo isto disponível com uma simples troca de um único fator - a Natureza. Por mais regalias que as cidades e grandes zonas urbanas tenham, uma desconexão com a Natureza é um corte severo à origem humana. Pelo mundo fora são desenvolvidas campanhas para voltar a conectar os habitantes das cidades com a Natureza, como por exemplo o surgimento de novos movimentos como a utilização de espaços temporários para *“Neighbourhood Gardening”*, que consiste na plantação e manutenção de pequenos lotes agrícolas por parte de um grupo de pessoas que se voluntaria em troca da experiência associada e dos alimentos produzidos ou, por outro lado e com um maior foco social, o conceito de *“Guerrilla Gardening”*, onde quaisquer espaços que possuam solo plantável, como passeios e jardins urbanos, servem, de forma ilegal, como locais de plantação de mais plantas e flores de modo a tornar as cidades mais verdes, mais respiráveis e mais bonitas. No entanto, estas campanhas e movimentos sociais geralmente não são suficientes para saciar a vontade de nos ligar com a Natureza e por isso muitos indivíduos anseiam por poder passar fins de semana ou férias juntos da mesma, seja nas montanhas ou no mar, para se reencontrarem com eles próprios e com a terra que pisam todos os dias, demonstrando existir uma grande vontade de retornar às raízes, porque embora a vida urbana seja tão rica de várias formas, retornar ao mundo natural é uma alternativa de vida essencial à nossa existência completa e primal neste planeta (Hofmeister, 2018).



Fig.6 e 7 Exemplos de “*Neighbourhood Gardening*” em Portugal.

Nesse sentido, o tema do habitar na ruralidade tem provocado discussões acerca das várias vantagens e desvantagens que agora o espaço rural tem e sofre com respetivamente, entre elas a conexão com o ambiente natural, tranquilidade e silêncio, ligação ao passado e às tradições locais, mas, por outro lado, também se observa a falta de acesso a serviços tipicamente urbanos, escassez de oportunidades profissionais, atraso no desenvolvimento urbano e estrutural, população envelhecida, entre outros. Nesse sentido, tanto os governos locais, nacionais e organizações tentam desenvolver estratégias que ajudem a colmatar as deficiências desta área do país e a enaltecer as suas vantagens.

Torna-se perceptível que as dificuldades do habitar em área rural passa pelas consequências do êxodo rural, que desviou não só a população que lá habitava, como também o investimento e o comércio lá existente para áreas urbanas.

Em termos demográficos, Portugal é visto como um país virado para as suas cidades mais do que nunca, observando-se população de todas as faixas etárias, como é comprovado através de um estudo feito pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2016, onde é perceptível a preferência pela habitação em zona urbana, dado que 43,30% da população continental portuguesa habita em áreas urbanas. No entanto, existem apenas 159 cidades, contrastando com as 582 vilas e 3092 freguesias, das quais algumas de facto fazem parte do tecido urbano, no entanto maior parte não, criando uma disparidade da concentração populacional no território continental português entre a área urbana e a área rural (Instituto Nacional de Estatística, 2024).

Sendo este um estudo mais focado nas regiões rurais do centro de Portugal, percebe-se então que nestas zonas o êxodo rural levou a uma diminuição populacional e um envelhecimento da mesma. Por outro lado, criou problemas de colocação populacional quase irreversíveis em áreas urbanas.

Em termos infraestruturais, observamos que a reabilitação é, cada vez mais, uma estratégia usada por todo o país, pois embora tenham havido grandes períodos de construção massiva, como nos anos 50 e 60. Ao longo do tempo, estes edifícios adaptaram-se a um mercado direccionado para o arrendamento, no entanto, muitos destes exemplares encontram-se degradados dada a cíclica mudança de arrendatários e o uso prolongado dos espaços nos últimos 60 a 70 anos. Estes edifícios necessitam de projetos de reabilitação, por isso e de forma crescente, mais recursos financeiros e materiais são desviados para estes mesmos projetos de modo a conseguir acomodar a crescente população urbana, o que se traduz num problema de alojamento também a crescer, em adição aos outros já referidos. Para além disso, mais e mais terrenos urbanos são utilizados para a construção de grandes infraestruturas com o mesmo efeito dos edifícios das décadas de 60 e 70, no entanto, com o aumento da concentração populacional, até casas abandonadas com algum valor histórico são rapidamente demolidas para a construção de mais edifícios habitacionais em massa. Este problema não é perceptível em contexto rural e periurbano, pois nestas áreas não há falta de casas abandonadas que nem são destruídas ou utilizadas. Demonstra-se assim existir uma oportunidade de aproveitamento destas mesmas infraestruturas, sendo que, algumas delas acabam por possuir um valor histórico significativo e com áreas mais generosas do que a generalidade da habitação urbana (Lanzinha, J., Gomes, J., 2021).

Em termos económicos, torna-se oportuno observar as consequências que esta fuga populacional teve e tem nas áreas urbanas pois, de forma contrastante, a área urbana depara-se com sobrepovoamento e um aumento significativo dos preços imobiliários, como é visível no 2º trimestre de 2024, onde o preço médio de alojamento familiar em Portugal era de 1 736 euros por metro quadrado, um aumento de 6,6% em relação ao 2º trimestre de 2023, este que já tinha sofrido um aumento de 5% em relação ao trimestre que o antecedeu, demonstrando um aumento de 11,6% dos preços imobiliários em apenas 5 trimestres, ou 1 ano e 3 meses, de acordo com o INE (Instituto Nacional de Estatística, 2024). Estes aumentos justificam-se quando existe uma grande procura que não é acompanhada pela oferta disponibilizada no mercado, o que é verificado em grande parte das cidades portuguesas.

Para quem trabalha em Portugal, é importante destacar o pacote financeiro que os trabalhadores recebem em 2025 pelo Ministério das Finanças e o seu respectivo Gabinete da Secretária de Estado dos Assuntos Fiscais, onde aponta para uma atualização do Mínimo de Existência para 12 180 euros (Finanças - Gabinete da Secretaria de Estado, 2025). Este aumento traduz-se num ordenado mínimo de 870 euros (820 euros em 2024) e ordenado médio de 1580 euros, o que corresponde a um aumento de 5% relativamente ao ano anterior, com a ambição de atingir os 1890 euros em 2028. Estes números revelam um crescimento desigual entre os preços habitacionais e os ordenados em Portugal, o que cada vez mais impossibilita a aquisição de habitação por quem cá habita (DECO Proteste, 2025).



Fig.8 Protestos por habitação mais acessível em Portugal.

Essa impossibilitação de aquisição imobiliária é evidente nas zonas metropolitanas de Lisboa e do Porto, onde os preços praticados por metro quadrado continuam em ascensão, como é observável nos números apresentados pela Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária de Portugal (APEMIP): em Lisboa o preço médio por metro quadrado ronda os 5 000 euros, subindo aos 10 000 euros em zonas consideradas “prime” na capital, no Porto o preço médio por metro quadrado anda em volta dos 3 300 euros, alcançando os 7 500 euros em zonas consideradas “prime” da cidade invicta (Marmé, 2025). Estas realidades vividas nas duas maiores cidades do país, embora não sejam exclusivas às mesmas, são imensamente contrastantes com a realidade vivida, por exemplo, na Beira Interior, onde em 2022 o preço médio por metro quadrado de moradias vendidas em Coimbra foi de 1220 euros, em Viseu foi de 1303 euros e na Covilhã foi de 988 euros. Trata-se assim de uma discrepância enorme para com as cidades mencionadas anteriormente. Estes preços mais atrativos aliados a serviços especializados como o da educação superior, que se encontra bem presente nesta região através da Universidade de Coimbra, Universidade da Beira Interior (Covilhã) e Institutos Politécnicos (Viseu e Coimbra), atraem novas famílias que agora reconsideram o valor real inerente à habitação no Porto ou Lisboa (Imobiliário Público, 2022).



Fig.9 e 10 Protestos contra o *AirBnb* e o arrendamento temporário excessivo em Barcelona.

As diferenças de preço não se explicam só pela preferência pela habitação nas duas maiores metrópoles portuguesas, mas também pela inserção extrema do setor do turismo no setor imobiliário, onde investidores transformam parte da oferta em oferta turística, limitando ainda mais a oferta disponível. Um exemplo de uma exploração excessiva deste tipo de aproveitamento habitacional é a cidade de Barcelona, onde foi necessário aplicar medidas de combate de modo a reconquistar oferta habitacional para os seus residentes. Entre estas, o aumento da taxa turística sobre quem fica hospedado na capital catalã supera agora os 15 euros por pessoa, dos quais pelo menos 25% do dinheiro angariado tem como função auxiliar a falta de soluções habitacionais (Goodman, 2025). Outra medida que se encontra a ser debatida é a remoção de todas as licenças de arrendamento turístico de apartamentos até 2028, o que enfureceu um dos maiores setores económicos de Barcelona - o turismo - onde diferentes entidades entendem a situação de forma oposta ao governo local, apontando para o facto dos AirBnbs consistirem em apenas uma pequena fração da oferta imobiliária da cidade e que a sua irradicação levaria ao crescimento de turismo ilegal, afirma a Barcelona Association of Tourist Apartments (APARTUR), por outro lado a European Holiday Home Association chegou mais longe e apresentou queixa à Comissão Europeia (CE), alegando que “(...) viola a diretiva sobre a prestação de serviços(...)”, algo que a própria CE também questiona (Euronews Travel, 2024). Este tipo de medidas surgem após um incidente polémico onde habitantes locais utilizaram pistolas de água para atacar turistas estrangeiros, demonstrando um ressentimento profundo com o excesso turístico persistente e os efeitos negativos que o mesmo tem sobre a cidade catalã, crescendo assim a pressão sobre o governo local para atuar em prol dos seus habitantes (Guy, 2024).

Entende-se então que a oferta limitada que existe em áreas urbanas é de difícil acesso às jovens famílias por impedimentos económicos, dado o aumento significativo dos preços imobiliários, e de oportunidade, pois a pouca oferta que surge é rapidamente adquirida e/ou explorada turisticamente, pontos estes que não ocorrem em espaço rural. No entanto, é oportuno observar que a construção na ruralidade torna-se mais dispendiosa, dado os seus acessos e distância das fábricas, lojas e trabalhadores que, geralmente, residem mais perto da urbanidade.

Fig.11 e 12 Poluição ambiental e sonora presente nas grandes concentrações urbanas.



Em termos de serviços acessíveis e diversificados, as áreas urbanas proporcionam não só serviços essenciais como saúde e educação, como também serviços de lazer e entretenimento. Esta oferta promove também o surgimento de oportunidades profissionais variadas o que comprova que estas áreas são estruturalmente e socialmente desenvolvidas, algo que se observa de forma mais significativa nas zonas metropolitanas de Lisboa e Porto, mas é uma realidade constante pelas diversas áreas urbanas nacionais. No entanto, estes benefícios não surgem sem as suas consequências, entre elas o excesso populacional em certas partes do seu território, provocando também um aumento significativo do número de automóveis e, por sua vez, da poluição sonora e do ar. Esses aspectos provocam uma degradação daquilo que é o habitar em espaços urbanos altamente populados. Adicionalmente, torna-se claro a existência de um problema real e persistente, em que cada vez mais se torna incomportável a aquisição de imobiliário em áreas urbanas para as famílias comuns, dado ao aumento estratosférico dos preços praticados. Este aumento dá-se por três fatores principais: pelo investimento contínuo e crescente vindo do estrangeiro, onde os investidores possuem maior poder de compra do que a maioria da população portuguesa, pela diminuição da oferta habitacional e pelo cenário político e económico atual.

Por estas razões, os governos locais e nacionais procuram intervir para uma redução e filtração dos habitantes em espaço urbano, através de medidas como a “Carta de Habitação Municipal”, que é um documento que demonstra o diagnóstico da situação habitacional dos vários municípios do país e medidas de auxílio correspondentes.

Mais especificamente em Lisboa, é possível observar o Programa de Renda Acessível (PRA), que oferece arrendamentos de habitações mais em conta para famílias com rendimentos baixos a médios, inclusive. Para além disso, faz parte da estratégia do PRA a construção e reabilitação de habitações com este mesmo propósito, criando mais oferta deste género para uma população que sofre de carência da mesma. De modo a atenuar o processo de adesão, a Câmara Municipal de Lisboa tem um website onde permite a inscrição individual de cada cidadão nos vários programas ao seu dispor, como o PRA já mencionado, e outros como o Arrendamento Apoiado e o Subsídio Municipal Arrendamento Acessível (RMDH) (Público, 2023).

Fig.13 “Navegante”, o passe universal de transportes públicos de Lisboa.

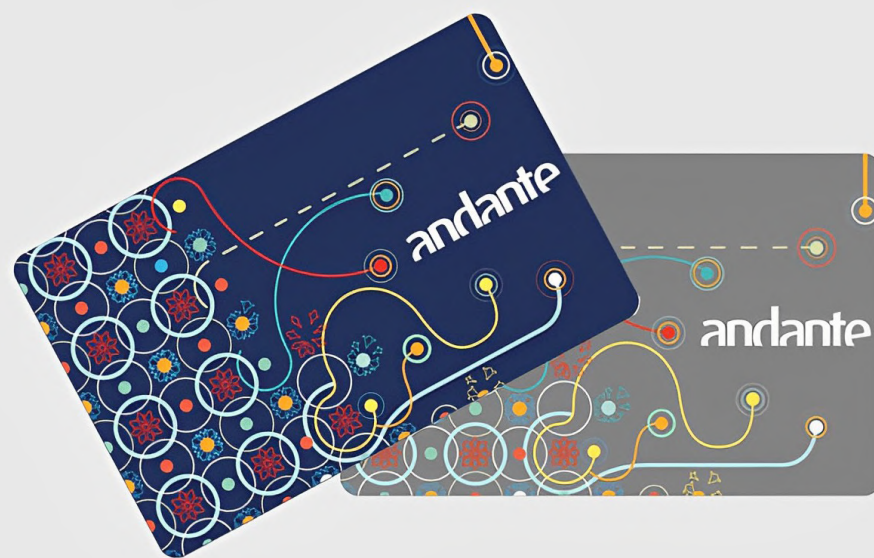


Fig.14 “Andante”, o passe universal de transportes públicos do Porto.

Outra estratégia tomada foi o Plano de Recuperação e Resiliência, fruto da colaboração entre as Câmaras Municipais de Lisboa e Porto pela procura por soluções alternativas a esta realidade e outras, assentes em três pontos fulcrais: habitação, mobilidade (auxiliada pelos transportes públicos) e inclusão social. Primeiramente, ao nível da habitação, é a continuação da persistência pela habitação acessível, através de um reforço financeiro para a gestão do parque habitacional, garantir financiamento extra para operações ainda não financiadas e a criação de observatórios que reúnam informações pertinentes para a análise da eficácia das várias estratégias implementadas e de novas soluções por desenvolver. Seguidamente, a mobilidade passa pela inclusão da gratuidade em certos escalões, como os maiores de 65 anos, e pela tentativa de incorporação dos vários meios de transporte num só passe. Além disso, o acesso a estes meios será simplificado ao nível físico e tecnológico, assumindo uma promoção dos transportes públicos para todos, com esperança de uma adesão mais generalizada. Por fim, sobre a inclusão social, esta foca-se no auxílio ao acesso das comunidades migrantes à educação, saúde, formação profissional, combatendo também a discriminação nestes campos e promovendo a noção de interculturalidade como um aspecto positivo. Adicionalmente, seriam feitos rastreios de possíveis situações de falta de habitação, procurando intervir cedo para prevenir o aumento de pessoas sem-abrigos. No fundo, estes fatores, embora sejam bastante globais, ou seja, não se focam exclusivamente na questão habitacional, acabam por pintar a realidade urbana, uma realidade que infelizmente promove dificuldades diversas pela sua concentração excessiva de população e investimentos irrealistas e irregulares para a realidade nacional.

Dado o ambiente instável e possivelmente hostil em termos económicos, ambientais e do conforto vivenciados na área urbana, uma mudança para uma realidade mais tranquila, conectada com a Natureza e com uma oferta mais acessível localizada na área rural, acaba por ser uma opção cada vez mais tentadora para as novas famílias portuguesas.

3. Contexto atual do espaço rural do Centro de Portugal

O espaço rural do centro de Portugal encontra-se num estado de fragilidade urbanística, dada a falta de preservação contínua e assídua das estruturas lá presentes por parte das entidades responsáveis, muito por falta de fundos que não foram disponibilizados, dada a prioridade clara pelo investimento em área urbana, onde a maior parte da população portuguesa habita.

Esta é uma temática abordada por Gonçalo Poeta Fernandes na sua dissertação “Rural depopulation, social resilience and context costs in the border municipalities of central Portugal. Dichotomies of social reorganization vs absence of public policies” (2021), onde embora haja um maior foco nas zonas fronteiriças do centro português com Espanha, toda a zona rural do centro de Portugal sofre de uma tendência de despovoamento acelerada e de um afastamento económico por parte do governo e investidores que procuram o litoral com fins turísticos ou áreas urbanas com fins habitacionais e/ou turísticos. Este afastamento é, de certa forma, o resultado de uma grave desconfiança sobre o futuro destas regiões rurais, precipitando assim um êxodo rural cada vez mais notório. Deparamo-nos com a saída persistente dos jovens destas regiões em procura de oportunidades profissionais nos centros urbanos, promovendo o abandono das atividades económicas ainda existentes (ou sobreviventes) em espaço rural, como a agricultura e a pecuária, o que no fundo leva ao encerramento de muitos destes negócios, limitando ainda mais a pouca oferta existente para quem pretenda ficar.

Na zona centro de Portugal é onde se observa uma perda demográfica extrema, observando-se casos concretos como Penamacor e Sabugal onde houve perdas populacionais acima dos 70% entre 1950 e 2015. Geralmente quem persiste nestes territórios é a população mais envelhecida que sempre lá habitou, no entanto este segmento populacional pouco contribui para o desenvolvimento económico, dado que grande percentagem são idosos reformados que não trabalham ou criam oportunidades de emprego para a comunidade. Adicionalmente, a falta de acesso a serviços essenciais, como hospitais e centros de saúde, torna o espaço rural numa área que aflige as famílias desses idosos, promovendo também a migração de muitos para zonas urbanas para um maior acompanhamento da sua saúde ou então um abandono dos mesmos. Este envelhecimento populacional presente nas zonas rurais acaba por ser um elemento marcante do ambiente e cultura do passado que tenta manter-se presente nestes territórios rurais (Fernandes, 2021).

Fig.15 e 16 Desgaste notório nas portas e janelas da Casa de Paredes.



Na interação com os moradores da Casa de Paredes, estes partilharam as suas perspetivas sobre o estado atual do contexto rural e periurbano no centro de Portugal, mas com um claro foco na aldeia de Paredes. Entre os pontos positivos que mencionaram, houve um maior destaque pela apreciação da serenidade e pelo desacelerar que o ambiente rural lhes proporciona. Nesse sentido, chegam a apontar a escassez populacional como um ponto positivo, dado que lhes confere silêncio. Por outro lado, percebem um atrofamento constante da urbanidade da aldeia como um ponto negativo, porque lhes causa uma tristeza nostálgica pelo que já viveram e pelo que não conseguiram mostrar aos filhos. Enquanto que no “seu tempo” podiam brincar na rua, agora viam os seus filhos sem possíveis amigos com quem brincar, pois na pequena escola que existe na aldeia, apenas uma mão cheia de crianças frequenta.

Quando confrontados com a questão sobre o estado das infraestruturas, a resposta não expressa nem felicidade ou tristeza, mas sim aceitação da realidade, pois já a sua geração estava a meio do processo do êxodo rural onde muitas fábricas e lojas se mudavam para as grandes cidades.

Por fim, neste tópico, ambos gostariam de ver mudanças, mas não se querem iludir e preferem ver a situação com algum pessimismo, conformando-se com a realidade em que vivem.

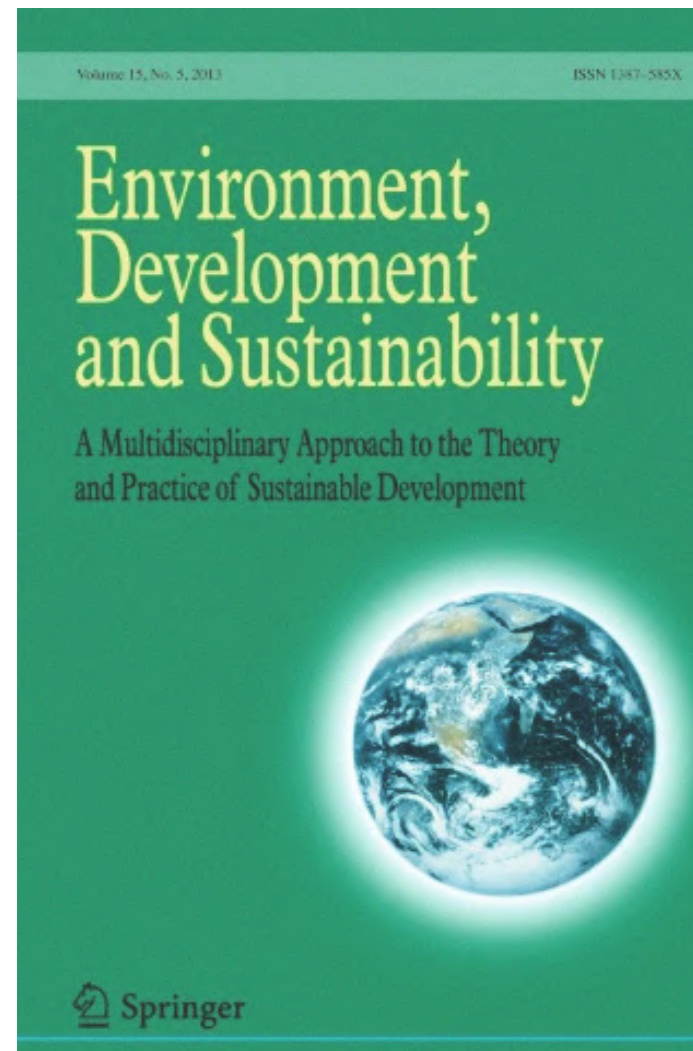
4. Medidas implementadas no espaço rural português

Estas tendências têm-se verificado pela Europa fora nos vários setores sociais e económicos, tomando como exemplo o grande impacto que tem nas indústrias de produtos naturais do sul da Europa, onde Portugal se enquadra. Nesse sentido, governos locais, associações e pequenos negócios tentam fixar a população nestas regiões rurais, de modo a combater o êxodo rural persistente e a auxiliar na revitalização das indústrias que tendem a existir nestas regiões. No entanto, este tipo de contexto dificulta muito quaisquer tentativas de implementação de medidas de combate, tratando-se de situações quase irreversíveis dada a falta de vários componentes necessários: população, estruturas económicas e sociais e, por fim, investimento público e/ou privado.

Relativamente às estruturas sociais, por exemplo ao nível do ensino, observa-se uma redução esmagadora do número de estudantes a frequentar as escolas dessas regiões, uma diminuição entre 42 a 46%. Um menor número de estudantes leva a uma menor necessidade de professores e escolas, o que inevitavelmente resultará num cessar de funções por parte de muitos estabelecimentos de ensino, limitando ainda mais o acesso a este tipo de serviço essencial e o número de oportunidades profissionais associadas ao mesmo (Fernandes, 2021).

Ao nível internacional, a qualidade de vida em área rural é um pilar fundamental na definição de qualquer medida ou estratégia com o propósito de auxiliar na coesão territorial de todos os países europeus e das Nações Unidas (UN). No entanto, tanto a União Europeia (UE) como a UN estão cientes da disparidade entre o desenvolvimento urbano e o rural, da diferença abismal em termos sociais e económicos entre estes e o fenómeno do êxodo rural que desestabilizou quaisquer possíveis progressos que ocorriam em espaço rural. Um exemplo de ação de combate a estas desigualdades é a “Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030”, desenvolvida em 2015 pelas Nações Unidas (UN), esta engloba diversas medidas que promovem uma mudança de prioridades no que toca à sustentabilidade, protagonizando agora facetas esquecidas pelo progresso moderno, como as áreas rurais. O plano passa pela identificação destas áreas como espaços de ligação entre as várias regiões de cada país, denotando a sua importância ambiental, cultural, social e económica, lutando assim por um progresso territorial justo e equilibrado entre área urbana e rural, em prol de um sucesso internacional sustentável.

Fig.17 Livro que inclui o artigo “Building rehabilitation, sustainable development, and rural settlements: a contribution to the state of the art”



Estes avanços políticos definitivamente ajudaram a impulsionar o desenvolvimento de algumas regiões rurais, no entanto a situação continua, na sua generalidade, praticamente igual ao que era antes das mesmas. Segundo o artigo “Building rehabilitation, sustainable development, and rural settlements: a contribution to the state of the art”, desenvolvido por Catarina P. Mouraz, Tiago Miguel Ferreira e J. Mendes Silva, ainda nos deparamos com diferenças significativas no que toca ao desenvolvimento entre área rural e urbana, persistindo a desertificação estrutural e populacional em espaço rural, o que prejudica a população que habita estas mesmas regiões. Adicionalmente, este artigo argumenta que projetos de reabilitação com o foco no melhoramento das condições de vida têm o potencial de reverter esta tendência.

Por falar de reabilitação como possível auxílio às condições de vida, temos no artigo “Rural Schools and Local Development in Portugal: Rehabilitation, Participation and Socio-educational Innovation” (Lúcio, 2017), uma peça informativa que visa a reabilitação de antigas escolas em espaço rural como forma de participar no desenvolvimento sócio-educacional da ruralidade portuguesa. A abordagem presente neste artigo resiste à tentação de observar tudo o que seja produzido sobre uma perspetiva de ganho económico, mas sim procurando seguir uma linha de pensamento virada para o desenvolvimento social da população, para a preservação da dignidade humana e para a reformulação das comunidades que habitam na ruralidade como justificativa para a implementação projetual. Para além disso, existe a noção de que também é necessário investir em microssistemas como as aldeias e não só nos macrossistemas como as cidades, pois a promoção do rejuvenescimento das áreas rurais significa apostar também nos indivíduos que aqui habitam, uma medida que irá sempre beneficiar estas mesmas regiões.

O espaço rural pode não ter o mesmo impacto político e económico que o espaço urbano tem, mas também não é esse o seu propósito. Este passa pela promoção dos valores identificativos do seu país, nomeadamente da sua cultura, através da comunicação da forma como se faziam as coisas tradicionalmente, mantendo vivos os vários costumes e tradições. Adicionalmente, o facto de estas áreas acabarem por ser pontos de concentração populacional espalhados pelo território nacional de cada país e algo isolados do paradigma urbano do mesmo, estes auxiliam na preservação do estilo de vida de antigamente, baseado na subsistência e na sobrevivência independente do composto nacional. Acaba por ser neste sentido que estas comunidades conseguem preservar tanto da cultura nacional de cada país, pois são essas as formas que a população arranhou ao longo do tempo para habitar e prosperar. Esta natureza individual de cada espaço rural necessita de uma abordagem personalizada às suas necessidades e vontades da sua população, logo aquando do desenvolvimento de um projeto de reabilitação, no caso deste artigo trata-se de reabilitação escolar mas é aplicável a outros contextos, é crucial entrevistar habitantes, conhecer e aprender sobre o estilo de vida de cada aldeia e saber ouvir as suas sugestões e requisitos.



Fig.18 Capa do artigo “Rural Schools and Local Development in Portugal: Rehabilitation, Participation and Socio-educational Innovation”



Fig.19 e 20 Jardim interior aos vários edifícios da Casa de Paredes, na frente Sul.

De modo a obter-se um testemunho diretamente da realidade específica de Paredes, optou-se por questionar os moradores da propriedade alvo da proposta de reabilitação. Questionou-se sobre o estilo de vida típico dos residentes da aldeia, como é que este se diferenciava do seu e como um melhoramento urbano poderia transformar a vivência em Paredes.

Relativamente ao estilo de vida típico na aldeia, os moradores apontaram para três tipologias de moradores: morador agricultor, indivíduos que trabalham nos seus jardins durante o dia e aproveitam para tomar um café ao final do dia no minimercado de Paredes; morador comerciante, que são um casal com filhos emigrados, donos do minimercado e que trabalham lá durante o dia e convivem com os clientes até fechar, inclusive com os moradores da Casa de Paredes; por fim, morador emigrado, é atualmente a maior percentagem de habitantes de Paredes, embora apenas estejam em Paredes algumas semanas do ano. Esta distinção permitiu clarificar a situação demográfica da aldeia, onde embora existam várias casas bem mantidas, muitas delas estão vazias maior parte do ano, outras são pertencentes aos poucos idosos agricultores, a casa do casal comerciante e, por fim, os moradores do objeto de estudo.

Os moradores, ao definir o seu estilo de vida, admitem que grande parte do seu dia é passado em Coimbra ou Penacova, a trabalhar e a ir às compras, médico, entre outros serviços. No fundo, durante a semana só aproveitam para estar em casa ou ir tomar um café ao minimercado. Assim sendo, categorizam os fins de semana como as reais oportunidades para experienciar a aldeia, no entanto o minimercado fecha e, segundo eles, qualquer sentido de urbanidade também.

Em suma, aquando confrontados de um possível melhoramento da urbanidade da aldeia de Paredes, os moradores apontam para a falta de atividades aos sábados e domingos, considerando que seria uma oportunidade para interagir com os outros residentes e atrair pessoas de fora, inclusive as famílias de quem lá vive, a passar bons momentos em conjunto, como faziam no passado.

5. Global

Sabendo da possibilidade real de habitar na ruralidade e das lacunas que este contexto apresenta, é necessário adquirir uma perspectiva global de como são feitos os projetos de reabilitação neste tipo de contexto, dada a sua especificidade e relação próxima com a comunidade envolvente. Nesse sentido, alguns casos de estudo foram analisados, onde projetos feitos por inúmeros arquitetos e designers de renome provam que cada vez mais existe a procura pela habitação rural, sendo então necessário aumentar a oferta disponível.

Atualmente são poucos os arquitetos em atividade que são tão marcantes como o britânico John Pawson, um arquiteto que nasceu em 1949 e continua a marcar o espaço arquitetónico com a sua marca muito própria, baseada no Minimalismo. O arquiteto estudou na *Architecture Association* de Londres depois de visitar o estúdio de Shiro Kuramata, um famoso designer e arquiteto japonês, reconhecido pela sua inovação exploratória dos materiais e criação de formas pouco ortodoxas. Esta visita inspirou-o a prosseguir com os seus estudos, tendo saído da *Architecture Association* de Londres em 1981 e criado o seu próprio escritório de arquitetura (WonderGlass, s.d.). Foi exatamente a partir desse momento que John Pawson começou a marcar a sua presença no mundo da arquitetura, procurando solucionar problemas persistentes nos projetos com que se deparava, como a espacialidade, a iluminação, a escala, a proporcionalidade, entre outros, resultando em soluções aparentemente simples, no sentido que o arquiteto procurava simplificar o complicado, comunicando os seus projetos e intenções de forma clara e direta, evitando exageros, pois o próprio John Pawson enquanto indivíduo acreditava na simplicidade na Arquitetura e no Design, apontando a complexidade forçada como um exagero desnecessário.

Este tipo de pensamento acabou por se fundir com a sua abordagem, esta que passa muito pela escala e materialidade aplicadas, sendo estes elementos comunicativos das intenções do próprio espaço. Adicionalmente, John Pawson questiona o excesso de objetos presentes nas nossas casas, procurando criar espaços domésticos adaptados às necessidades de cada cliente com um número reduzido de itens, sendo estes essenciais para o melhor aproveitamento possível dos espaços projetados e que auxiliem na comunicação dos mesmos, como foi referido anteriormente.



Fig.21 Sala de Estar e a ligação ao espaço de Refeição e Confeção.

A *Cotswold Home* é um caso de estudo muito pertinente para o projeto desenvolvido, dado o contexto rural onde foi executado e a celebração da pré-existência, datada de 1610, e da materialidade associada à mesma. Este projeto localizado na região de *Cotswold* em *Oxfordshire* e completado em 2019 foi especial para o arquiteto, pois tornou-se na casa de campo da sua família, onde tinha a ambição de reunir as pessoas de quem mais gostava como também passar temporadas sozinho com a sua parceira, envolvidos pela Natureza envolvente e o silêncio e calma presentes no contexto rural. Para amplificar a sensação de tranquilidade, com a vasta experiência que arrecadou ao longo da sua carreira, John Pawson virou-se para a sua essência enquanto arquiteto e procurou aplicá-la neste projeto, sendo este a sua maior demonstração da sua filosofia arquitetural baseada no Minimalismo, na remoção do desnecessário para uma aprimoração do resultado final (Pawson, s.d.).

O arquiteto insiste em ter uma seleção de materiais muito apertada, limitando-os ao número que considera necessário de modo a não desorganizar ou preencher em demasia o espaço. Neste projeto, demonstra uma preferência pelo betão cinzento, aço inoxidável bruto e madeira de olmo, materiais estes que possuem uma aparência e toque muito naturais, integrando-se muito bem no contexto rural envolvente e no estilo de John Pawson. Para além disso e em destaque, a escolha dos pavimentos mostra a atenção ao detalhe por parte do arquiteto, pois no caso da madeira de olmo, esta é um material de difícil acesso a partir de 1960 com a propagação de doenças sobre esta árvore, no entanto foi feito um esforço por encontrar a espécie de árvore de onde foi retirada a madeira originalmente para manter parte da identidade da propriedade, dado que esta era construída com base neste material e, por outro lado, a opção pelo betão cinzento foi feita com o propósito de respeitar as cores da pré-existência, mas com uma abordagem contemporânea na escolha de um material que geralmente não era visto como “nobre”, mas foi usado como pavimento cru neste projeto (Block, 2020).

Fig.22 Sala de Jantar e Cozinha com ligação interior-exterior proeminente.



A seleção de materiais acaba por ser uma peça chave para a ligação entre o ambiente rural e esta proposta de reabilitação, pois sendo esta assente numa aproximação à construção moderna e que tenta respeitar o traço do edifício pré-existente, alterar o passado resulta sempre num distanciamento e distúrbio do que foi feito anteriormente. Mesmo assim, revê-se na materialidade uma solução que consegue albergar dois dos principais objetivos conceptuais: a elevação e aproveitamento da pré-existência e a conexão com o contexto rural adjacente - aspetos que são determinantes neste tipo de projetos, pois assim adquirem sentido e razão de existir, como existem e onde existem. A utilização de materiais como o betão e aço inoxidável bruto, que são materiais frios que indicam noções estruturais e funcionais respetivamente, proporcionam a identificação clara daquilo que são as linhas condutoras da intervenção que o projeto de reabilitação seguiu e aplicou sobre o edifício, demonstrando também a própria utilização e funcionalidade dos espaços. Noutro registo, a madeira de olmo combate a frieza destes dois materiais e garante calor e conforto visual ao utilizador, fornecendo o toque térmico e tátil imprescindível num lar.

Embora o projeto tenha sido executado com sucesso, o arquiteto admite que aquando da visita da pré-existência com amigos seus, que estes se encontravam com muitas dúvidas relativas à viabilidade da reabilitação do edifício, no entanto Pawson permaneceu confiante sobre o vasto potencial que a propriedade apresentava.

Outro aspeto importante a destacar é a noção que o arquiteto apresenta após a conclusão de qualquer projeto - o aprender a viver no espaço - pois mesmo tendo sido ele a desenhar os espaços, John Pawson menciona a necessidade de aprender a rotina, ritmo e comportamentos da *Cotswold Home*, a coreografia específica desta propriedade, algo que, na sua perspetiva, é um elemento que existe em cada casa que projeta, quase que funcionando como auxílio à identidade própria das mesmas. O objetivo passa por suavizar esta curva de aprendizagem ao máximo, tanto para os seus clientes como para o próprio arquiteto neste caso, procurando uma transição natural entre a sua residência permanente e a sua casa de campo em *Cotswold*. A facilidade ou não desta aprendizagem é, para Pawson, o maior desafio que arquitetos e designers de interiores têm que enfrentar na projeção dos seus espaços (Nowness, 2024).

Este arquiteto e este projeto foram estudados com especial atenção devido à exemplar abordagem material e minimalista que apresenta, pois impulsionou o desenvolvimento desta proposta de reabilitação em espaço rural. Com isto dito, foi necessário abordar outros exemplos de reabilitação na ruralidade de modo a compreender a melhor forma de se navegar projetualmente neste contexto. Nesse sentido, seleccionaram-se mais três casos de estudo que adicionaram perspetivas e aplicações diferenciadas mas complementares que, no fundo, auxiliaram a exploração de vários elementos projetuais inerentes à elaboração de uma proposta fundamentada.



Fig.23 e 24 Relação entre a preservação da pré-existência e a construção nova.

O próximo caso de estudo abordado também se situa em Inglaterra, mais propriamente em Norfolk Broads, e é também uma habitação em contexto rural chamada *Hunsett Mill*. Trata-se de uma propriedade constituída por 2 edifícios principais: a casa para fins habitacionais e um moinho de apoio à habitação. Esta habitação principal era, na altura, habitada pelo responsável do moinho, moinho este especial pela sua raridade, pois é um dos últimos moinhos em Inglaterra, que sendo alimentado pelo vento, tinha o propósito específico de bombear água. No seu passado, esta propriedade contava com um edifício principal em constante crescimento, com a adição de extensões ao longo do tempo, no entanto, o grupo ACME, aliado a Karoline Markus, Nerea Calvillo e Chris Yoo, foram responsáveis pela reabilitação desta propriedade e decidiram remover quaisquer extensões feitas no passado e olhar para o edifício original como ponto de partida do projeto a desenvolver (Hofmeister, 2018).

O grande fator para se tomar esta decisão foi a ocorrência frequente de inundações da habitação dado o mau planeamento destas extensões, pois estas, ao procurarem adicionar espaço necessário ao habitar, provocaram subsidência do solo, ou seja, ocorreu um rebaixamento da superfície do terreno relativo à superfície adjacente, resultando na criação de uma área côncava na qual se situava a casa, onde naturalmente a água da chuva se iria reunir e inundar o edifício. Com isto dito, os novos proprietários da moradia e do seu respetivo terreno pediram mais espaço habitacional aos projetistas, por isso estes decidiram adicionar uma única extensão e de um lado só, de modo a não sobrecarregar o solo. Esta extensão foi projetada com a ideia de representar a “sombra” do edifício original, aplicando materiais escuros sobre este novo volume para remeter a essa mesma narrativa. Ao longe, este novo volume, graças à sua geometria, mostrou-se ser uma figura algo ambígua, mas quando visto ao perto, deparamo-nos com um contraste evidente entre a construção em alvenaria e a tipologia clássica do edifício antigo com a nova construção contemporânea em madeira laminada e grandes painéis de vidro. Porém, a utilização de telhados inclinados e de revestimentos em madeira escurecida conectam-se com a linguagem vernacular de Broads, dada ser esta a construção típica desta região. Adicionalmente, a própria proporção desta extensão mantém uma relação de subordinação relativa à pré-existência, procurando manter a identidade histórica da propriedade em que reside, comprovando-se a busca pela celebração da mesma e não uma tentativa de imitação da linguagem arquitetônica local (ACME, 2010).

6. Local

De forma a realizar um projeto de reabilitação em contexto rural português, torna-se também necessário obter uma perspetiva nacional daquilo que são as reabilitações em terreno português. Para esse fim, foram analisados alguns casos de estudo em território nacional, procurando uma diversidade de projetos habitacionais feitos por arquitetos e designers que atuam no ramo da reabilitação rural, das quais consiga retirar inspiração e compreender metodologias específicas à projeção habitacional específica a este contexto.

Nesse sentido, optou-se pela exploração de dois casos de estudo em territórios bastante contrastantes de modo a retirar o máximo de informação possível. O primeiro caso de estudo em terreno nacional é a **Casa Fonte Boa**, situada na aldeia de Fartosa, Penela, no distrito de Coimbra, esta foi projetada por João Mendes Ribeiro e concluída em 2015. Esta propriedade encontra-se envolvida por um contexto rural tipicamente português e muito próprio da zona centro, algo chave aquando da pesquisa para a execução deste projeto de reabilitação.



Este edifício habitacional unifamiliar possui também um terreno agrícola adjacente que promove ainda mais esta conexão com a terra, desde a sua plantação como também o usufruto da mesma para nos conectarmos com o nosso espírito no silêncio da ruralidade e no abraço orgânico que este tipo de ambiente promove sobre os nossos sentidos. A casa em si proporciona ao utilizador esta ligação forte com o exterior através de grandes janelas que permitem a entrada solar e, também, a entrada olfativa e sonora das rotinas vividas pela aldeia fora. Grande parte da vista que a casa oferece é presenteada por oliveiras de diversas gerações, que preenchem os vastos campos em redor desta habitação e se propagam de forma livre e aleatória, mas também coordenada e linear em quintas vizinhas. O edifício em si é o resultado de um projeto de reabilitação que assumiu a construção de um módulo geométrico com uma linguagem vernacular naquilo que é a idealização da cobertura, pois sendo de duas águas, esta assemelha-se à construção rural típica da região e também do nosso país. Fora este pormenor, o edifício em si não denota grandes parecenças com outras habitações da região, permitindo-se ter a liberdade criativa de explorar outras formas de respeitar a identidade própria do terreno e do contexto de Fartosa. Esta liberdade levou o arquiteto a utilizar o declive presente na morfologia do terreno como fonte de inspiração, não o tomando como um possível problema ou entrave, mas sim como uma oportunidade. Nesse sentido, optou-se por criar um edifício retangular de dois andares que apoiou a sua extremidade oposta à entrada numa base de betão, a qual foi aproveitada para ser uma garrafeira. Esta projeção do edifício garante-lhe uma presença marcante e algo imponente sobre o terreno em redor, demarcando-se também pela utilização de uma sucessão de plataformas para entrar no edifício, que confere um tom dramático e teatral. Adicionalmente, a aplicação de tinta branca e cobertura em zinco, materiais extremamente contrastantes com as colinas verdes da região, conferem protagonismo ao edifício. No entanto, no interior, estes contrastes não são tão claros, pois a utilização de madeiras quentes e mobiliário caseiro em combinação com vistas amplas, visíveis através das janelas espalhadas pela habitação, criam um ambiente tipicamente rural pela grande presença de Natureza. Adicionalmente, a conjugação entre o mobiliário tipicamente confortável e uma materialidade acolhedora remete à ideia de “lar”, por ser algo que esperaríamos encontrar em casa (Ribeiro, 2015).

No fundo, esta propriedade destaca-se pela forma inovadora de entender um projeto de reabilitação e da sua inserção em contexto rural, pois embora geralmente estejamos predispostos a procurar integrar habitações no seu contexto próprio através da sua forma, materialidade e cor, neste caso de estudo foi possível compreender uma perspetiva diferente de entendimento da identidade da propriedade e de como a elevar ainda mais através da morfologia do próprio terreno. Por outro lado, a materialidade do seu interior corresponde mais às expectativas que temos de um projeto desta tipologia, observando-se assim uma procura por um equilíbrio na execução desta atuação.

Fig.25 e 26 Utilização de grandes janelas para emoldurar a Natureza.



Fig.27 Edificação a partir da ruína.

O segundo caso de estudo em terreno nacional é a *E/C House*, em São Miguel, Açores, realizada pelo grupo SAMI-Arquitectos. Esta propriedade ganhou protagonismo pelo facto do edifício habitacional da mesma se encontrar incrustado na ravina da própria ilha de São Miguel, demonstrando uma relação corporal entre o edifício e a ilha, algo que quase se assemelha a um acontecimento natural, que sempre lá esteve. Com isso em mente, torna-se notável o respeito e preservação que o grupo de arquitetos teve para com essa relação e por onde baseou a sua intervenção. Esta preservação foi alcançada através de uma protagonização das fachadas da pré-existência, pois embora o edifício se encontrasse inabitável, tanto o cliente privado como o grupo SAMI procuraram manter o máximo da identidade da propriedade e isso incluiu as fachadas e o terreno anteriormente agrícola adquirirem protagonismo, em termos históricos e de aproveitamento do espaço exterior respetivamente. A importância de preservar as fachadas foi fundamental para ligar o projeto de reabilitação à propriedade e contexto adjacentes, pois a construção em basalto negro, pedra vulcânica típica da região, conecta a propriedade à ilha. No entanto, para esta propriedade se tornar novamente habitável, o grupo SAMI criou volumes geométricos em betão dentro do desenho pré-existente, sendo este determinado pelas fachadas dos edifícios e muros anteriormente presentes na propriedade. Assim sendo, o utilizador dos espaços é confrontado com vistas tipicamente açorianas através de qualquer janela que utilize, pois verá sempre uma combinação de basalto negro, de um mar agressivo e ervas verdes e húmidas que crescem entre os vários espaços exteriores e em recantos da própria fachada exposta ao ambiente selvagem do meio atlântico. De modo a fortalecer esta relação interior-exterior, optou-se pela utilização de grandes janelas de modo a entrar o máximo de luz, ar e ambiente para dentro destes módulos de betão, que também irão ganhar personalidade própria com o passar do tempo. Adicionalmente, a escolha de colocar as áreas privativas, como os quartos e closets, no rés do chão, demonstra a vontade de criar espaços mais resguardados onde o silêncio sonoro e visual são preservados através de uma ligação mais forte com a pré-existência, esta que ajuda a proteger o utilizador das condições adversas do ambiente açoriano e, por outro lado existe também a possibilidade de explorar o exterior adjacente ao andar sobre o solo feito de sedimento de basalto, um material que conecta esse mesmo utilizador com a ilha de São Miguel. Em contraste, as áreas sociais, como as salas e cozinha foram colocadas no primeiro andar, o que demonstra a vontade de criar espaços completamente virados para o frenesim natural que existe nas imediações da propriedade e nutrir esta relação quase umbilical com o exterior (Hofmeister, 2018).



Fig.28, 29 e 30 Construção do habitar dentro de um habitar passado.

Em termos da materialidade, torna-se claro a intenção de utilizar materiais como madeiras mais avermelhadas e metais mais quentes de modo a obter conforto e calor num contexto extremamente agressivo e ventoso como é a ilha de São Miguel, assumindo a prioridade de elevar a habitabilidade dos espaços interiores da propriedade e proporcionar um ambiente calmo e conectado com o espaço exterior de forma ponderada.

Por fim, este projeto demonstra a grande vontade de preservar o pré-existente, mesmo apenas alguns muros e fachadas sejam destruídos com o passar do tempo, são estes elementos que comunicam muito daquilo que a propriedade era e podia vir a ser no futuro. Para além disso, observa-se também que a relação entre cliente e arquitetos/designers foi fundamental para manter este registo muito açoriano, pois ambos os lados desejavam esse mesmo objetivo.



Explorar estes casos de estudo permitiu obter uma perspetiva mais abrangente sobre a valorização da pré-existência: como a abordar e o que enaltecer para iluminar a identidade própria de cada edifício e o seu respetivo contexto. Outro fator importante a considerar é a noção de que, apenas por ser antigo, não significa que o edifício sofra de má construção ou tenha materiais menos nobres. Por vezes, deparamo-nos com o cenário oposto e encontramos materiais que, hoje em dia, seriam impensáveis usar para a construção de novas habitações a preços acessíveis para novas famílias, mas que na altura em que foram construídos eram a norma. A causa para a deterioração destes edifícios passa então, na sua generalidade, pela falta de manutenção e cuidado dos mesmos. Esta falta de atenção ao que foi outrora construído deixou grandes oportunidades para possíveis interessados em habitar na ruralidade, daí surgirem projetos de reabilitação com grande foco na preservação da identidade única destes edifícios e, para isso, grande partes das vezes, os projetistas optam pela utilização de materiais tradicionais para a reabilitação destas propriedades. No entanto, este exemplo de ambição projetual nem sempre é partilhada pela equipa que é necessária ser composta para um projeto desta Natureza. Empreiteiros e investidores geralmente preferem a utilização de materiais já pré-preparados, prontos a instalar e aplicar, os quais nem sempre correspondem à pré-existência dada a oferta limitada desta tipologia de materiais, tornando-se assim num ponto de tensão na obra, algo que leva muitas vezes os arquitetos e designers a fazer um esforço extra para cumprir as expectativas lançadas aquando da projeção da reabilitação (Silva, 2015).

No fundo, acaba por ser função dos projetistas identificar e interpretar o *briefing*, desenvolver uma estratégia que corresponda a este e manter o rumo até ao final da execução do projeto. Por isso, torna-se crucial optar por escolhas pertinentes e objetivas, as quais, em contexto rural, muitas vezes assentam sobre a relação entre a pré-existência e o seu ambiente. Também é importante abordar a relação entre a funcionalidade e a materialidade dos espaços e como estes se relacionam com a identidade da propriedade. Dessa forma, assegura-se o futuro construtivo e habitacional da mesma, como por exemplo através da execução de obras sustentáveis e socialmente conscientes.

7. O Habitar Japonês e a conexão com o *Zen* e o *Wabi-Sabi*

O projeto de reabilitação da Casa de Paredes é uma busca pela relevância na procura por soluções habitacionais em meio rural e, também, uma investida à descoberta das valências que a adaptação de uma cultura tão rica e tão longínqua como a japonesa, pode ter na reabilitação da vida no silêncio rural português. O habitar japonês é muito diverso, desde a existência de altos arranha-céus que desenham o contorno urbano, “hotéis cápsula” que desafiam o termo habitar ou então a shitamachi, “cidade baixa”, um termo que representa bairros algo modestos, compostos por edifícios predominantemente de 2 andares onde artesãos e mercadores habitavam e praticavam as suas especialidades. Talvez por isso, foi aqui onde grande parte dos valores tradicionais japoneses se encontram preservados, surgindo assim como uma excelente oportunidade de análise do habitar japonês (Santos, 2012).

Esta tipologia de habitação é imensamente comum no Japão e retrata a forma como milhões de japoneses habitavam no passado e na atualidade. Um exemplo é a *Nishioshikoji-Cho Machiya*, uma casa geminada (esta tipologia de casa denomina-se de machiya em japonês), algo muito comum até aos anos 2000 em Kyoto, cidade onde se localiza, no entanto com a entrada de população com maior poder de compra, muitas destas casas foram adquiridas e alteradas. Nesse sentido, ter a oportunidade de analisar esta habitação é equivalente a olhar para o passado e como o habitar japonês existiu ao longo do tempo. Esta moradia foi construída em 1890 e, em termos construtivos, assume características próprias dessa altura e da tipologia de habitação a que pertence (machiya), como a inclusão de um jardim interno (tsuboniwa) e a utilização de vigas rústicas no teto do último andar do edifício como método de suporte do mesmo. Em termos de equipamento, mobiliário e decoração, esta habitação apresenta tapeçarias sudare em bambu, telas dobradiças byobu do período Edo, cestas de bambu, painéis de separação de áreas e/ou de manipulação luminosa em madeira e papel de arroz, janelas envidraçadas inseridas em portas shoji de papel de arroz (yukimi-shoji), janelas circulares (marumado) com malha de madeira entrelaçada, mesas de apoio baixas, vasos cerâmicos, caligramas e poemas shikishi nas paredes, tapetes tatami, entre outros. Quanto à materialidade do espaço, este é composto por 5 materiais principais: bambu, madeira, papel de arroz, cerâmicos e vidro (Taschen, 2007).



No fundo, esta habitação demonstra de forma fidedigna o habitar japonês tradicional, um habitar focado na serenidade e na introspecção, conferida pela inclusão de espaços privativos dentro e fora do edifício. Também é um habitar focado na conexão com a Natureza, feita através da priorização da entrada de luz, da filtração da mesma e, também, da ventilação criada pelas várias aberturas, como são exemplo as janelas marumado, que são perfurações na parede que permitem uma circulação de ar constante. Adicionalmente, o habitar japonês também se foca num habitar presente, na espacialidade atual e não no movimento do futuro, sendo isto alcançado com a utilização de cotas mais baixas nos equipamentos e mobiliário escolhido, que proporcionam maior amplitude visual, adquirindo a noção da existência de mais espaço. Para além disso, confere também uma diminuição do peso visual ao ter elementos mais pesados visualmente mais perto do chão e, por fim, um conforto visual aperfeiçoado, pois ao ver o mobiliário e os equipamentos mais baixos, estes tornam-se mais domésticos e, por sua vez, mais apetecíveis para relaxar e usufruir.

Fig.31, 32 e 33 Manipulação, filtração e captação luminosa.





Fig.34 O envolver da Natureza em busca de um ambiente calmo e conectado com o mundo.

Outro exemplo do habitar japonês, mas agora de uma moradia mais nobre, é a *Sugimoto House*, um dos últimos exemplos de casas machiya nobres, que foi projetada por Utako Sugimoto e também se localiza em Kyoto. A estrutura atual data de 1870, tendo sido fundada em 1767 e, talvez por isso, esta moradia alberga peças icônicas do design japonês e asiático, como por exemplo um altar budista laqueado em ouro altamente ornamentado, uma kanban (tabuleta antiga de comerciantes de kimonos) da época, uma cortina noren inscrita com o ideograma de “cedro”, derivado do nome da família Sugimoto, um kimono azul (tratava-se de um pigmento muito caro na altura) com o motivo de lanternas chinesas, entre outras peças raras. Esta habitação é considerada a machiya mais esplendorosa de Kyoto, sendo demonstrando a nível construtivo através de alguns elementos, como o desenho geométrico que define a estrutura do edifício, a existência de janelas viradas para o exterior da habitação, de um jardim interno com uma grande bacia de arenito sobre uma piscina de seixos, de uma cozinha aberta com pé direito de oito metros, de três armazéns (kura) de apoio à cozinha, de uma entrada dupla (genkan) que permite ao utilizador escolher entre usar a entrada quotidiana em direção à cozinha ou, então, a entrada formal para a casa principal, de uma claraboia que ilumina essa mesma entrada e, por último, da aplicação de ripas de bambu (inuyarai) como revestimento exterior protetor das paredes interiores. Relativamente aos equipamentos e mobiliário, esta casa presenteia quem a visita com persianas típicas de Kyoto, cortinas misu extremamente luxuosas com padrões ondulantes de bambu partido, biombos articulados, portas corredeiras opacas (fusuma) no inverno e portas de bambu no verão, entre outros pormenores muito próprios à personalidade desta residência. Com isto dito, entende-se que ao nível dos materiais, este edifício apresenta alguns materiais comuns à casa anterior, como a utilização de bambu, madeira e papel de arroz, no entanto, destaca-se com o uso de materiais nobres como o ferro fundido na cozinha e em utensílios, cobre nas lanternas e ouro no altar. O uso destes materiais é um grande fator de diferenciação relativamente à casa anteriormente analisada, aliado também às questões construtivas e de equipamento e mobiliário (Taschen, 2007).

Em suma, esta habitação representa o habitar japonês das famílias nobres de Kyoto, que para além de tocar nos mesmos pontos que o habitar que a outra casa analisada anteriormente, adiciona uma vertente de admiração da cultura japonesa e asiática, algo que procuram incluir nos seus espaços. Adicionalmente, observa-se também uma continuação da implementação de materiais no seu estado natural nos vários espaços, mas agora de forma mais opulenta, como é o caso do revestimento de bambu nas paredes exteriores ou a grande bacia de arenito sobre uma piscina de seixos. Esta opulência é visível em outros espaços e com outras funções, como por exemplo o uso de cortinas misu para dividir áreas ou, por outro lado, o desenhar de novos espaços próprios para a celebração religiosa, como o altar budista em ouro.



Fig.35 e 36 Grandes aberturas que ligam o utilizador à Natureza exterior.



Após analisar estes dois exemplos, conclui-se então que o habitar japonês, ao longo do tempo, promoveu a serenidade, a introspeção, a conexão com a Natureza, o viver no presente, a admiração cultural e a relação com a religião, aspetos essenciais à sua identidade e que se espelham nos espaços em que habitam. Esta identidade encontra-se inseparavelmente associada à filosofia *Zen*, dada a necessidade de habitar no silêncio para criar espaço para viver, mas isso é algo que será abordado mais à frente.



Fig.37 Contraste entre a construção tradicional e uma abordagem contemporânea brutalista.

Para além da análise destas habitações, torna-se pertinente entender a visão de alguns dos maiores arquitetos e designers japoneses, como Tadao Ando, Kenzo Tange e Kengo Kuma, pois o interpretar das suas opções auxilia na criação de uma imagem mais clara da perspectiva japonesa do habitar, desde o clássico ao contemporâneo, e como estes criam uma relação de provocação moderada entre espaços clássicos e o seu contraparte contemporâneo.

Tadao Ando é um arquiteto japonês nascido em 1941 e é vencedor de um Pritzker, o prémio de maior destaque no espaço da Arquitetura. Na sua adolescência, Ando já construía modelos em madeira de aviões e navios numa tentativa de entender e moldar o mundo à sua volta, utilizando técnicas que aprendeu com um artesão que trabalhava no outro lado da rua da sua casa, numa shitamachi. Eventualmente, após ter tido um período em que se dedicou ao boxe e à condução de camiões, Tadao Ando começou a interessar-se por Arquitetura, e visitou inúmeros templos, altares, casas de chá espalhadas por Nara e Kyoto. Nas suas próprias palavras, o arquiteto estava “(...) estudar Arquitetura ao visitar edifícios reais e a ler sobre os mesmos” (Pritzker Architecture Prize, 1995).

Esta perspectiva muito própria do arquiteto demonstra o seu interesse genuíno pela Arquitetura e, por sua vez, pelo habitar. Um exemplo da sua determinação é a “*Casa Azuma*” ou Row House, pois não só foi um projeto que desenvolveu muito cedo na carreira, como foi vencedor do prémio anual do Instituto Japonês de Arquitetura em 1979. Esta edificação localiza-se num bairro de Sumiyoshi, onde o espaço para construção era e é extremamente limitado devido à crescente população urbana. O projeto em si, de forma literal, é uma reflexão para o interior, no sentido em que o edifício não possui janelas viradas para o exterior da propriedade, mas apenas para o pátio interior. No entanto, o propósito deste projeto não passa apenas pela sua literalidade, mas também pela conotação espiritual e sentimental que possui, pois a intenção por trás da criação desta estrutura envolvente é a procura pela proteção do inquieto e barulhento contexto urbano que reside fora daquelas paredes e, também, para proporcionar um espaço de introspeção pessoal. Para atingir estes objetivos, Tadao Ando fugiu à tradição e criou este volume de betão (algo que fez inúmeras vezes, como por exemplo na Yagi House) no meio de uma floresta de casas tradicionais japonesas, destacando-se e contrastando com as mesmas, algo que demonstra a necessidade de escapar à normalidade caótica vivida pelas outras pessoas ao seu redor, criando assim um refúgio de calma e tranquilidade, focado numa reflexão interior individual. A manipulação da luz e a utilização de espaços vazios, elementos já destacados anteriormente como fulcrais ao habitar japonês, permitem ao utilizador experienciar o espaço e o ambiente de forma pessoal e única, algo essencial para uma vivência plena (ArchEyes, 2024).



Fig.38 e 39 Aproveitamento máximo da luminosidade disponível para a criação de um pátio interior.

Este projeto permite entender um pouco sobre a forma como Tadao Ando e outros arquitetos japoneses interpretam o habitar, a importância que lhe dão, mesmo que vá contra a norma, a expectativa e a tradição. Adicionalmente, observamos a relevância que a introspeção tem na vida dos japoneses, pois o arquiteto desafiou o contexto da propriedade para satisfazer esta necessidade de viver uma vida calma e conectada, um símbolo e ideal da filosofia *Zen*.



Fig.40 Espaço transitório, entre o interior e o exterior.



Outra personalidade marcante no espaço da Arquitetura foi Kenzo Tange, um símbolo da Arquitetura japonesa. Nasceu em 1913 em Osaka e formou-se em Arquitetura em 1938 na Faculdade de Engenharia, Departamento de Arquitetura, da Universidade Imperial de Tóquio. Para além de atuar como arquiteto, Kenzo Tange também atuou como professor nesta mesma universidade e pelo mundo fora, incluindo Harvard, o Politécnico de Milão, entre outros. Esta parte da sua profissão levou a que o arquiteto ensinasse e inspirasse inúmeras personalidades japonesas como Takashi Asada, Sachio Otani, Koji Kamiya, entre tantos outros. A sua profissão enquanto arquiteto de sucesso e vencedor de inúmeros prémios, como as medalhas de ouro que recebeu de várias academias e institutos como a Académie Royale d'Architecture, o Royal Institute of British Architects e o American Institute of Architects, e de vários concursos de Design, como por exemplo a competição para projetar o Peace Memorial Park e o seu respetivo museu em Hiroshima, em combinação com a de professor, permitiu-lhe influenciar gerações e gerações de projetistas japoneses e internacionais. No campo internacional, a criação dos seus próprios grupos e organizações em 1961, como a Kenzo Tange e a URTEC, proliferaram o design japonês pelo mundo fora e em ramos mais específicos como o estruturalismo, fazendo parte de projetos de renome como o Yoyogi National Gymnasium. Todo este sucesso advém de um dos fatores que distingue e diferencia Kenzo Tange de outros projetistas, a sua metodologia. Esta era única na altura, pois Tange foi o primeiro arquiteto a basear a sua metodologia na combinação de elementos tradicionais japoneses com estilos ocidentais contemporâneos, algo muito relevante no mundo da Arquitetura e, claro, para o projeto de reabilitação da Casa de Paredes, dado que este procura seguir essa mesma metodologia. (Tange Associates, s.d.).

O impacto e a influência que Kenzo Tange teve e tem na Arquitetura japonesa levou a que outros arquitetos seguissem a sua metodologia e a adaptassem à sua autoria individual. Um desses casos é Kengo Kuma, do grupo KKAA, que projetou a *Engawa*. Esta estrutura é uma cobertura de madeira com ornamentos tipicamente portugueses - azulejos brancos feitos à mão - e tem o propósito de definir um espaço de transição, espaço esse que permite a ligação entre o espaço interior e o espaço exterior de forma natural, proporcionando uma conexão intensa com a Natureza envolvente, com a tranquilidade dos jardins e espaços verdes que envolvem a Fundação Calouste Gulbenkian. Esta conexão procura traduzir-se numa harmonia tipicamente japonesa, aproximando o utilizador ao mundo natural, da sua verdadeira origem. Para esse efeito, Kengo Kuma e o seu grupo KKAA decidiram aumentar a vegetação dos jardins, criar espelhos de água, diminuir as cotas das paredes antigas que de certa forma fechavam o jardim e construir novos caminhos pedestres, de modo a abrir a fundação e os seus espaços verdes para a cidade capital e para futuros utilizadores dos espaços. Esta abertura permitiu uma circulação mais livre, assemelhando-se a uma deambulação sensorial pela Natureza, pela arte e pela urbanidade lisboeta. Para além de proteção, a cobertura também simboliza a união de duas culturas, pois a combinação da geometria e materialidade japonesa com o azulejo português cria um espaço de conforto e de calor humano através do respeito que ambas as culturas têm pela capacidade artesã e pela Natureza (Kengo Kuma & Associates, s.d.).

Fig.41 e 42 A manipulação dos volumes e das cotas proporciona espaços mais abertos ou mais fechados.



O papel da *Engawa* na Fundação Calouste Gulbenkian é de ser um espaço de celebração da cultura e arte japonesa em território nacional português, criando uma ponte entre os dois países. Aqui, exposições são montadas, filmes e curtas metragens são apresentadas e, no fundo, permite ao público português aprender um pouco mais sobre o Japão e a metodologia artística japonesa nos seus vários campos, algo pertinente para o entendimento da Arquitetura e Design japonês, aspetos vitais ao projeto de reabilitação proposto (Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.).

8. Relação entre o Zen e o Wabi-Sabi

Com esta análise de inúmeros casos de estudo e projetistas japoneses, entende-se que a filosofia *Zen* tem um papel fundamental no habitar japonês, daí ser essencial explorar esta filosofia. Em adição, propus explorar o *Wabi-Sabi*, um movimento estilístico e de lifestyle japonês, e uma possível relação entre este e a filosofia *Zen*.

Primeiramente, o que é *Zen*? Trata-se de uma filosofia de origem budista, mais especificamente Budismo Mahayana, e tem como objetivo promover um caminho de auto-realização através de meditação sentada (*za-zen*). Esta meditação cria espaço na mente humana para adquirir uma sabedoria que não discrimina, que aceita e entende e que, eventualmente, leva o praticante a despertar (satori). Esta filosofia afasta-se da noção de uma existência convencional em dualidade (corpo - mente ou bem - mal), mas opta então por uma abordagem holística que incentiva ao acolhimento do outro e dos acontecimentos diários com amor e compaixão. A ideia passa por transformar a mentalidade egoísta e materialista que corrompe o ser humano numa mentalidade que apela à simplicidade e à conexão direta com a realidade envolvente, inclusive com a Natureza, pois é um fator determinante na vida humana. Trata-se de ter uma visão totalitária e crua sobre os acontecimentos diários, não separando as partes do todo e rejeitando o invisível e o implícito, procurando sempre o visível e explícito. No fundo, a filosofia *Zen* passa pelo equilíbrio entre pensamentos e os efeitos dos mesmos, ou seja, não é sobre escolher um pensamento ou outro e aceitar as consequências dessa mesma escolha, mas sim optar por uma abordagem equilibrada e benéfica ao ser humano, escolhendo interromper julgamentos exteriores enquanto se medita, desenvolvendo uma terceira perspectiva de pensamento que transcende os pensamentos convencionais e eleva o crente a uma realidade mais feliz, conectada com o mundo e consigo mesmo (Nagatomo, 2006).

Fig.43 *Zen*, conexão corporal e espiritual com o mundo e com o ser humano.



Agora que se abordou a filosofia *Zen*, falta entender o que é o *Wabi-Sabi* e qual será a possível relação com o *Zen*. *Wabi-Sabi* é conhecido, na sua generalidade, por ser um movimento estilístico e uma filosofia baseada na apreciação da imperfeição dos materiais, em termos estilísticos, e da imperfeição na vertente do estilo de vida, no entanto, é mais profundo que isso. No Design japonês, *Wabi-Sabi* representa a beleza que se encontra na imperfeição, impermanência e na incompletude, seja em objetos riscados ou a tinta da parede a perder cor, este movimento foca-se nas incontornáveis alterações que o tempo tem sobre o que nos rodeia. Acaba por ser essa mesma Natureza transitória que o *Wabi-Sabi* reconhece e celebra, pois nada fica parado no tempo e a perfeição não existe, por isso tudo se encontra em transformação e existir significa ser-se imperfeito. Por outro lado, como estilo de vida, este movimento foi altamente influenciado por outras tradições japonesas como o Shinto, que venera a Natureza, a simplicidade, a autenticidade e até o vazio, pois a existência de espaço não preenchido traduz-se numa intenção, neste caso de deixar algo em aberto. O próprio nome é a junção de dois termos: *Wabi*, que significa humildade, simplicidade e a apreciação da conexão com a Natureza; *Sabi*, que significa a passagem do tempo e a apreciação pelo ciclo da vida. Em suma, o *Wabi-Sabi* vai contra ideais ocidentais, pois enquanto estes ambicionam atingir a perfeição absoluta, esta filosofia japonesa procura valorizar a realidade como um plano de existência crua, concreta e influenciada pelo tempo e ambiente em que se insere (Davies, 2015).

Conclui-se então que *Zen* e o *Wabi-Sabi* são filosofias que se relacionam em inúmeros pontos, como a apreciação da simplicidade, do vazio e da conexão crua com a realidade que habitamos. Por outro lado, complementam-se, pois enquanto que o *Zen* promove uma visão de compaixão e de restrição de julgamentos, o *Wabi-Sabi* promove a apreciação pela Natureza transitória e a imperfeição do nosso mundo. Em termos projetuais, ambas se conectam na necessidade de ter espaços calmos e silenciosos onde os utilizadores possam ter sessões de introspecção, meditação e conexão com o ambiente, algo que o contexto rural oferece, dada a sua ligação umbilical com a Natureza e a sua rotina.



Fig.44 *Wabi-Sabi*, a apreciação da imperfeição e da inevitável passagem do tempo.



III. Apropiar

9. Relação entre o Habitar Japonês e a ruralidade

Após a exploração de alguns casos de estudo em território japonês, a filosofia *Zen* e o *Wabi-Sabi*, é aparente a relação próxima que existe entre a vivência interior e a exterior, feita através de uma grande admiração por componentes elementares do nosso planeta como a luz e o ar fresco, fatores determinantes para uma vida plena e conectada no silêncio rural. Acaba por ser este mesmo silêncio e tranquilidade que auxiliam à criação de um contexto ideal à conexão espiritual e com a própria terra que pisamos. Ajuda os indivíduos a conectarem-se com eles próprios e assim ter um estilo de vida mais terrestre e desacelerado, contrastando com a rapidez urbana que se vive nas grandes cidades. A rotina rural promove uma vida de aceitação da imperfeição e um abraço ao presente, ao viver um dia de cada vez, pois por mais erros ou falhas que surjam, haverá sempre tempo para as corrigir se necessário. Por vezes, são mesmo essas falhas que fazem crescer a ligação que temos com o que nos rodeia, pois tornam-se em símbolos da reflexão da nossa identidade nos espaços em que habitamos e do tempo que passa. Assim sendo, o habitar japonês conecta-se de forma natural com a vida na ruralidade, porque, em conjunto, ambos partilham ideais de uma vida preenchida com crescimento na paz da Natureza.



Fig.45 Espaço que realça a sua origem histórica e preserva o desgaste material.

10. Adaptação do Habitar Japonês ao contexto europeu e português

Agora que a relação entre o habitar japonês e a ruralidade se encontra mais definida, existe a necessidade de entender como traduzir as noções do habitar japonês para um contexto mais europeu e, por sua vez, mais português. Só assim será possível realizar um projeto de reabilitação em território nacional com uma tipologia de habitar mais sensata e moderada, evitando assim qualquer tipo de apropriação cultural ou uma tentativa de mimicar aspetos orientais de forma descontextualizada.

Ao longo dos vários casos de estudo analisados, tanto em Portugal como no Japão, percebe-se que arquitetos e designers espalhados pelo mundo têm ideias semelhantes, como o uso de módulos de betão para contrariar ou respeitar o contexto em que a habitação é inserida, demonstrando então que o fator diferenciador é a estratégia, a intenção, a narrativa própria de cada autor. Por isso, procura-se então retirar os pontos positivos e adaptá-los ao nosso contexto, tornando-se benéfico explorar mais um caso de estudo em Portugal que utilize um ou mais pontos que foram identificados anteriormente, como por exemplo a manipulação luminosa, materialidade e a geometria do habitar japonês.

O caso de estudo em questão é a **Reconversão de Sequeiro**, projetado pelo arquiteto José Gigante e concluído em 2002. Este edifício situado em Guimarães surge a partir de um projeto de reabilitação de um sequeiro granítico para fins habitacionais, no entanto, este não possuía as dimensões necessárias para cumprir o programa, por isso foram adicionados novos módulos a partir de demolições de outras estruturas graníticas de modo a aumentar a área habitável. A área interior acaba por ser um espaço retangular pleno, com poucos elementos distrativos e geralmente focados na sua utilidade. Fora isso, denota-se um uso dos feixes de luz que passam pelos painéis das janelas como o componente atmosférico do espaço. Nesse sentido e agora com um maior foco na possível tradução entre o habitar rural japonês e o habitar rural português, observamos neste caso de estudo a utilização de elementos comuns na construção japonesa, como: a instalação de painéis de madeira que manipulam a entrada de luz nos espaços; uma escolha material seletiva e restrita; a utilização de cotas baixas em equipamentos de grande dimensão, como é exemplo disso a ilha na cozinha (Gigante, 2002).

Fig.46, 47 e 48 Adaptação da forma e da materialidade de um sequeiro para um contexto habitacional.



Assim sendo, torna-se claro que a incorporação de ideais do habitar japonês pode ser feita de forma suave e natural nos espaços projetados, não destabilizando o equilíbrio dos mesmos ou rotulando sem querer com conotações impróprias como apropriações culturais ou imitações baratas de outras culturas.

Este tipo de abordagem é exatamente aquela que se procurou implementar no projeto de reabilitação da Casa de Paredes, pois não só não é disruptiva como também fomenta a conexão entre o utilizador e os espaços que habita. Esta conexão cresce devido à ligação entre estes espaços e o exterior, porque coloca o utilizador de forma indireta a experienciar a Natureza envolvente da ruralidade através destes mesmos espaços, algo que o irá beneficiar ao longo do tempo ao proporcionar calma e tranquilidade no silêncio rural.



IV. Projeto

Fig.49, 50 e 51 O interior da Casa de Paredes, inalterado e preso no passado.



11. Metodologia Projetual e desafios específicos

O projeto da Casa de Paredes, embora já estivesse apontado como um projeto de reabilitação, necessitava de um programa que definesse exatamente o que seria projetado. Este programa é composto por duas partes distintas que se interligam para a criação do produto final. Primeiramente abordou-se o objetivo habitacional final: para quem, para quantos e como? Estas questões permitiram rapidamente definir o perfil desta intervenção: projeto de reabilitação e transformação da propriedade da Casa de Paredes numa habitação plurifamiliar, assumindo a “família comum” num grupo máximo de 4 elementos (2 pais, 2 filhos) que se iriam dividir em 2 habitações distintas, com alguns espaços comuns partilhados, entre eles a garagem, lavandaria, espaço multiusos e jardim. O desenvolvimento destes espaços comuns foi a razão que levou à escolha do desenvolvimento de uma habitação plurifamiliar, pois a área e edifícios disponíveis ofereciam condições únicas para a criação de um sentimento de urbanidade e partilha num contexto periurbano.

O desenvolvimento deste perfil foi essencial para entender o cliente final e as suas expectativas e necessidades. Aliado a esta parte, foi também importante desmistificar a metodologia projetual, no que esta se focava e quais seriam as suas bases teóricas para se ser possível projetar de forma consistente e apropriada.

Sendo assim, foi importante determinar uma metodologia cada vez mais definida, sendo esta assente sobre o respeito pela preservação da pré-existência enquanto meio físico e, também, enquanto entidade simbólica, pois a própria propriedade possui características físicas e emocionais que caracterizam a identidade da Casa de Paredes. Estas características traduzem-se em elementos variados, desde os maiores como os alçados históricos ou a disposição dos vários edifícios, a outros menores como são os caixilhos gastos e os rodapés trabalhados. No fundo é a interpretação do geral com o pormenor que nos permite entender o que era esta propriedade, como seria a vivência na mesma e que oportunidades poderiam surgir ao longo do desenvolvimento projetual.

Nesse sentido, esta metodologia permitiu perceber onde o projeto de reabilitação poderia e necessitava incidir com maior presença e onde deveria salvaguardar-se de excessos. Este equilíbrio foi fundamental para criar uma solução consistente.

Para além destes fatores, foi importante clarificar a relação entre a preservação histórica, algo essencial para um projeto de reabilitação digno, e como o Design e Filosofias japonesas se poderiam conectar física e emocionalmente com o projeto. Tornou-se rapidamente perceptível a apreciação pelo passar do tempo, pelo desgaste existente, pela Natureza envolvente, pela abundância de luz natural e pelo silêncio rural.



Fig.52, 53 e 54 A dualidade dos espaços de convívio abertos e dos quartos fechados.

Relativamente aos desafios específicos deste projeto, no imediato surgiram alguns de carácter habitacional urgentes que teriam de ser resolvidos em primeiro lugar, entre eles a falta de casas de banho, algo que se nota ser uma deficiência já mesmo no habitar atual, o qual é feito por uma família apenas. O desenvolvimento de um projeto plurifamiliar evidencia ainda mais esta necessidade. Na mesma perspetiva, tornou-se clara a necessidade de criação de uma segunda área de confeção - uma cozinha - para ser possível dividir o edifício principal em duas habitações distintas. Estes foram os desafios mais óbvios a resolver.

Passou-se então para a observação de desafios de carácter habitacional focados na usabilidade dos espaços distintos, ou seja, para a conveniência (ou falta dela) que o *layout* atual tinha.

No piso térreo, distinto pela sua usabilidade agrícola passada, observou-se um *layout* muito aberto e com grandes possibilidades a Oeste, mas muito complicado e estreito a Este. Foi por isso necessário equilibrar o desenho de forma a ser possível criar espaços usáveis e práticos sem prejudicar a integridade construtiva do edifício.

No piso nobre, embora o *layout* já tivesse sido executado com o foco na habitação humana, trata-se de um tipo de vivência com cerca de dois séculos de diferença, algo que demonstra a desatualização do edifício e falta de adaptabilidade ao habitar atual. Nesse sentido, foi necessário modificar o desenho, preservando elementos identitários da casa, mas abrindo paredes e conectando espaços pequenos de modo a criar espaços maiores e mais confortáveis para o cliente atual.

Os restantes edifícios presentes na propriedade apresentavam grandes áreas de utilização para diversos fins, por isso o desafio aqui era identificar qual edifício seria o mais adaptado para cada uso específico, como a criação de um espaço de lavandaria, multiusos e garagem.

Por fim, abordaram-se os desafios de carácter projetual conectados exclusivamente com a proposta de design de interiores, onde foi definida uma narrativa para este programa, que passava exatamente pela ligação entre o habitar rural português com o habitar japonês, evidenciando as valências de ambos e enaltecendo a sua conexão. Dessa forma, tornou-se indispensável projetar com os elementos anteriormente referidos - a apreciação pelo passar do tempo, o desgaste existente, a Natureza envolvente, a abundância de luz natural e o silêncio rural - e adaptá-los de forma concreta e com uma influência clara no habitar que se pretendia criar.

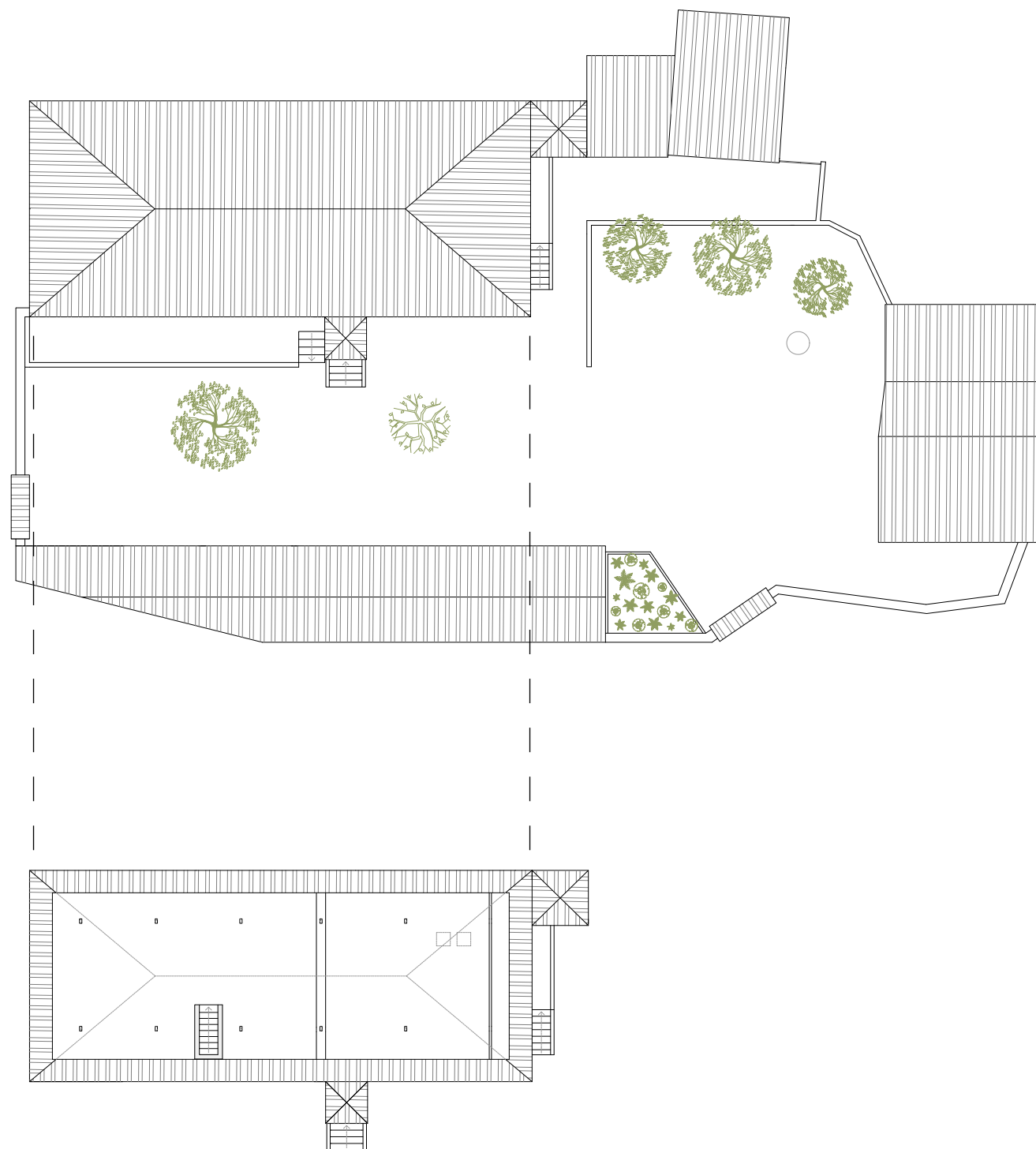
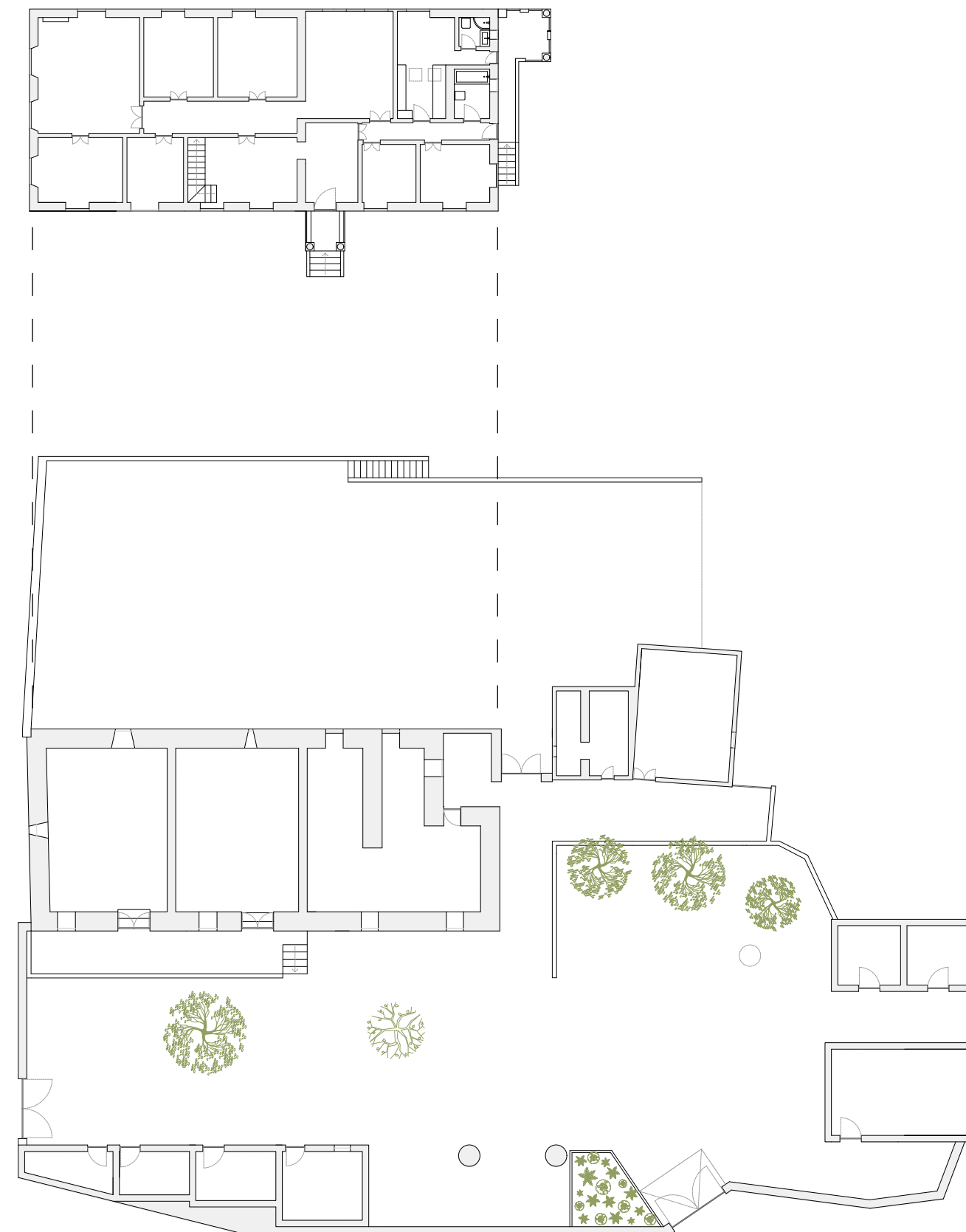


Fig.55 e 56 Plantas da pré-existência:
planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre e piso térreo.



12. Definição da proposta e a sua direção projetual

A identificação de todos estes desafios permitiu delinear um plano de atuação claro, sendo assim possível defender a estratégia do projeto de reabilitação enquanto um esforço técnico que procura criar uma habitação prática e funcional e, também, enquanto uma abordagem conceptual que tenta criar espaços confortáveis e conectados com a Natureza exterior para um melhor habitar para futuros clientes.

Primeiramente, a abordagem técnica passou pela resolução de desafios habitacionais urgentes e de usabilidade, tanto no edifício principal como nos edifícios envolventes presentes na propriedade. Começando pelo edifício principal, a criação de 5 novas casas de banho permitiu que cada casa independente tivesse 3 destes espaços (já existia 1 W/C usável), sendo 1 deles incluído no quarto principal (suíte), outro de apoio aos 2 quartos restantes e, o último de apoio à zona social que é composta pela sala de jantar e cozinha. Adicionalmente a este esforço, foi criada uma nova área de confecção na ala Oeste do edifício, o que finalmente permitiu dividir o mesmo.

Quanto ao piso térreo, houve um aproveitamento de espaços de maior dimensão (na metade Oeste e centro do edifício) para a colocação de espaços cujos respetivos usos necessitassem de áreas generosas, tais como um espaço social (cozinha + sala + casa de banho) e um quarto principal com casa de banho. Por outro lado, na metade Este verificou-se um *layout* da pré-existência que se demonstrou ser um desafio em termos da usabilidade do espaço, como também da preservação da sua função estrutural, pois não só as paredes são extremamente grossas (90 centímetros de espessura), como desenham espaços estreitos e com pouca luz. Nesse sentido, foi através de um jogo de equilíbrios que se conseguiu gerir espaços relativamente mais largos, abrir as janelas e, no fundo, permitir a entrada de luz e usabilidade para esta metade.

Quanto ao piso nobre, aqui o *layout* da pré-existência era muito mais adaptado ao habitar, no entanto este era composto por inúmeras divisões de pequenas dimensões, o que não era o planeamento espacial mais eficiente para o tipo de habitação pretendido. Assim sendo, o aprimorar do *layout* deste piso passou essencialmente pela preservação de algumas das paredes interiores com maior valor histórico (com maior número de portas e rodapés da época) e zonas de passagem usadas no passado, não fugindo à necessidade de recorrer à demolição de algumas outras paredes interiores para abrir os espaços. No fundo, foi essencial criar espaços mais amplos e adaptados à atualidade, combinando esta direção projetual com um esforço acrescido para manter o máximo da pré-existência, algo comprovado pelo Mapa de Vermelhos e Amarelos.

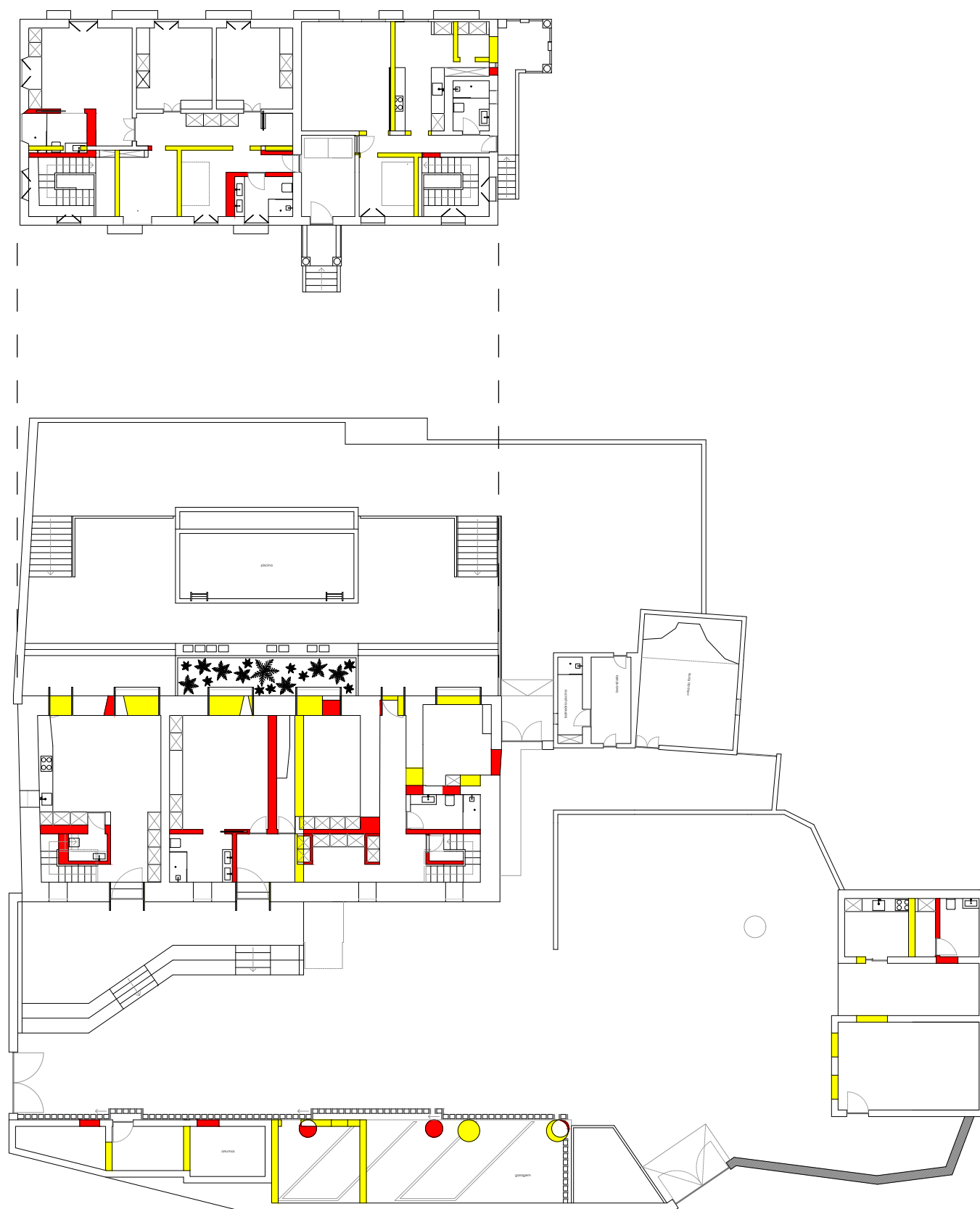


Fig.57 e 58 Planta de Vermelhos e Amarelos.

A combinação entre a definição da localização das cozinhas e casas de banho com o aprimoramento de um *layout* estruturalmente conservador do piso térreo e de um *layout* mais amplo do piso nobre levou a uma delineação mais concreta da separação do edifício principal em duas casas distintas. Assumiu-se a parede mais grossa do piso nobre como um dos pontos de partida em conjunto com a entrada nobre do edifício e, consequentemente, através de um balanço estratégico entre o número de divisões que cada casa necessita e uma divisão justa das áreas, chegou-se assim a uma divisão equilibrada. A escolha por esta parede como um dos pontos de partida recaiu sobre o facto de, no passado, esta ter sido uma parede exterior (daí a sua espessura acrescida) à qual foram feitas adições com o passar do tempo. A entrada nobre do edifício, que conduz o utilizador a ascender para entrar no edifício, era um componente indispensável à preservação da vivência passada, daí ser também essencial preservar este elemento. Juntos, tanto a parede divisória como a entrada formal eram elementos cruciais da pré-existência, por isso a sua preservação era determinante para se seguir uma narrativa que respeita a origem do edifício e que a enaltece.

Nos edifícios envolventes foi criado um espaço balnear de apoio ao jardim virado a Norte, onde se criou um espaço de piscina partilhada, uma cozinha partilhada junto ao espaço multiusos, este também partilhado, uma lavandaria comum e manteve-se a “Casa do Forno” como manutenção da memória da Casa de Paredes enquanto propriedade centenária e, também, prolongando a usabilidade deste espaço no tempo.

13. Proposta Final: visualização e exploração do novo espaço

A proposta final surgiu após a concretização do briefing inicial através de uma direção projetual aplicada e adaptada ao objeto de estudo em questão - a Casa de Paredes. O desenvolvimento projetual baseou-se na ligação entre a componente técnica e prática e a componente conceptual da narrativa.

De forma abrangente, desenvolveu-se um projeto de reabilitação que resultou na criação de 2 casas independentes com edifícios e espaços exteriores partilhados, como são a área da piscina, jardim virado a Norte, jardim virado a Sul, balneário da piscina, lavandaria, Casa do Forno, espaço multiusos com cozinha e casa de banho, garagem e arrumo exterior.

O exterior do edifício principal, embora reabilitado, manteve-se idêntico, em todos os seus alçados, excepto tanto o alçado Norte, que agora oferece um espaço de piscina e contemplação da paisagem aos utilizadores, como parte do alçado Sul, que sofreu alterações nas portas exteriores (agora com painéis de vidro para uma maior entrada de luminosidade) e a criação de uma escada habitável. A cobertura tem como única alteração a introdução de duas clarabóias, uma em cada casa.

Cada casa tem 1 entrada independente, possuindo também 1 entrada formal, que respeita a origem da Casa de Paredes e que é partilhada por ambas.

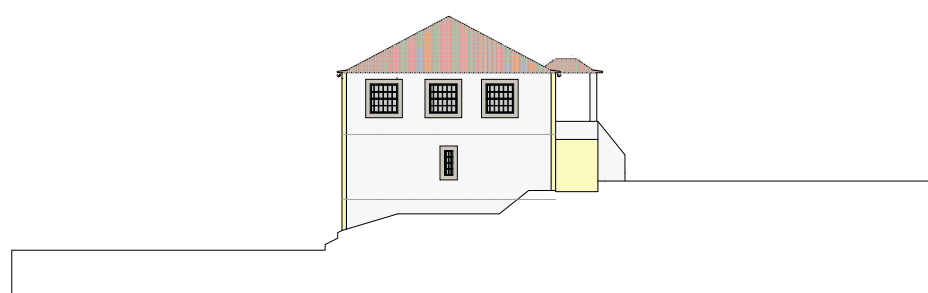
A divisão, ao respeitar os elementos da pré-existência apontados anteriormente, teve que se conformar com linhas menos óbvias, daí a solução final apresentar uma divisão vertical, mas com alguns ajustes, criando assim alguns espaços em que casas diferentes partilham o mesmo teto/piso.



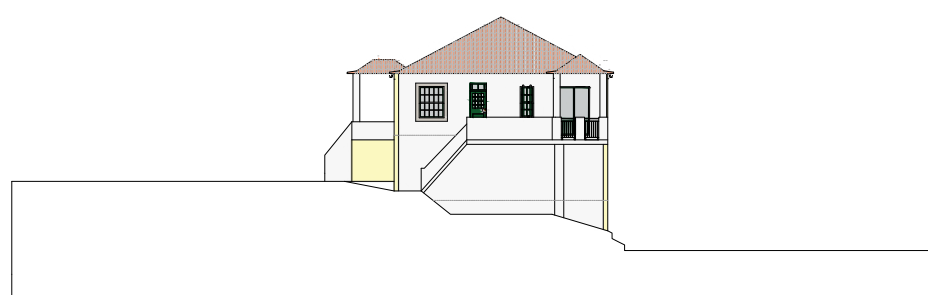
NORTE



SUL



OESTE



ESTE

Fig.60 Alçados da proposta de reabilitação.

O *layout* final surge como resultado natural do desenvolvimento projetual que se sucedeu, pois foi um dos pontos do projeto que demorou mais tempo a atingir o objetivo pretendido.

A complexidade do piso térreo foi, necessariamente, o desafio mais complexo, mas também o que mais oportunidades proporcionou. Entre essas, a ideia de ter uma das casas com os espaços privados, como os quartos, no piso térreo, e a outra casa ter esses mesmos espaços no piso nobre demonstra exatamente a versatilidade que o piso térreo ofereceu, pois enquanto o piso nobre já tinha sido construído com o intuito habitacional, o piso térreo não, logo a sua inerente espacialidade jogou, de certa forma, a favor da tipologia de habitação atual pretendida. Nesse sentido, encontramos também, na casa Oeste, os espaços sociais como a sala e a cozinha no piso térreo, aproveitando as grandes áreas disponíveis.

As alterações que o piso nobre sofreu foram com o intuito de criar espaços maiores e mais amplos na casa Este, onde se encontram a sala e a cozinha, espaços conectados, e uma casa de banho. Na habitação Oeste, como os quartos se encontravam no piso nobre, foi possível aproveitar muitas das divisões pré-existent e as portas e rodapés da época associados, algo importante a preservar devido à sua conotação histórica e identitária e como símbolo da passagem do tempo.

A ligação entre os dois pisos, através das escadas em aço *corten* desgastado, foi um momento crucial para determinar que áreas seriam de passagem, que áreas seriam sociais e que áreas seriam mais privadas. A simetria do seu posicionamento, melhor visto em planta ou em corte, não só demonstra uma apreciação pelo preciosismo do desenho, mas também cria uma maior separação entre dois dos espaços de maior atividade sonora, pois as escadas, inevitavelmente, estão associadas a uma deambulação constante, devido à conexão que criam entre o espaço social e o espaço privado.

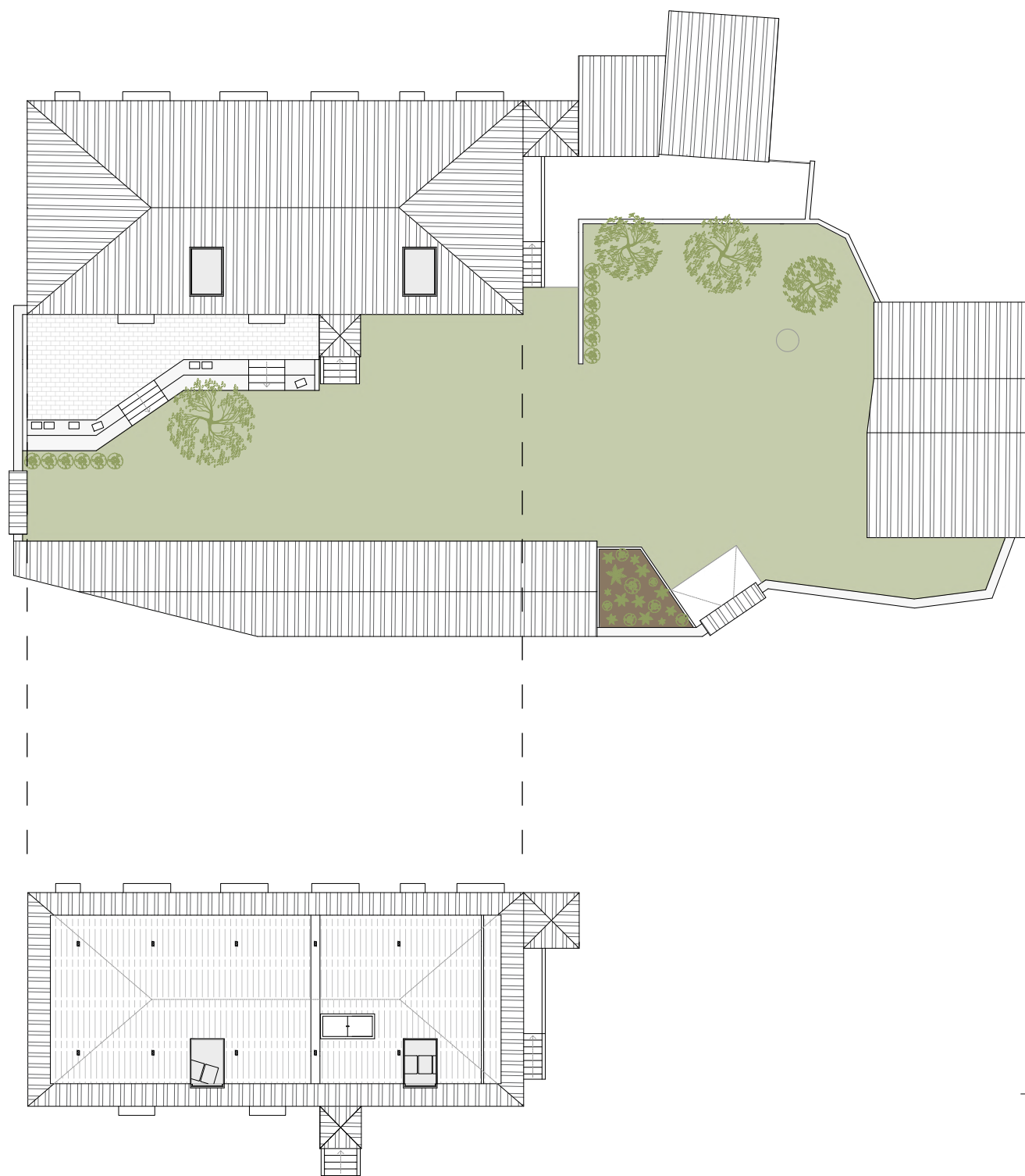


Fig.61 e 62 Plantas da proposta de reabilitação:
planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre e piso térreo.





Fig.63 Corte D.



Fig.64 Corte D'.

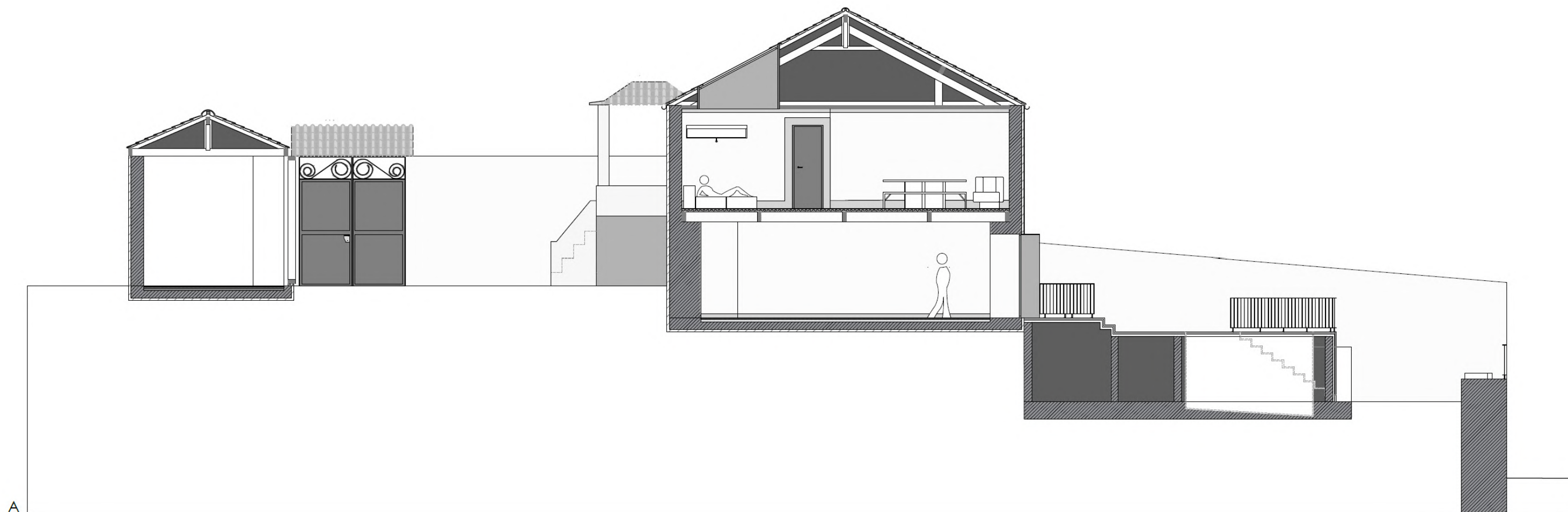


Fig.65 Corte A.

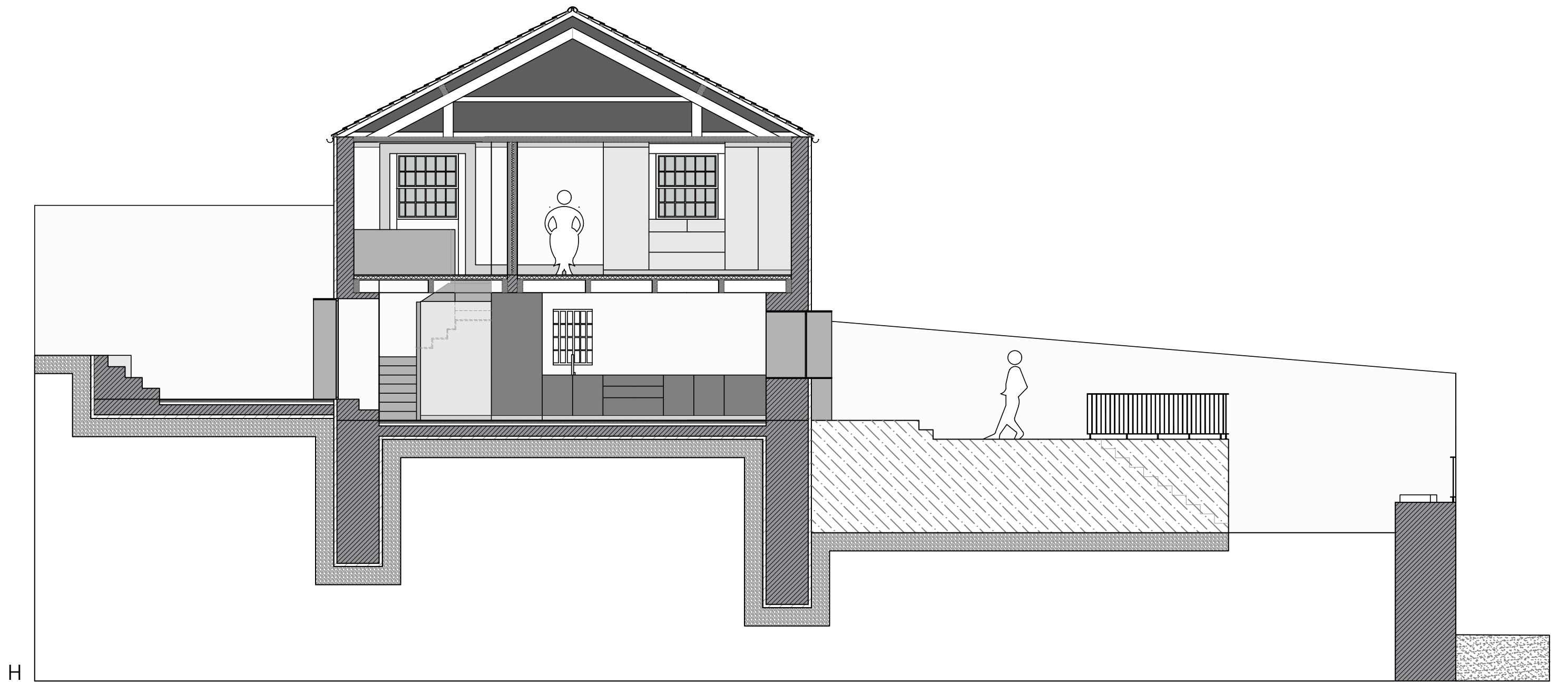
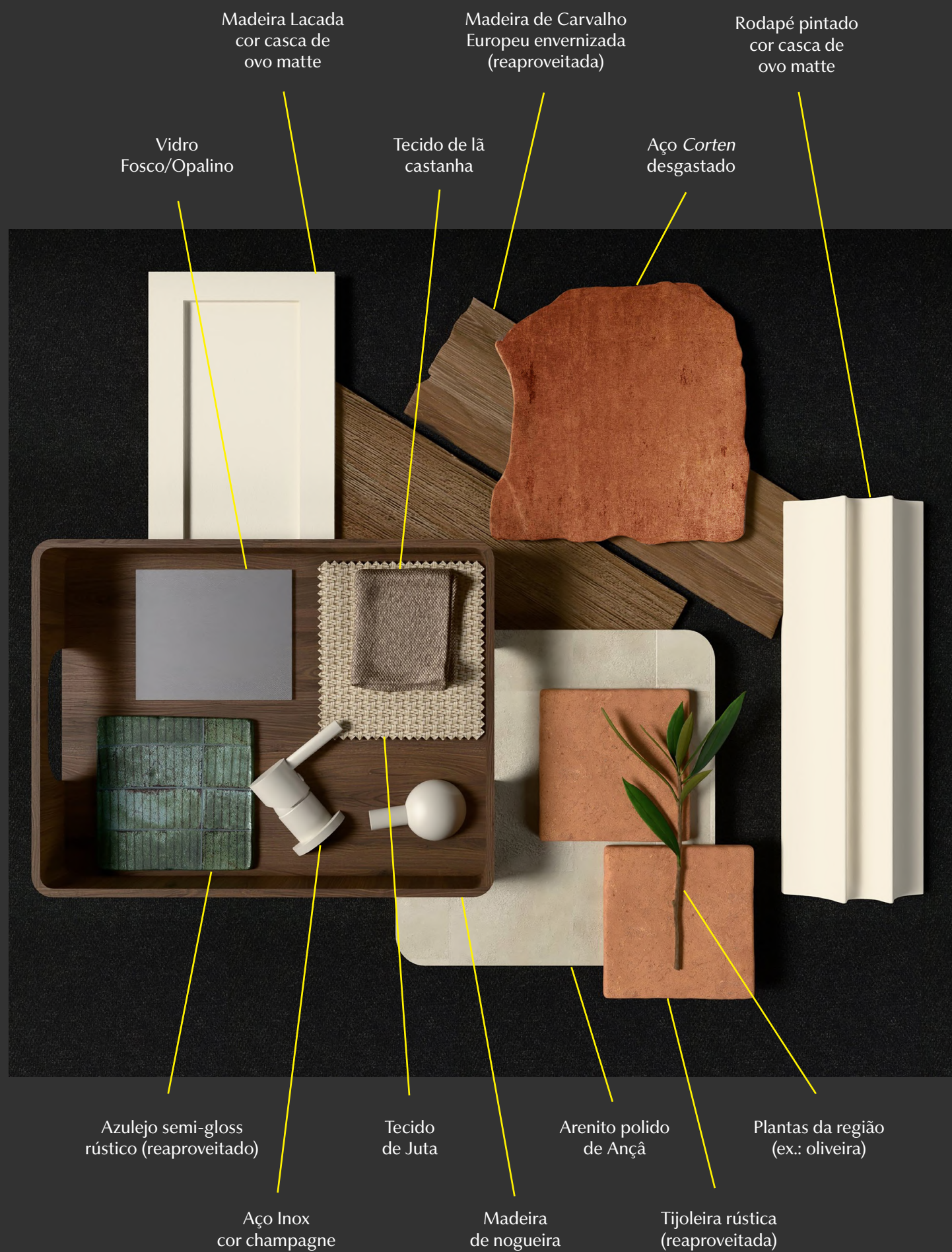


Fig.66 Corte H.



Ao nível da materialidade, a sua escolha baseou-se em critérios que incorporam a combinação de fatores, entre estes a procura pelo regional, pelo natural e pelo reaproveitamento quando possível. Nesse sentido, optou-se por materiais texturados que evitam tratamentos excessivos que afastem o material da sua origem, como por exemplo o uso de tecidos agrestes ou que criam borbotos como a juta e a lã respetivamente, e metais gastos como o aço *corten* desgastado. Alguns destes materiais aludem à ideia do reaproveitamento, como é o caso da tijoleira rústica e da madeira de carvalho, ambos pavimentos da pré-existência, mantendo também os revestimentos originais, o que promove uma diferenciação clara entre o piso nobre, com acabamentos mais refinados, e o piso térreo, menos polido e com um aspeto mais bruto. Por outro lado, procurou-se utilizar também materiais locais, sendo exemplo as bancadas das cozinhas feitas em arenito (polido), uma pedra da região encontrada em grandes quantidades. Outro exemplo do respeito pela história e pela região foi a opção pela madeira de nogueira em mobiliário fixo e móvel, pois este é um material historicamente presente em outras casas desta época e desta tipologia, pois era uma escolha que poucos podiam ter, dado o seu custo elevado, reservando as suas valências, como a sua durabilidade, apenas para os burgueses e nobres da região.

Fig.67 Moodboard de Materiais.

Quanto à relação entre o habitar português e o habitar japonês, ponto fulcral da narrativa, tem-se como exemplo principal a criação de espaços isolados - retiros - que preservam símbolos deste tipo de vivência, como a apreciação da luz, do silêncio e da conexão com o passar do tempo. Estes retiros foram aplicados de duas formas distintas, uma no piso nobre e outra no piso térreo. Primeiramente, no piso térreo, explorou-se esta temática através da criação de janelas habitáveis, viradas a Norte, dada a vista profunda e expansiva para o vale em frente. Embora esta orientação ofereça condições luminosas limitadas, a observação do trajeto por onde o Rio Mondego passa e como este contorna a topografia envolvente, proporciona uma oportunidade para o utilizador experienciar e conectar-se com a Natureza, enquadrando-se na mesma.

Outra tipologia de retiro, presente no piso nobre, foi desenhado em torno de grandes clarabóias feitas em aço *corten*, que enchem o espaço de luz natural durante o dia e permitem ver as estrelas durante a noite. De modo a isolar o utilizador, foram instaladas cortinas que abraçam estes espaços e os separam do resto da casa quando necessário, oferecendo flexibilidade para usos variados do mesmo sem perder a isolamento sonora e visual ocasional.

Adicionalmente, enquanto que as clarabóias são elementos que exploram as possibilidades da luz enquanto faceta da passagem do tempo e de iluminação interior, estes não foram os únicos elementos a explorar as capacidades da mesma. A introdução de vidro opalino e espelhos em espaços amplos, como são as salas e cozinhas, proporcionou várias oportunidades de manipulação da luz, desde direccioná-la, filtrá-la e até mesmo aproveitar a refração da mesma, tudo em prol da criação de uma atmosfera calorosa, acolhedora e conectada com a Natureza para o utilizador.



Fig.68 Janela habitável no quarto duplo do piso térreo.



Fig.69 Clarabóia no Retiro da casa Este.



Fig.70 Retiro isolado ou aberto, para o silêncio ou para o entretenimento.

Relativamente ao mobiliário utilizado, tanto fixo (embutido) como o móvel, foi escolhido com três fatores em mente: usabilidade, materialidade e proporcionalidade. Usabilidade é um fator determinante, pois distingue um objeto útil de um objeto inútil, sabendo que, nem todos os objetos considerados inúteis em termos de uso são necessariamente inúteis para a criação de um ambiente específico no espaço. Mesmo assim, esta tipologia de objeto, mais recorrente em termos decorativos, foi feita com um propósito alinhado com a narrativa do habitar japonês, sem copiar literalmente, antes apropriando-o, isto é, tornando-o próprio deste contexto. Em termos da materialidade, o mobiliário teria que seguir a mesma paleta de materiais de forma a criar uma ligação orgânica entre os vários elementos. Por fim, a proporcionalidade corresponde à ideia partilhada na direção projetual: mobiliário baixo, ligado ao piso e com um peso visual significativo, de modo a direcionar a percepção do utilizador para baixo, sentindo um peso gravitacional que o assenta e acalma. Alguns exemplos desses ideais são as mesas de jantar escolhidas, pois são peças móveis que, devido à sua grande dimensão, em parte atribuída à presença de apenas um único material que cria a sensação de grandeza, e a horizontalidade dominante do seu traçado, dá uma sensação de pertença, de imobilidade e persistência no tempo. Um exemplo de móveis fixos são os armários de corredor, pois embora apresentem uma cota alta (desde o chão até ao teto), o facto de estes estarem fixados na parede simula a ideia de fazerem parte da mesma, não acrescentando peso visual localizado numa cota espacial alta, mas sim como um volume que abrange todo o espaço visual, gerando também, através da sua materialidade (madeira de nogueira), calor e acolhimento para quem vive o espaço.

Por outro lado, no seguimento desta perspetiva do habitar japonês, o tema do *Wabi-Sabi* foi explorado através do mobiliário escolhido e no pré-existente. A própria preservação de portas e rodapés alude a esta ideia da passagem do tempo e da celebração da mesma, no entanto vemos também no mobiliário escolhido a preferência por peças antigas, numa tentativa de simular peças que já pertenciam ao local, herdadas ou que foram encontradas em lojas de antiguidades, tudo com a vontade de celebrar a história da Casa de Paredes e da região. Adicionalmente, a própria materialidade do mobiliário é consistente com os materiais locais, desde o arenito à madeira de carvalho europeu, materiais que enaltecem a sensação de pertença e identidade natural do local - sentido vernacular.



Fig.71 Entrada na Cozinha e na Sala pelo pátio exterior, no piso nobre.



Fig.72 Vidro opalino, espelho, janelas, clarabóias: manipulação luminosa.



Fig.73 Sala e Cozinha ao final do dia.



Fig.74 Quarto de solteiro no piso nobre.



Fig.75 Pormenor da secretária no quarto individual, no piso nobre.



Fig.76 Suíte de casal, no piso nobre, e um olhar sobre os armários embutidos.



Fig.77 Cama e ambiente envolvente na Suíte de casal do piso nobre.



Fig.78 Cama e envolvimento, ao final do dia.



Fig.79 Sala e Cozinha do piso térreo.



Fig.80 Sala com janela habitável, no piso térreo.



Por fim, desenvolveram-se maquetes que representassem a amplitude do projeto, sendo possível observar a Casa de Paredes de forma completa. Adicionalmente a uma maquete mais reduzida, onde se tornam perceptíveis todos os edifícios pertencentes à propriedade, também se criou um modelo de maior dimensão, em escala 1:100, com maior foco no edifício principal. Neste segundo modelo é possível dividi-lo em secções e observar o interior com maior liberdade e pormenor.

A maquetização de ambos os modelos foi efetuada, inicialmente, numa modelação 3D e, posteriormente, através de impressão 3D numa tentativa de recriar de forma detalhada alguns dos elementos essenciais à proposta desenvolvida. Após a impressão, foram necessários alguns ajustes e polimentos para ter as maquetes em condições ideais para a recolha fotográfica.



Fig.81 e 82 Fotografias das maquetes do projeto.

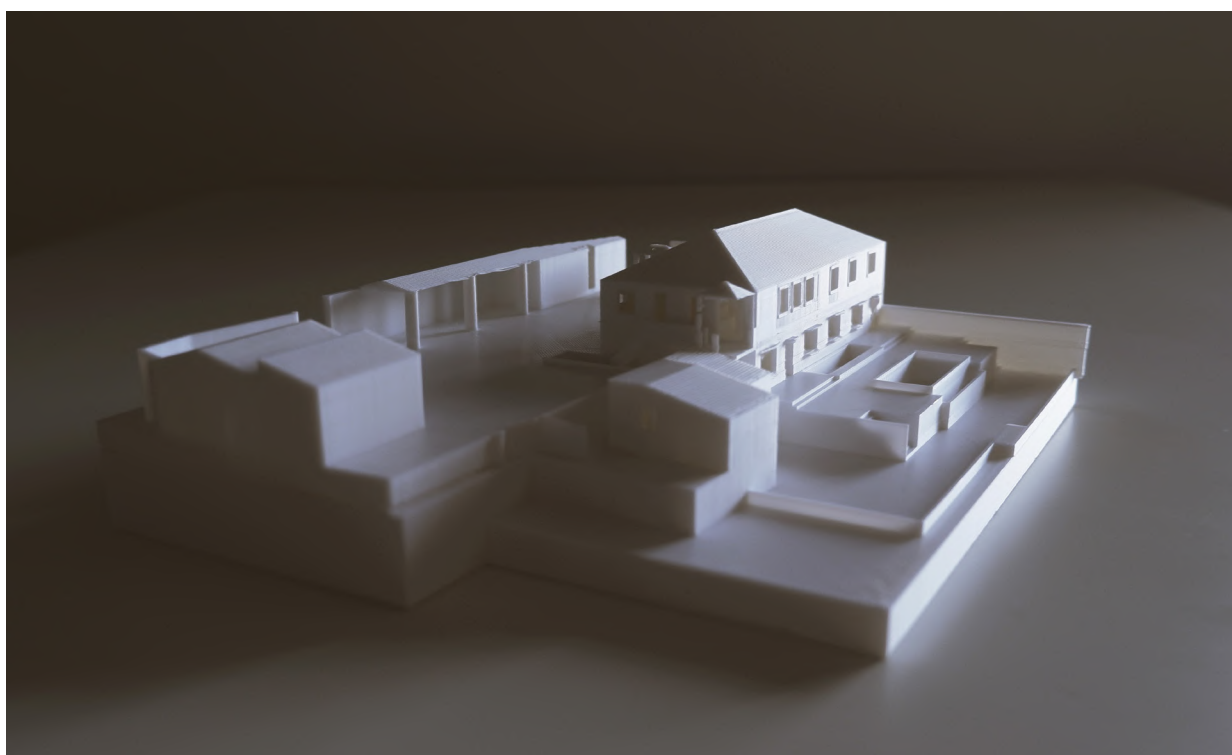


Fig.83, 84 e 85 Maquete geral em escala 1:200 e Maquete do edifício principal em escala 1:100.





*Considerações
Finais*

Considerações Finais

Após a execução da proposta de reabilitação da Casa de Paredes, baseada num estudo teórico do contexto periurbano geral e do contexto específico da propriedade, surgiu a oportunidade de refletir sobre a amplitude final que este relatório de projeto conseguiu obter.

Ao nível teórico, foi possível entender a degradação estrutural e populacional dos ambientes rurais portugueses, com um maior foco no centro de Portugal. Esta aprendizagem permitiu identificar lacunas neste tipo de habitar, que poderiam ser potenciadas na proposta de reabilitação. Para além disso, percebeu-se o distanciamento crescente entre a ruralidade e a urbanidade, o que permitiu a visualização do periurbano.

No entanto, considera-se este estudo uma visão geral sobre os efeitos do êxodo rural e da emigração, com uma percepção do habitar rural e periurbano limitada pelos prazos académicos e propostos logo ao início do desenvolvimento. Nesse sentido, algo relevante a explorar no seguimento deste relatório seria uma recolha de dados quantitativos e qualitativos mais extensa e localizada nas localidades, permitindo obter informações cruciais a um entendimento global e detalhado do contexto rural e periurbano e como o elevar para atrair novos residentes.

Ao nível prático, o desenvolvimento desta proposta foi extremamente enriquecedor tanto em termos projetuais como no apuramento de técnicas utilizadas nas metodologias associadas à reabilitação de edifícios antigos. Através da observação da aldeia de Paredes e da interação com os moradores da Casa de Paredes, conseguiu-se interpretar as vivências passadas nesta localidade e como estas se conectam diretamente com o objeto de estudo principal. Este foi alvo de uma extensa exploração métrica e fotográfica para o representar, de forma mais fiel possível, na proposta desenvolvida. Contudo, admite-se que estes levantamentos, embora extensos, possam não ser os mais fidedignos, dado a falta de equipamento específico e experiência na efetivação dos mesmos.

Inicialmente passou-se pela interpretação dos levantamentos, os quais sofreram alterações persistentes devido ao fluxo contínuo de novas informações. Após a estabilização de uma base projetual concreta, tornou-se possível encarar o habitar japonês como uma apropriação positiva a adicionar à proposta, pois iria proporcionar uma vivência mais adaptada a possíveis novos utilizadores. Nesse sentido, permite-se entender que a abordagem utilizada neste estudo poderia ser ainda mais abrangente e completa, algo que seria pertinente realizar numa continuação futura deste projeto com ambições de implementação e construção no local.

Conclui-se que este relatório de projeto se propôs a explorar temas diversos, conectando-os e tentando criar um produto final, traduzido no projeto de reabilitação da Casa de Paredes. Como qualquer estudo e projeto, existe sempre espaço para melhorias, acrescentos e novas interpretações, daí ser importante relativizar a sua existência enquanto projeto de dissertação, mas mantendo sempre um olhar sobre o potencial futuro do mesmo.

Referências

ACME. (2010). Hunsett Mill. ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com/90094/hunsett-mill-acme>

Akiya Inaka. (2023, September 17). The Inaka lifestyle: 6 joys of living in the Japanese countryside. Disponível em: <https://www.akiyainaka.com/2023/09/17/the-inaka-lifestyle-6-joys-of-living-in-the-japanese-countryside/?form=MG0AV3>

Almeida, M. (2020). The use of rural areas in Portugal: Historical perspective and the new trends (Artigo). Universidade de Lisboa. Disponível em: https://www.academia.edu/44328455/The_use_of_rural_areas_in_Portugal_Historical_perspective_and_the_new_trends?form=MG0AV3

ArchDaily. (2020, July 1). Recycling buildings: 10 adaptive reuse projects in Portugal. Disponível em: <https://www.archdaily.com/943419/recycling-buildings-10-adaptive-reuse-projects-in-portugal?form=MG0AV3>

Athanasiadis, B. (2019). The Japanese Aesthetic of Wabi Sabi and its Potential in Contemporary Composition (Tese de Doutoramento). Basil Athanasiadis' website. Disponível em: https://basilathanasiadis.com/wp-content/uploads/2019/11/Pages-from-PHD-Thesis-Final_intro.pdf?form=MG0AV3

Avdulov, A. (2022). Understanding Wabi and Sabi in the Context of Japanese Aesthetics (Artigo). IAFOR. Disponível em: https://papers.iafor.org/wp-content/uploads/papers/accs2022/ACCS2022_62854.pdf?form=MG0AV3

Block, I. (2020, January 14). John Pawson designs his own Home Farm in the Cotswolds. Dezeen. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/01/14/john-pawson-home-farm-cotswolds/>

Câmara Municipal de Lisboa. (n.d.). Estratégia de habitação de Lisboa. Disponível em: <https://habitarlisboa.cm-lisboa.pt/ords/f?p=100:2:::NO:RP::&cs=3e7zgJcCKDi35TTelRNg0c9Ot6Q4>

Czidik, C. (2023). Japanese interior design influenced by Japanese philosophies: Ma, wabi-sabi, and shakkei (Artigo). Connecticut College. Disponível em: <https://diluodigital.conncoll.edu/Asianart/uncategorized/japanese-interior-design-influenced-by-japanese-philosophies-ma-wabi-sabi-and-shakkei/?form=MG0AV3>

DECO Proteste. (2025, March). Salário mínimo aumenta para 870 euros em 2025. Disponível em: <https://www.deco.proteste.pt/dinheiro/emprego/noticias/salario-minimo-aumenta-870-euros-2025>

Eurostat. (2023, January 17). HICP - annual inflation rate down to 9.2% in the euro area. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20230117-2?form=MG0AV3>

Faria, T. (2015). Entre o declínio e a atractividade: A reabilitação urbana em Portugal (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/15177/1/MESTRADO_entre_o_declinio_e_a_atractividade_dissertacaomestr_tiago_faria.pdf?form=MG0AV3

Fernandes, G. (2021). Rural depopulation, social resilience and context costs in the border municipalities of central Portugal: Dichotomies of social reorganization vs. absence of public policies (Artigo). Academia. edu. Disponível em: https://www.academia.edu/114845944/Rural_depopulation_social_resilience_and_context_costs_in_the_border_municipalities_of_central_Portugal_Dichotomies_of_social_reorganization_vs_absence_of_public_policies?form=MG0AV3

Finanças - Gabinete da Secretária de Estado dos Assuntos Fiscais. (2025, January 6). Despacho n.º 236-A/2025, de 6 de janeiro. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/236-a-2025-902131957>

Henriques, N. (n.d.). História. Disponível em: <https://student.dei.uc.pt/~nelson/Historia.htm?form=MG0AV3>

Hofmeister, S. (Ed.). (2018). *Bewohnte Natur: Living with Nature*. Niggli Verlag.

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). Indicadores de actividade económica. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001810&contexto=pti&selTab=tab10

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). Indicadores de preços na produção. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000082&contexto=pti&selTab=tab10

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). Índice de Preços no Consumidor - novembro de 2024. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=645847548&DESTAQUESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). Índice de Preços no Consumidor - Continente. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001804&contexto=pti&selTab=tab10

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). População. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_tema&xpid=INE&tema_cod=1211

Ishikawa, Y. (2017). Discourses on Japanese lifestyle in early modern design: A turning point from Westernization to modern design (Artigo). Toyo Institute of Art and Design. Disponível em: https://www.academia.edu/49846053/Discourses_on_Japanese_lifestyle_in_early_modern_design_A_turning_point_from_Westernization_to_modern_design?form=MG0AV3

Junta de Freguesia de Penacova. (n.d.). História. Disponível em: <https://jfpnacova.pt/historia/?form=MG0AV3>

Lanzinha, J., Gomes, J. (2021). Intervention on the rehabilitation of rural houses in Portugal as a contribution to sustainable construction. Silesian University of Technology. Disponível em: https://www.academia.edu/75789143/Intervention_on_the_rehabilitation_of_rural_houses_in_Portugal_as_a_contribution_to_sustainable_construction?form=MG0AV3

Lúcio, J. (2017). Rural schools and local development in Portugal: Rehabilitation, participation, and socio-educational innovation (Artigo). Universidade do Minho. Disponível em: https://www.academia.edu/64647418/Rural_Schools_and_Local_Development_in_Portugal_Rehabilitation_Participation_and_Socio_Educational_Innovation?form=MG0AV3

Mingzhu, F. (2023). Technological innovation and sustainable development in rural areas (Artigo). Soochow University. Disponível em: <https://francis-press.com/uploads/papers/8zlsucvGV4QpXCaD-WsNVAWWU23lm4vLOezULpyaD.pdf?form=MG0AV3>

Município de Penacova. (n.d.). História. Disponível em: <http://www.cm-penacova.pt/pt/pages/historia>

Paupério, E., Arêde, A., Silva, R. (2023). Fortresses in Portugal. Conservation and basis for new uses (Artigo). Springer Nature. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41024-023-00279-1>

Pawson, J. (n.d.). Home Farm. Disponível em: <https://www.johnpawson.com/works/home-farm>

Perea, A. (2019). Western esotericism in Surrealism: The influence of Alchemy and Hermeticism in the work of Max Ernst (Tese de Doutoramento). Sotheby's Institute of Art Digital Commons. Disponível em: https://digitalcommons.sia.edu/stu_theses/106/?form=MG0AV3

Público. (2023, outubro 11). Pontos principais da estratégia de habitação de Lisboa para os próximos dez anos. Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2023/10/11/local/noticia/pontos-principais-estrategia-habitacao-lisboa-proximos-dez-anos-2066401>

Santos, F., & Pereira, M. (2023). Sustainable development and environmental policies in Portugal. Environment, Development and Sustainability (Artigo). Springer Nature. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10668-023-03664-5>

Silva, M. J. (2015). Sustainable construction and energy efficiency in Portuguese buildings (Artigo). Universidade de Lisboa. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/16117/1/Article_manuscript.pdf?form=MG0AV3

Taschen. (Ed.). (2007). Living in Japan. Taschen.

WonderGlass. (n.d.). John Pawson. Disponível em: <https://www.wonderglass.com/creatives/john-pawson/>

Zhixian, X. (2018). Study on the Application of Zen Culture in Architectural Space Design (Artigo). Guangdong Mechanical and Electrical Polytechnic. Disponível em: https://webofproceedings.org/proceedings_series/ART2L/ISEAH%202018/ISEAH0107011.pdf?form=MG0AV3

Índice de Figuras

p.16 **Figura 1** - Evolução do número de emigrantes portugueses, de 1960 - 2019. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/explicador/mobilidade-da-populacao-consequencias/>.

p.22 **Figura 2** - Registos textuais do passado comercial da Casa de Paredes.

p.24 **Figura 3** - Rio Mondego, vista da frente Norte da Casa de Paredes. Disponível em: https://www.google.com/maps/@40.3012033,-8.2307997,716m/data=!3m1!1e3!5m2!1e4!1e1?entry=ttu&g_ep=Egoy-MDI1MTExOC4wIKXMDS0ASAFQAw%3D%3D

p.25 **Figura 4** - Topografia da secção do vale do Rio Mondego adjacente a Paredes. Disponível em: <https://pt-pt.topographic-map.com/map-6l9f3/Figueira-da-Foz/?center=40.25968%2C-8.30094&zoom=13>

p.26 **Figura 5** - Colagem representativa do alçado Sul da Casa de Paredes na atualidade.

p.32 **Figuras 6 e 7** - Exemplos de neighbourhood gardening em Portugal. Disponível em: <https://city-changers.org/terras-de-cascais-community-gardening/>

p.38 **Figura 8** - Protestos por habitação mais acessível em Portugal. Disponível em: <https://rr.pt/noticia/pais/2025/06/28/centenas-protestam-em-lisboa-contr-a-cri-se-na-habitacao-e-subida-de-pre-cos/430773/>

p.40 **Figuras 9 e 10** - Protestos contra o AirBnb e o arrendamento temporário excessivo em Barcelona. Disponível em: <https://www.reental.co/blog/prohibicion-de-airbnb-en-barcelona>

p.42 **Figuras 11 e 12** - Poluição ambiental e sonora presente nas grandes concentrações urbanas. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/09/18/azul/noticia/ha-5000-mortes-ano-portugal-relaciona-das-poluicao-atmosferica-2020891>

p.44 **Figura 13** - “Navegante”, o passe universal de transportes públicos de Lisboa. Disponível em: <https://www.navegante.pt/noticias/passes-navegante-nao-aumentam-o-preco-em-2025>

p.44 **Figura 14** - “Andante”, o passe universal de transportes públicos do Porto. Disponível em: <https://www.discoveroportocom/pt/dicas-de-viagem/cartao-andante/>

p.48 **Figuras 15 e 16** - Desgaste notório nas portas e janelas da Casa de Paredes.

p.52 **Figura 17** - Livro que inclui o artigo “Building rehabilitation, sustainable development, and rural settlements: a contribution to the state of the art”. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10668-023-03664-5>

p.52 **Figura 18** - Capa do artigo “Rural Schools and Local Development in Portugal: Rehabilitation, Participation and Socio-educational innovation”. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319572775_Rural_Schools_and_Local_Development_in_Portugal_Rehabilitation_Participation_and_Socio-educational_Innovation

p.54 **Figuras 19 e 20** - Jardim interior aos vários edifícios da Casa de Paredes, na frente Sul.

p.58 **Figura 21** - Sala de estar e a ligação ao espaço de Refeição e Confeção. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/01/14/john-pawson-home-farm-cotswolds/>

p.60 **Figura 22** - Sala de jantar e cozinha com ligação interior-exterior proeminente. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2020/01/14/john-pawson-home-farm-cotswolds/>

p.62 **Figuras 23 e 24** - Relação entre a preservação da pré-existência da construção nova. Disponível em: <https://acme.ac/blogs/projects/hunsett-mill>

p.66 **Figuras 25 e 26** - Utilização de grandes janelas para emoldurar a natureza. Disponível em: <https://divisare.com/projects/301969-joao-mendes-ribeiro-jose-campos-fonte-boia-house>

p.68 **Figura 27** - Edificação a partir da ruína. Disponível em: <https://sami-arquitectos.com/project/e-c-house>

p.70 **Figuras 28 e 29** - Construção do habitar dentro de um habitar passado. Disponível em: <https://sami-arquitectos.com/project/e-c-house>

p.71 **Figura 30** - Construção do habitar dentro de um habitar passado. Disponível em: <https://sami-arquitectos.com/project/e-c-house>

p.76 **Figuras 31 e 32** - Manipulação, filtração e captação luminosa. Disponível em: https://www.directhotels.com/Kyoto/lori_Nishioshikoji_cho_Machiya_Hotel

p.77 **Figura 33** - Manipulação, filtração e captação luminosa. Disponível em: https://www.directhotels.com/Kyoto/lori_Nishioshikoji_cho_Machiya_Hotel

p.78 **Figura 34** - O Envolver da natureza em busca de um ambiente calmo e conectado com o mundo. Disponível em: <https://architizer.com/blog/inspiration/stories/video-japanese-living-at-the-house-of-sugimoto/>

p.80 **Figura 35** - Grandes Aberturas que ligam o utilizador à natureza exterior. Disponível em: <https://architizer.com/blog/inspiration/stories/video-japanese-living-at-the-house-of-sugimoto/>

p.81 **Figura 36** - Grandes Aberturas que ligam o utilizador à natureza exterior. Disponível em: <https://architizer.com/blog/inspiration/stories/video-japanese-living-at-the-house-of-sugimoto/>

p.82 **Figura 37** - Contraste entre a construção tradicional e uma abordagem contemporânea e brutalista. Disponível em: <https://archeyes.com/row-house-by-tadao-ando-azuma-house-light-space-concrete/>

p.84 **Figura 38** - Aproveitamento máximo da luminosidade disponível para a criação de um pátio interior. Disponível em: <https://archeyes.com/row-house-by-tadao-ando-azuma-house-light-space-concrete/>

p.85 **Figura 39** - Aproveitamento máximo da luminosidade disponível para a criação de um pátio interior. Disponível em: <https://archeyes.com/row-house-by-tadao-ando-azuma-house-light-space-concrete/>

p.86 **Figura 40** - Espaço transitório, entre o interior e o exterior. Disponível em: <https://kkaa.co.jp/en/project/engawa-calouste-gulbenkian-foundation-southern-apex/#gallery-19>

p.88 **Figura 41** - A manipulação dos volumes e das cotas proporciona espaços mais abertos ou mais fechados. Disponível em: <https://kkaa.co.jp/en/project/engawa-calouste-gulbenkian-foundation-southern-apex/#gallery-19>

p.89 **Figura 42** - A manipulação dos volumes e das cotas proporciona espaços mais abertos ou mais fechados. Disponível em: <https://kkaa.co.jp/en/project/engawa-calouste-gulbenkian-foundation-southern-apex/#gallery-19>

p.92 **Figura 43 - Zen**, conexão corporal e espiritual com o mundo e com o ser humano. Disponível em: <https://www.gardeneros.com/blog/zen-garden-ideas-on-a-budget>

p.92 **Figura 44 - Wabi-Sabi**, a apreciação da imperfeição e da inevitável passagem do tempo. Disponível em: <https://chikaeoh.com/journal/a-beginners-guide-to-wabi-sabi>

p.97 **Figura 45** - Espaço que realça a sua origem histórica e preserva o desgaste material. Disponível em: <https://www.leestanton.com/blogs/lee-stanton/wabi-sabi>

p.100 **Figuras 46 e 47** - Adaptação da forma e da materialidade de um sequeiro, para um contexto habitacional. Disponível em: <https://www.josegigantearq.pt/portfolio-gigante-1/sequeiro-2005>

p.101 **Figura 48** - Adaptação da forma e da materialidade de um sequeiro, para um contexto habitacio-
nal. Disponível em: <https://www.josegigantearq.pt/portfolio-gigante-1/sequeiro-2005>

p.104 **Figuras 49, 50 e 51** - O interior da Casa de Paredes, inalterado e preso no passado.

p.106 **Figuras 52, 53 e 54** - A dualidade do espaços de convívio abertos e dos quartos fechados.

p.108 **Figura 55** - Plantas da pré-existência: planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre e piso
térreo

p.109 **Figura 56** - Plantas da pré-existência: planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre e piso
térreo

p.112 **Figuras 57 e 58** - Planta de Vermelhos e Amarelos.

p.114 **Figura 59 - *MoodBoard*** de atmosferas, em busca de um ambiente próprio e mais definido .

p.118 **Figura 60** - Alçados da proposta de reabilitação.

p.120 **Figura 61** - Plantas da proposta de reabilitação: planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre
e piso térreo.

p.121 **Figura 62** - Plantas da proposta de reabilitação: planta de coberturas, planta de tetos, piso nobre
e piso térreo

pp.122, 123 **Figura 63** - Corte D.

pp.124, 125 **Figura 64** - Corte D`.

pp.126, 127 **Figura 65** - Corte A.

pp.128, 129 **Figura 66** - Corte H.

p.130 **Figura 67 - *Moodboard*** de materiais.

pp.134, 135 **Figura 68** - Janela habitável no quarto duplo do piso térreo.

pp.136, 137 **Figura 69** - Clarabóia no retiro da casa Este.

pp.138, 139 **Figura 70** - Retiro isolado ou aberto, para o silêncio ou para o entretenimento.

pp.142, 143 **Figura 71** - Entrada na cozinha e na sala pelo pátio exterior, no piso nobre.

pp.144, 145 **Figura 72** - Vidro opalino, espelho, janelas, clarabóias: manipulação luminosa.

pp.146, 147 **Figura 73** - Sala e cozinha ao final do dia.

pp.148, 149 **Figura 74** - Quarto solteiro no piso nobre.

pp.150, 151 **Figura 75** - Pormenor da secretária no quarto individual, no piso nobre.

pp.152, 153 **Figura 76** - Suite de casal, no piso nobre, e um olhar sobre os armários embutidos.

pp.154, 155 **Figura 77** - Cama e ambiente envolvente na suite de casal do piso nobre.

pp.156, 157 **Figura 78** - Cama e envolvência ao final do dia.

pp.158, 159 **Figura 79** - Sala e cozinha do piso térreo.

pp.160, 161 **Figura 80** - Sala com janela habitável, no piso térreo.

p.162 **Figuras 81 e 82** - Fotografias das maquetes do projeto.

p.164 **Figuras 83 e 84** - Maquete geral em escala 1:200 e maquete do edifício principal em escala 1:100.

p.165 **Figura 85** - Maquete geral em escala 1:200 e maquete do edifício principal em escala 1:100.

DESENHOS TÉCNICOS

Relatório de Projeto

Lista de Desenhos

Plantas

- Piso Térreo, pré-existência
- Piso Nobre, pré-existência
- Planta de Tetos, pré-existência
- Planta de Coberturas, pré-existência
- Piso Térreo, proposta de reabilitação
- Piso Nobre, proposta de reabilitação
- Planta de Tetos, proposta de reabilitação
- Planta de Coberturas, proposta de reabilitação

Alçados

- Alçado Norte, pré-existência
- Alçado Sul, pré-existência
- Alçado Oeste, pré-existência
- Alçado Este, pré-existência
- Alçado Norte, proposta de reabilitação
- Alçado Sul, proposta de reabilitação
- Alçado Oeste, proposta de reabilitação
- Alçado Este, proposta de reabilitação

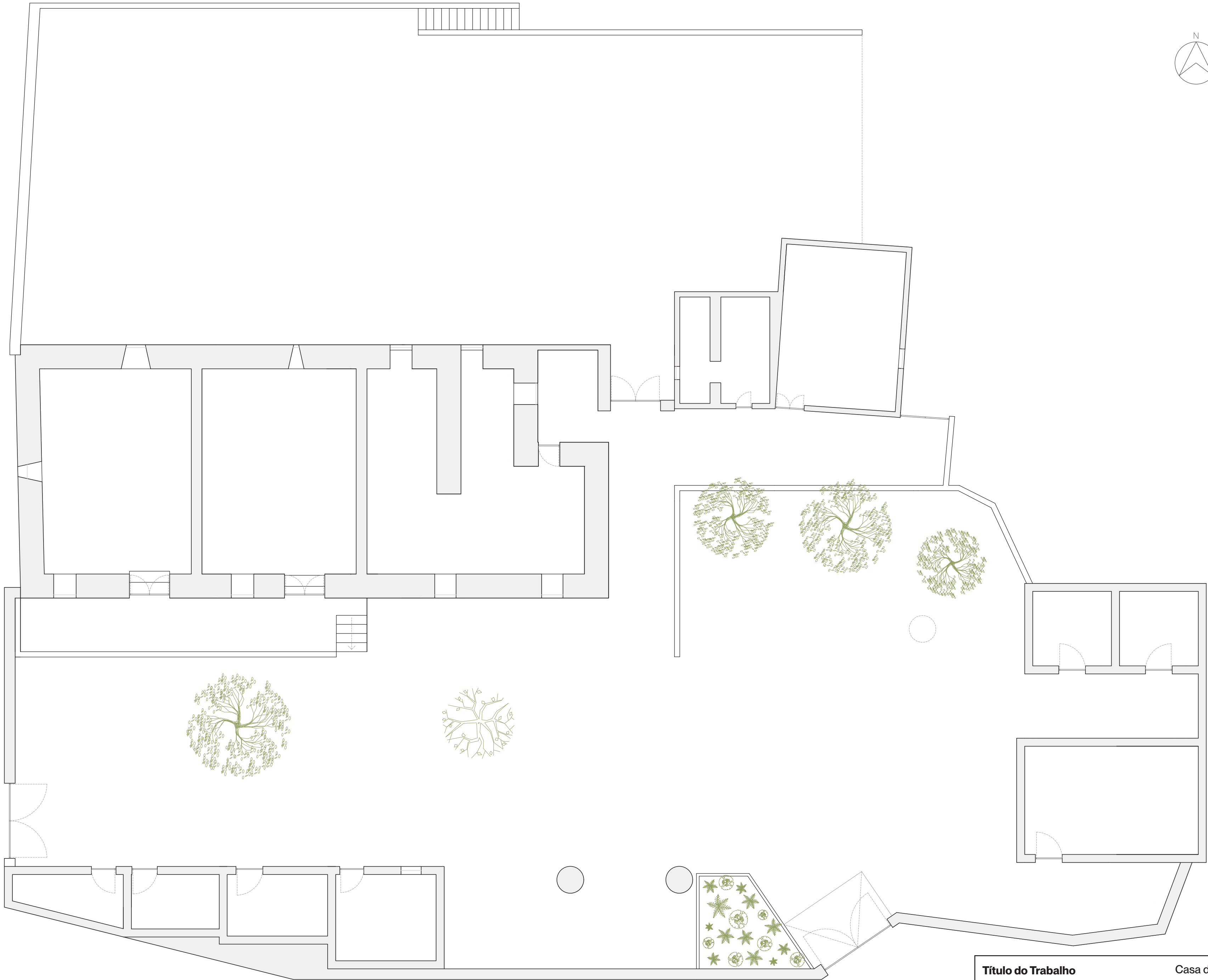
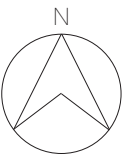
Cortes

- Localização dos cortes, pré-existência
- Cortes, pré-existência
- Localização, proposta de reabilitação
- Cortes, proposta de reabilitação

Utilitários

- Planta Vermelhos e Amarelos, piso térreo
- Planta Vermelhos e Amarelos, piso nobre
- Planta de Área - piso térreo, proposta de reabilitação
- Planta de Área - piso nobre, proposta de reabilitação

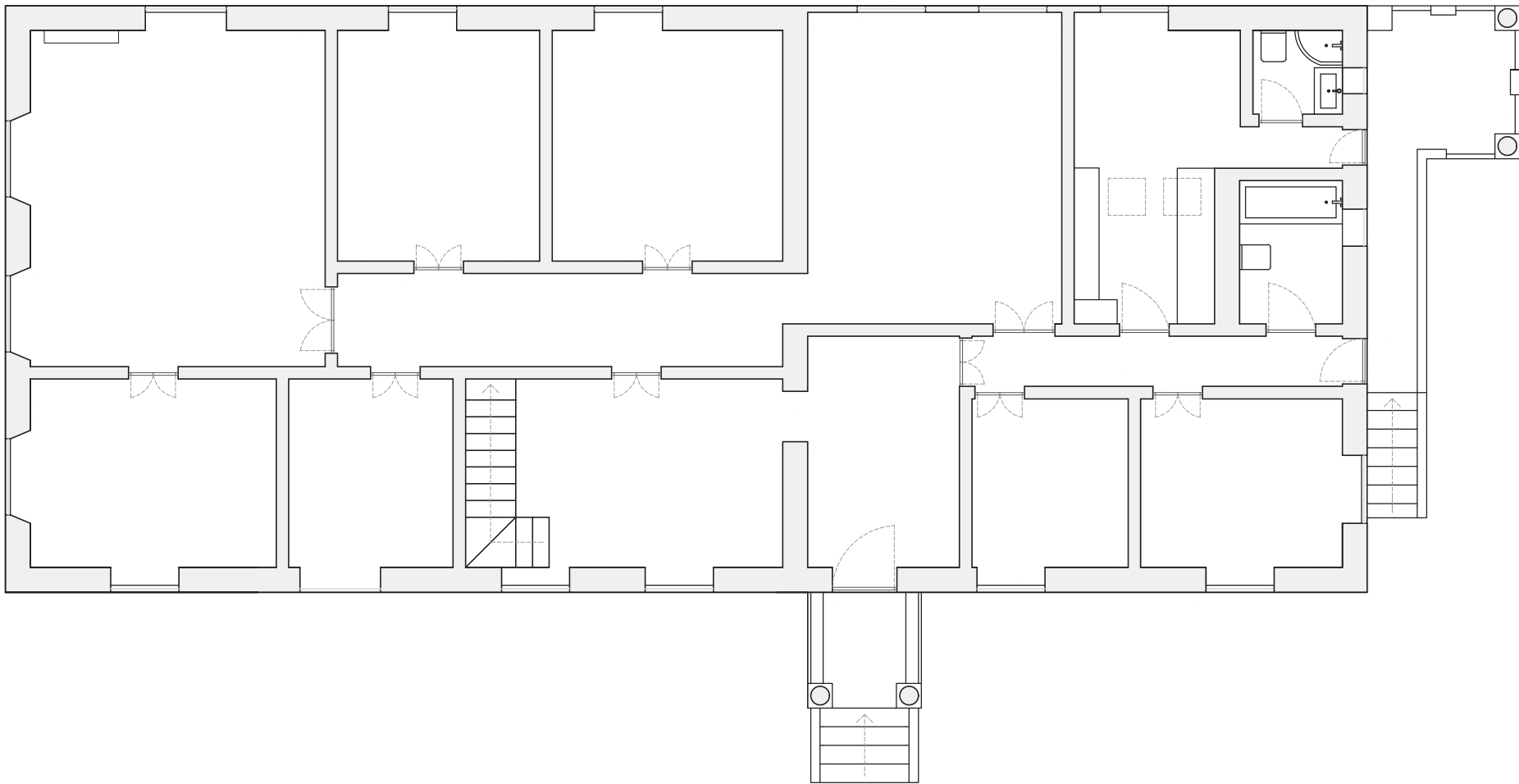
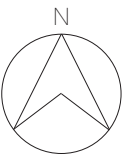
Plantas



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Piso Térreo	Escala	1:100

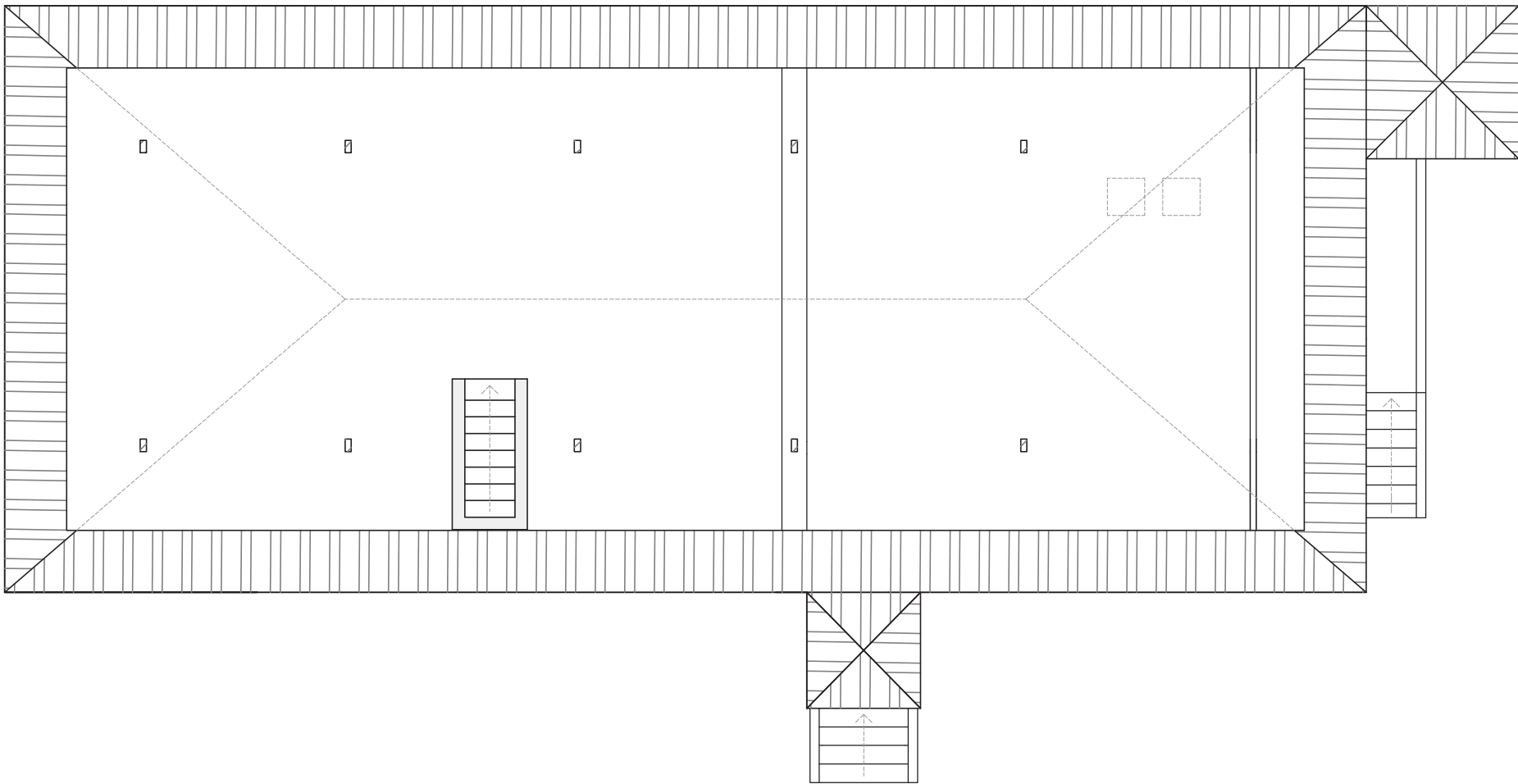




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Piso Nobre	Escala	1:100

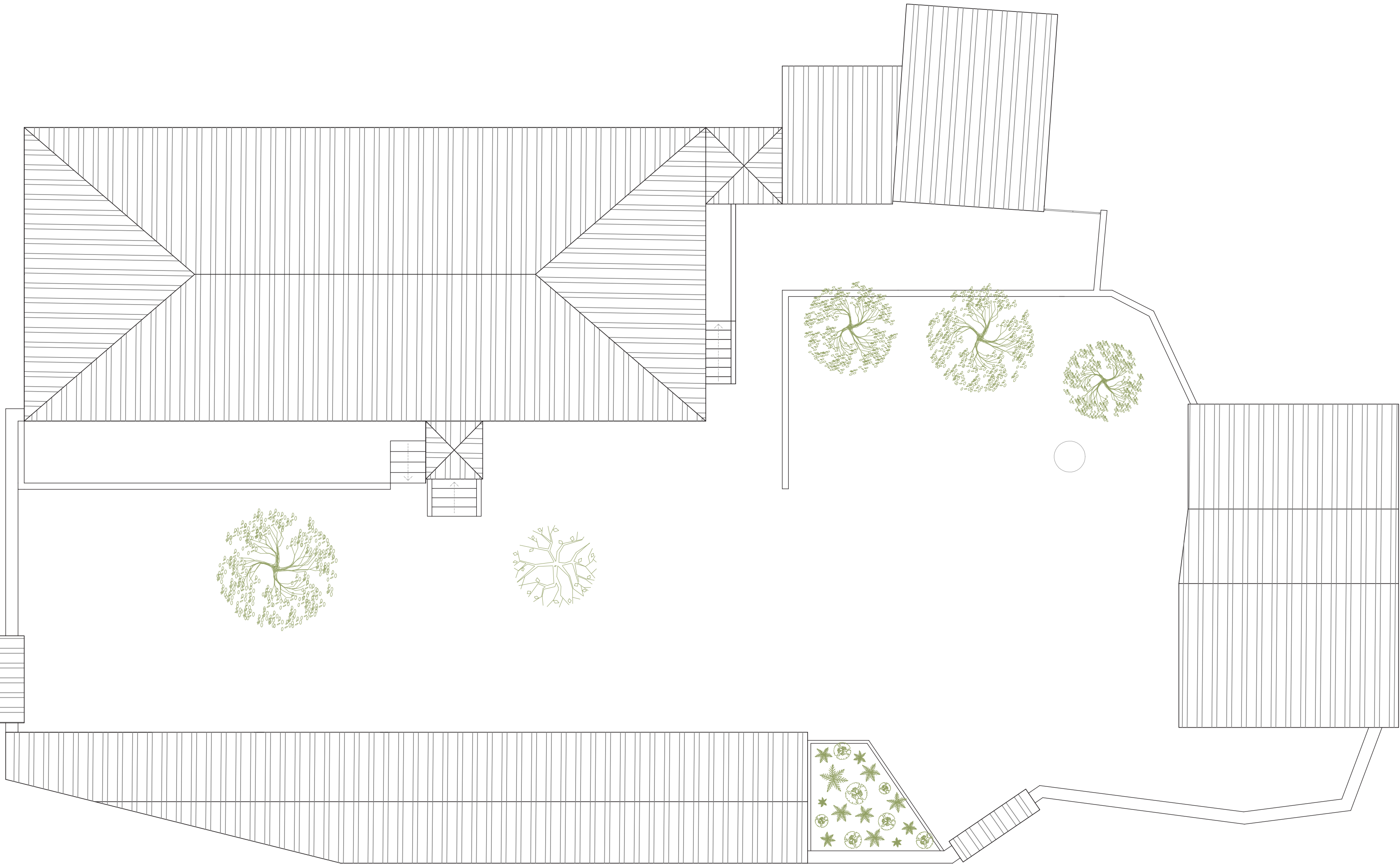
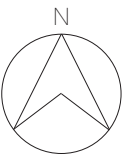




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Planta de Tetos	Escala	1:100

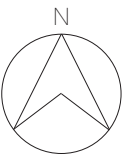




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Planta de Coberturas	Escala	1:100

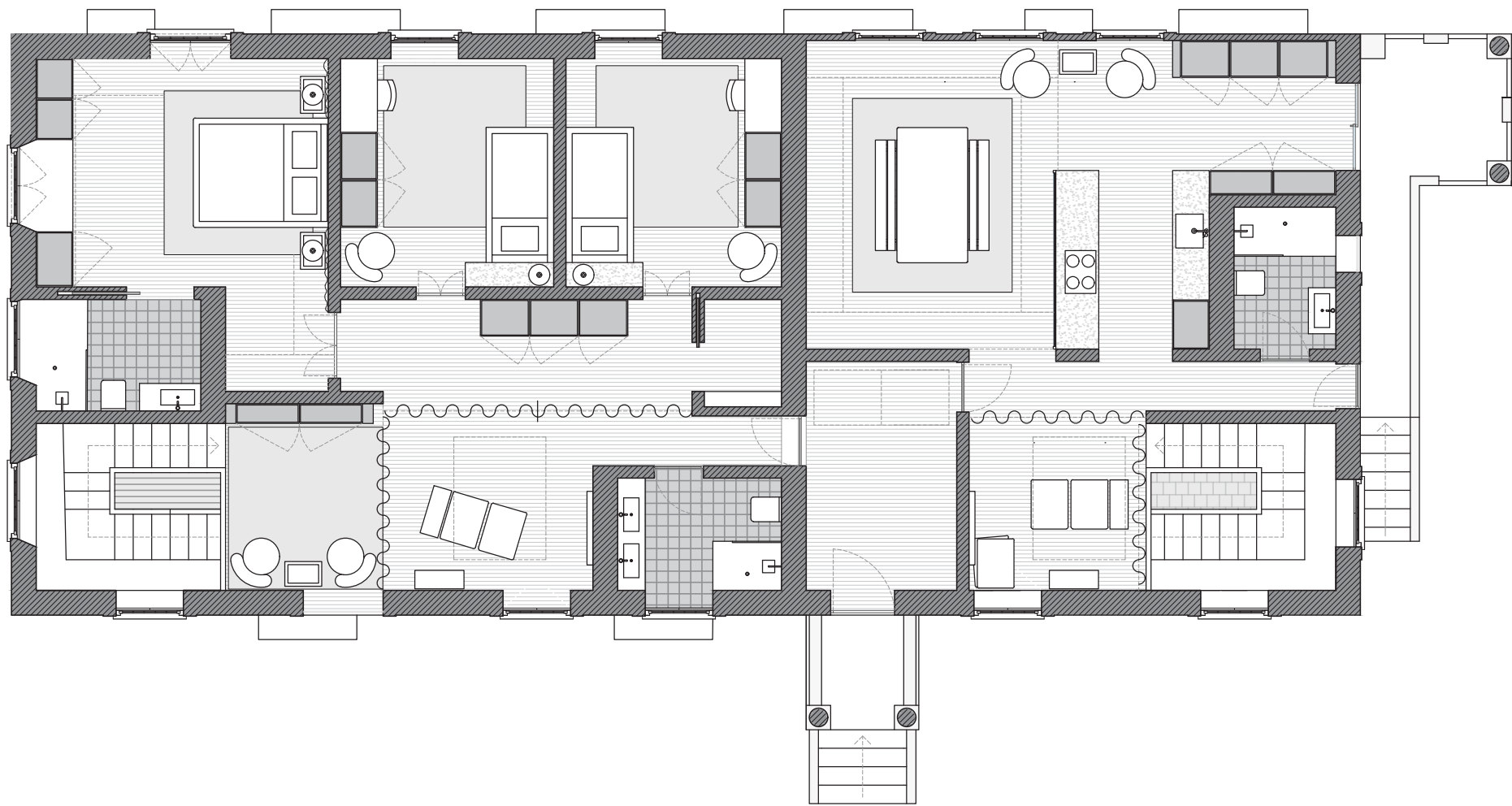




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Piso Térreo, Proposta	Escala	1:100





Ass.:

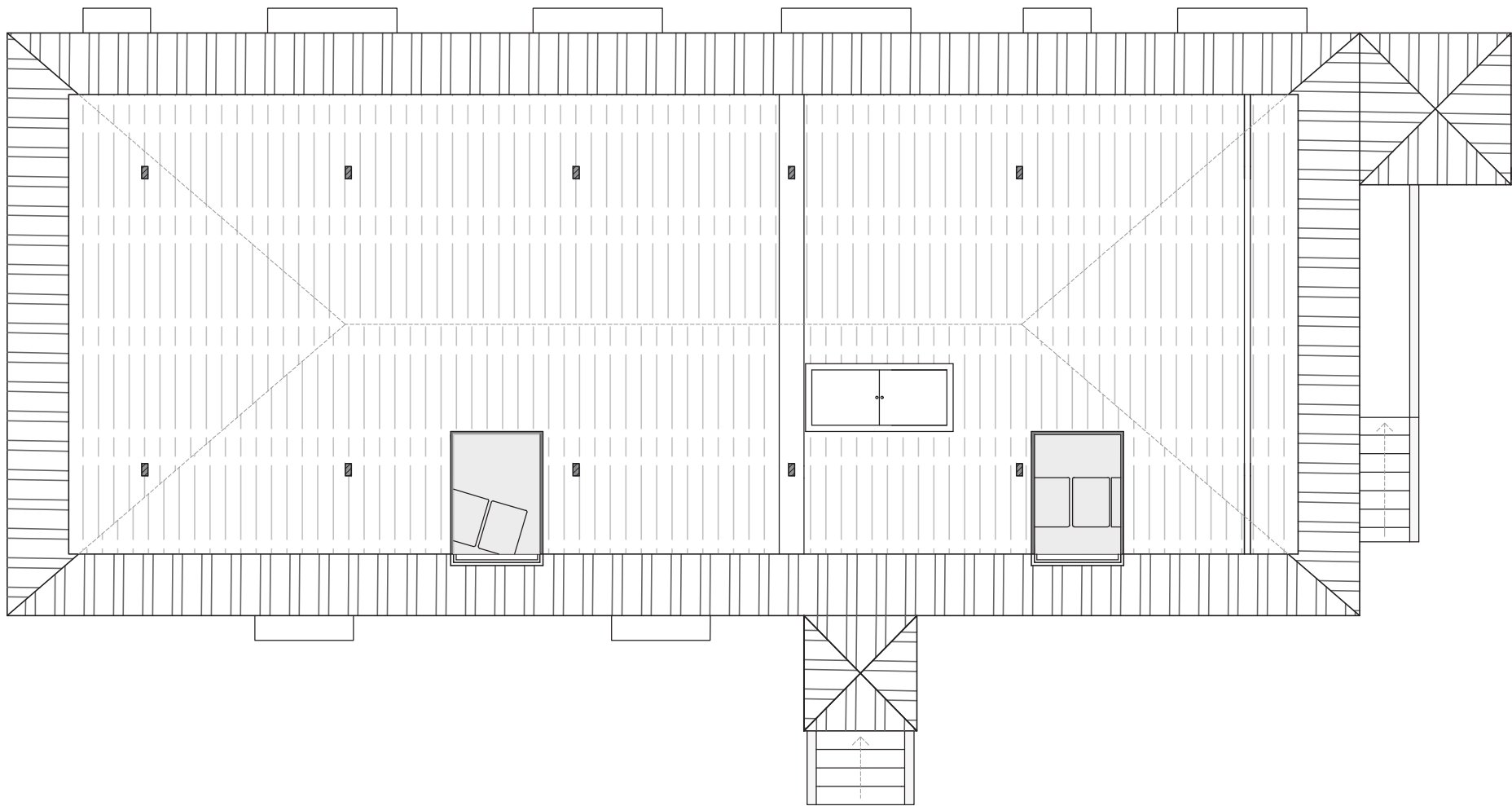
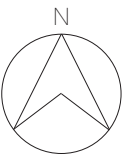
Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Piso Nobre, Proposta	Escala	1:100

0

1

2 m

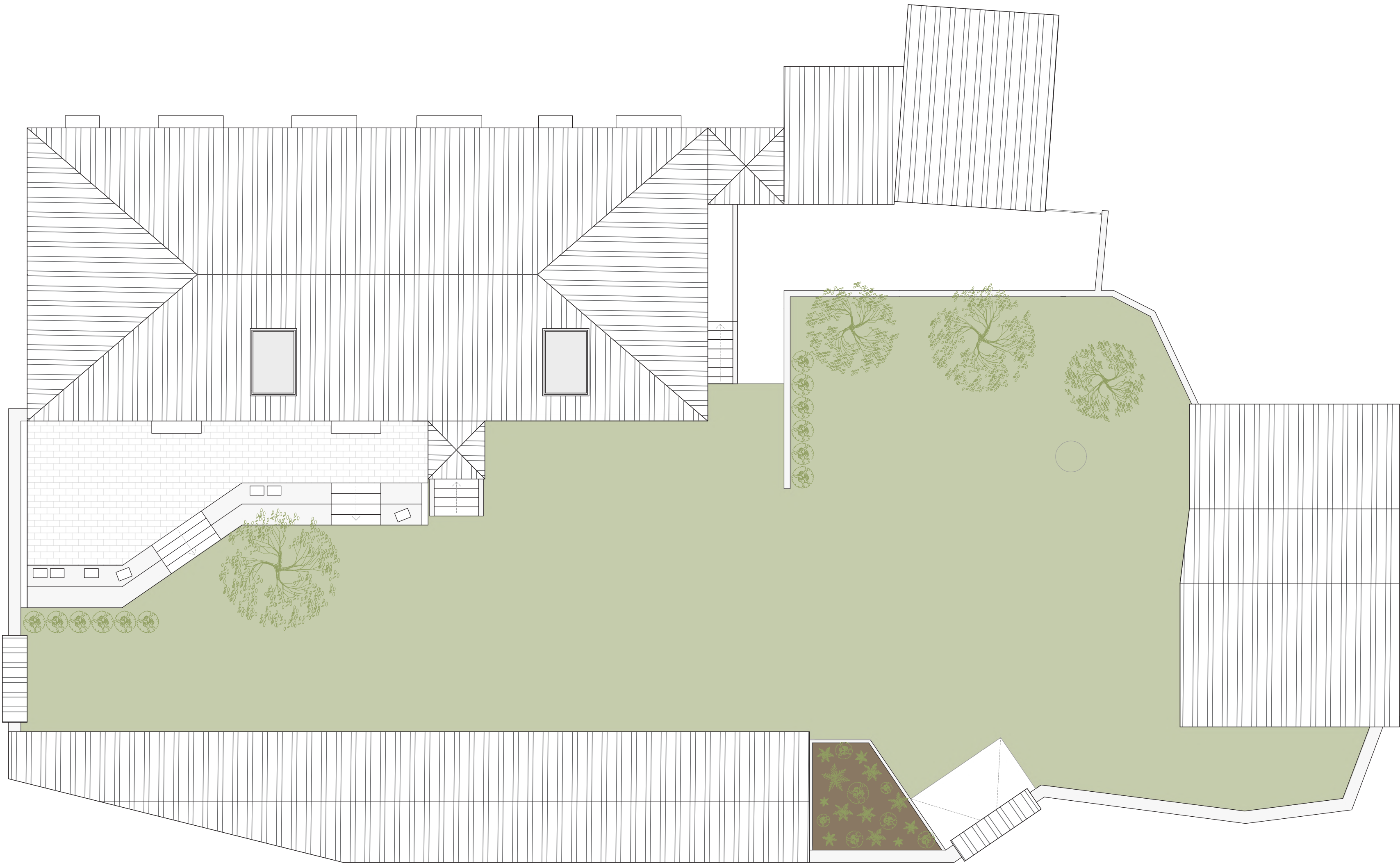
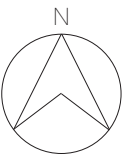




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Planta de Tetos, Proposta	Escala	1:100



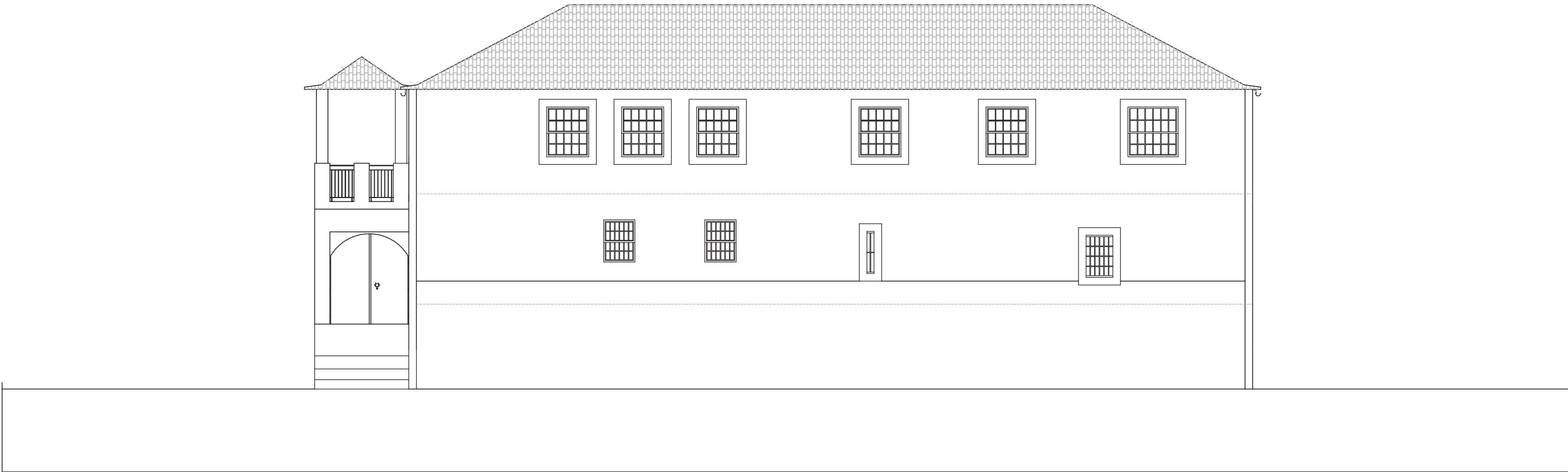


Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Planta de Coberturas, Proposta	Escala	1:100



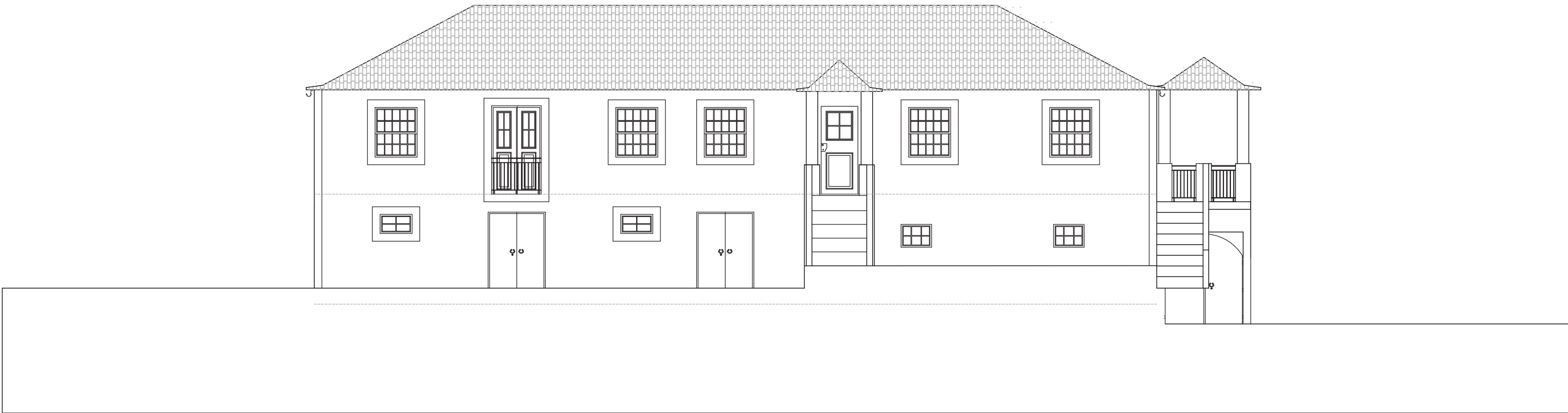
Alçados



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Norte	Escala	1:100

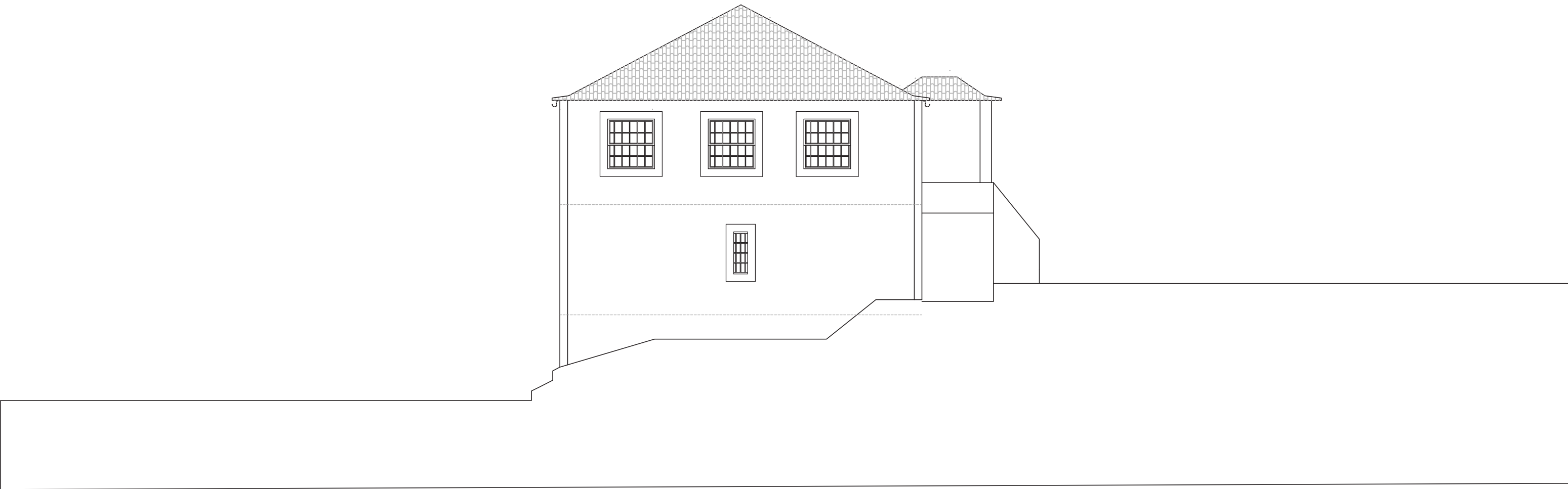




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Sul	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Oeste	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Este	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Norte, Proposta	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Sul, Proposta	Escala	1:100

0

1

2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Oeste, Proposta	Escala	1:100



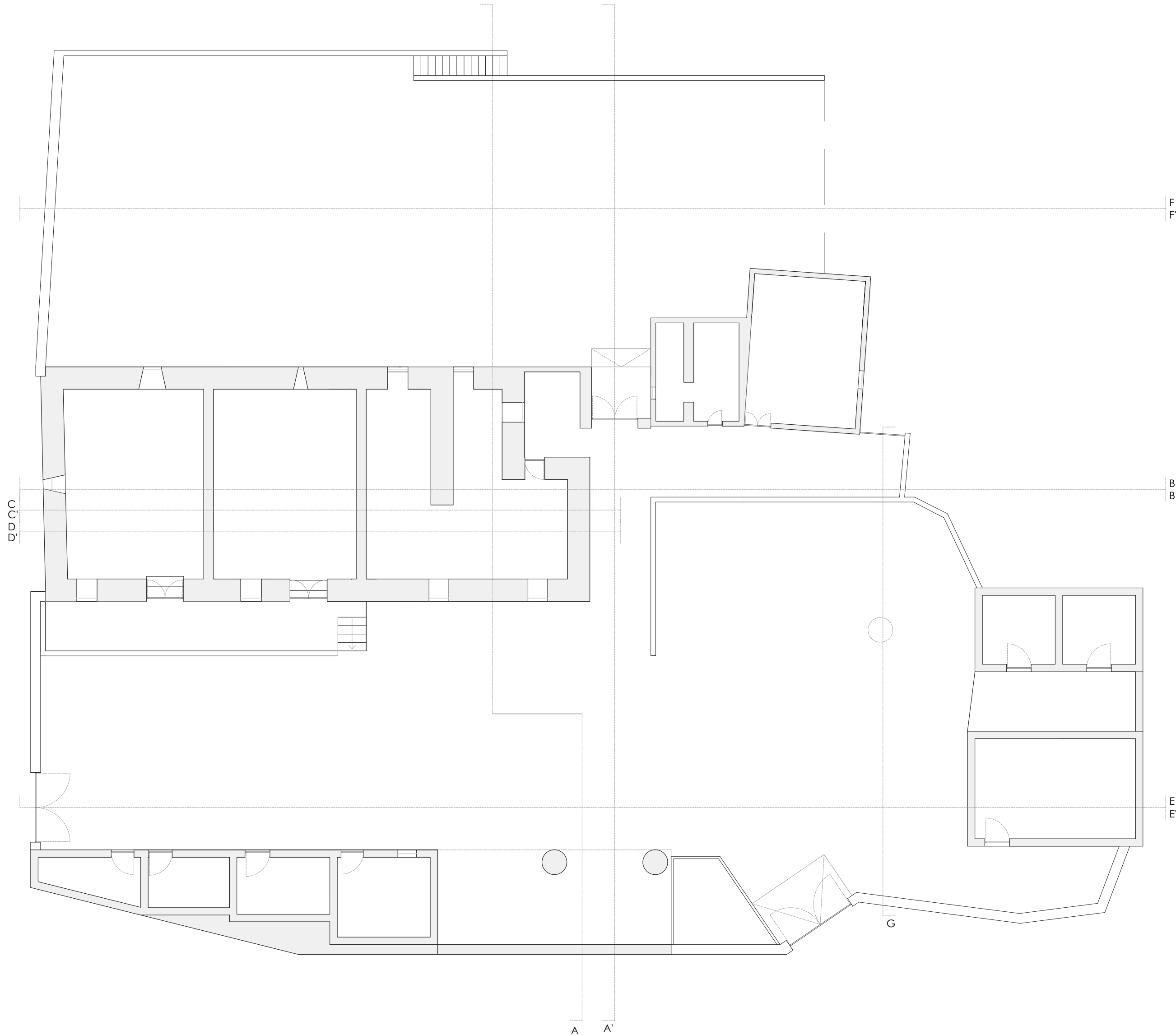
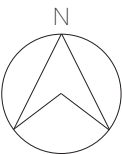


Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Alçado Este, Proposta	Escala	1:100



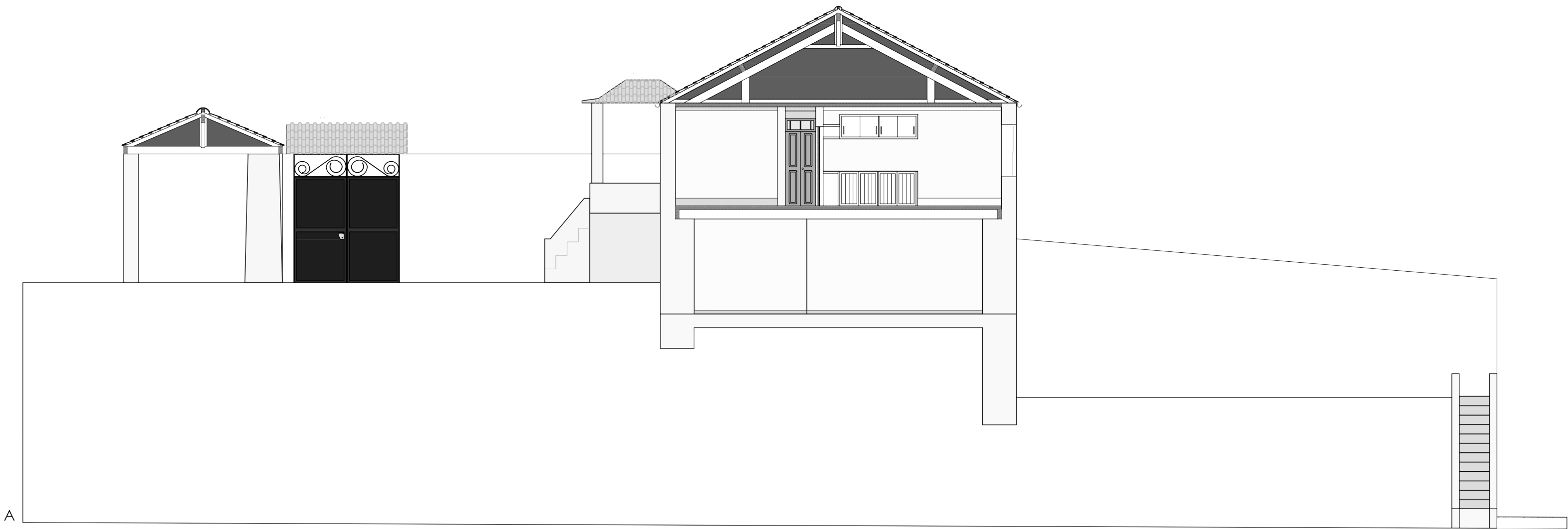
Cortes



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Localização Cortes, pré-existência	Escala	1:150

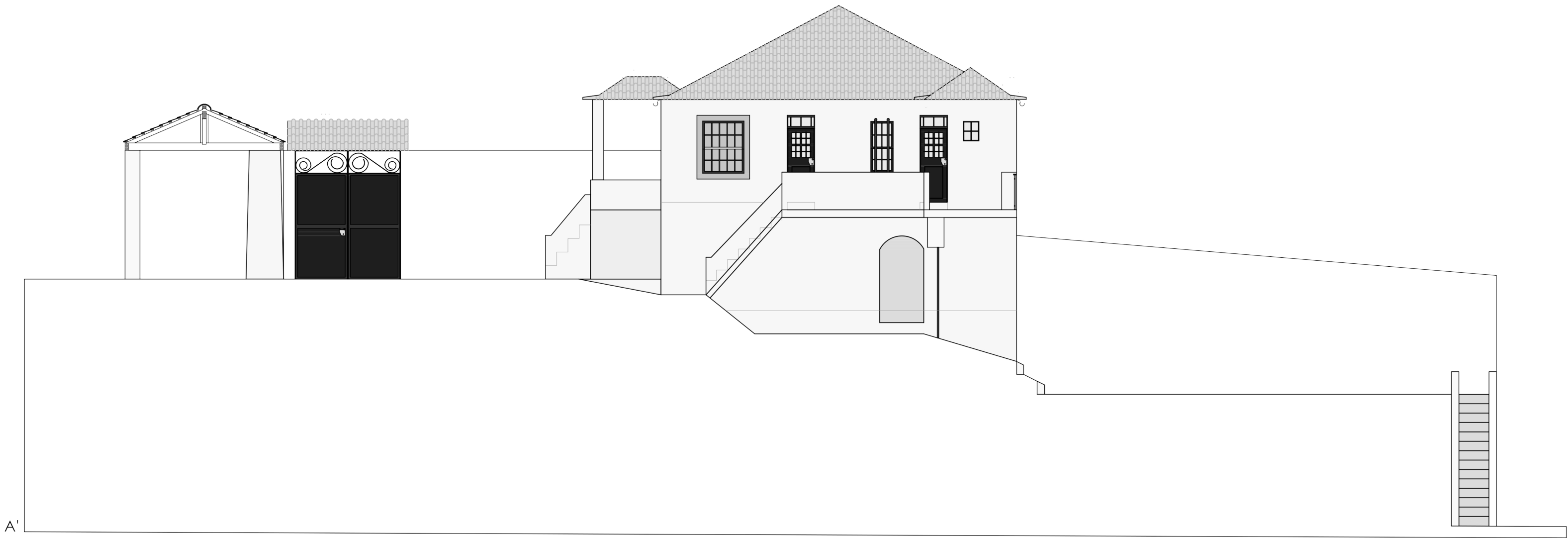




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte A, pré-existência	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte A', pré-existência	Escala	1:100

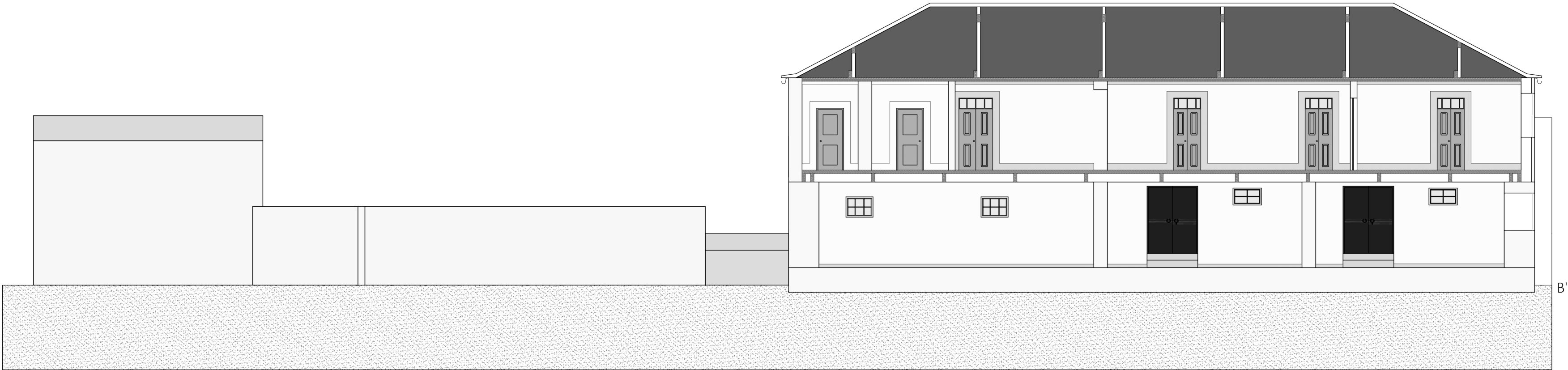




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte B, pré-existência	Escala	1:100





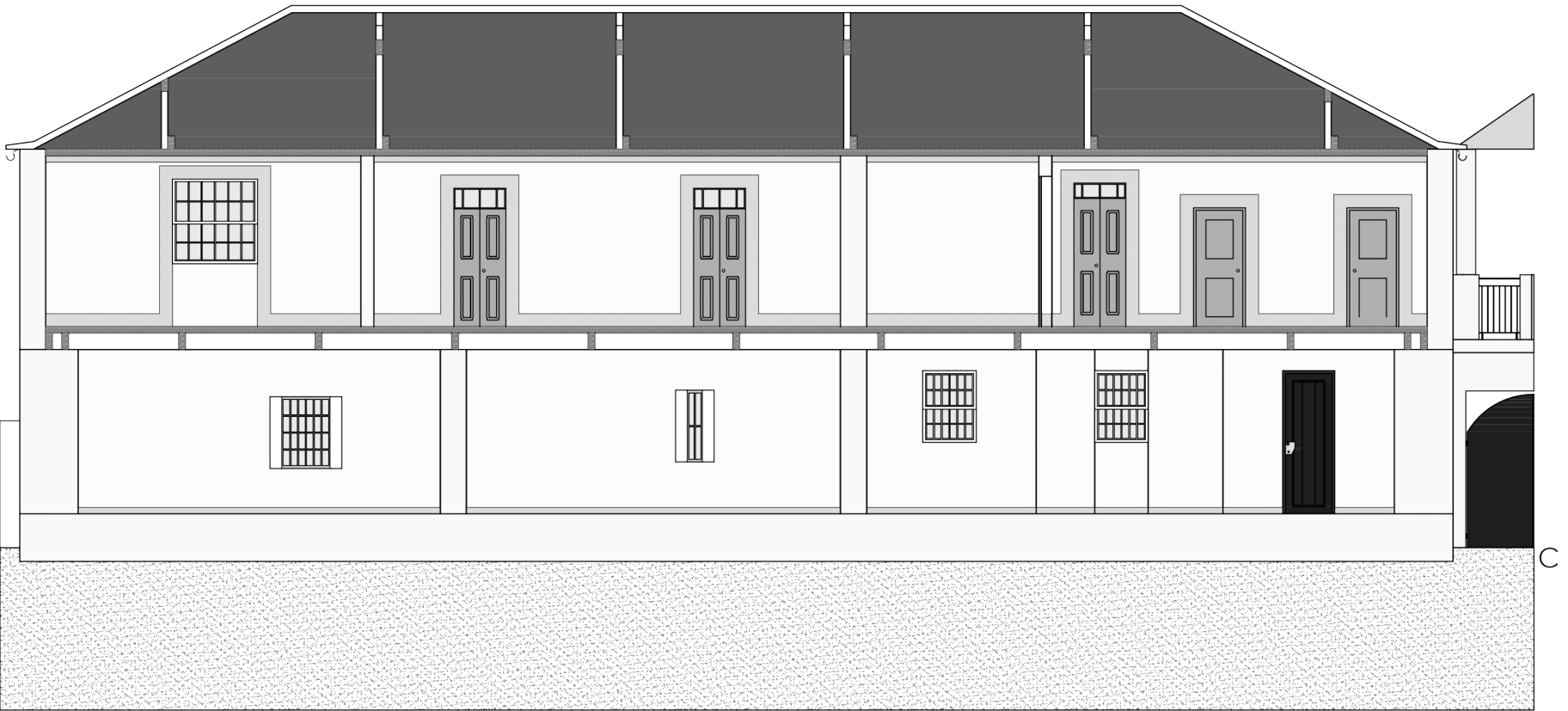
Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte B', pré-existência	Escala	1:100

0

1

2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte C, pré-existência	Escala	1:100

0

1

2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte C', pré-existência	Escala	1:100

012m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte D, pré-existência	Escala	1:100

0

1

2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte D', pré-existência	Escala	1:100

0

1

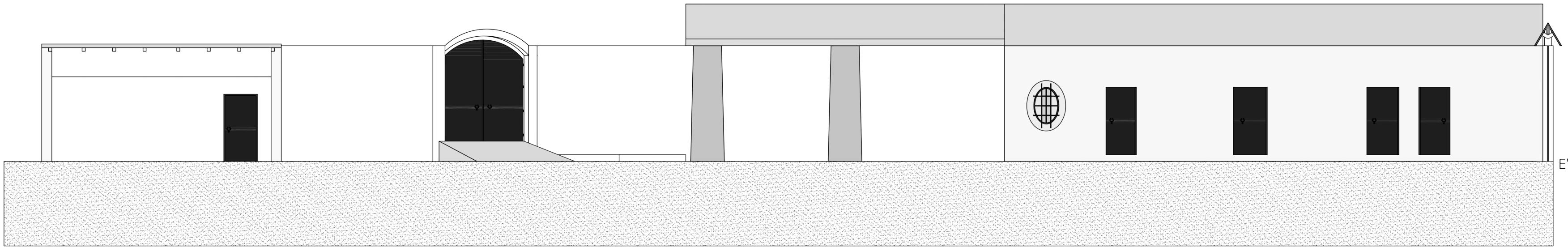
2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte E, pré-existência	Escala	1:100

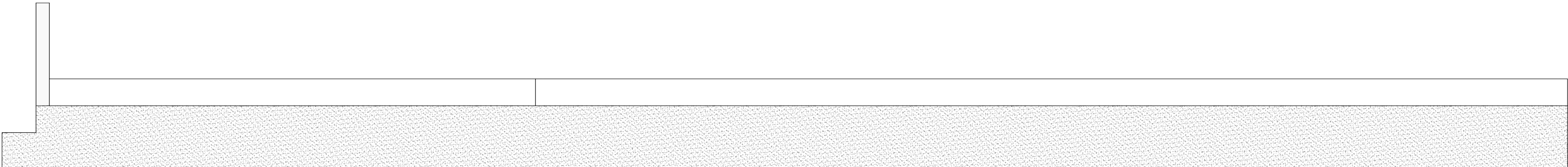




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte E', pré-existência	Escala	1:100

012m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte F, pré-existência	Escala	1:100

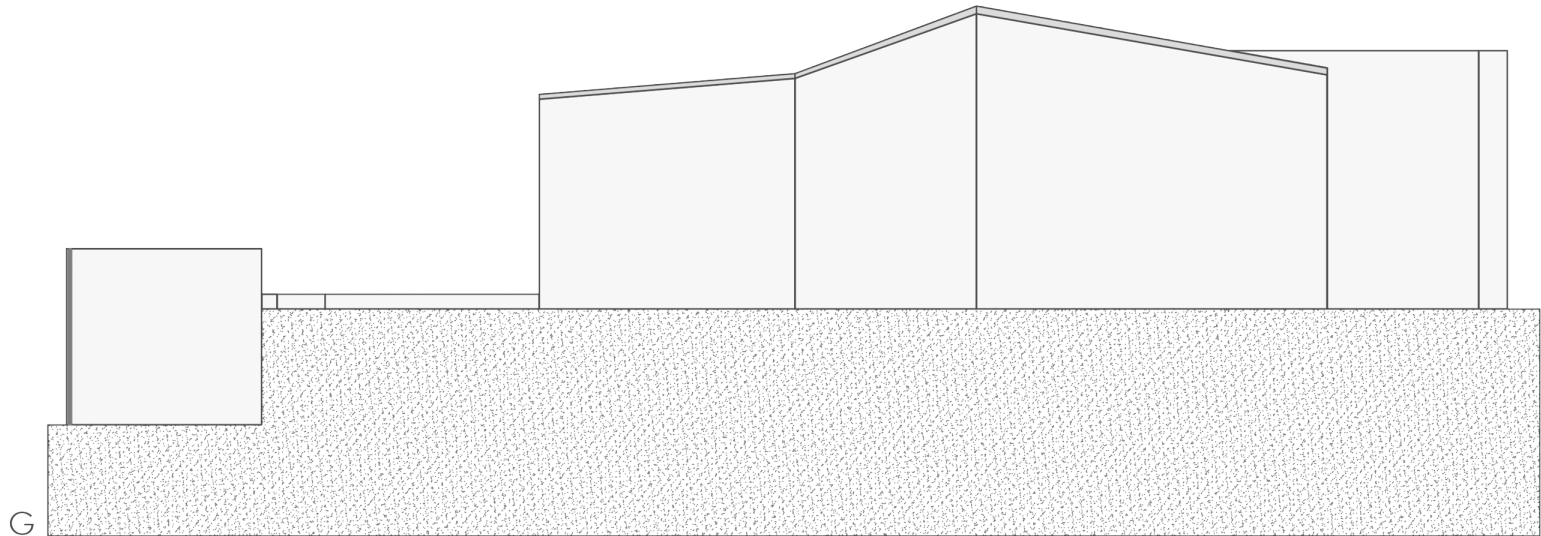




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte F', pré-existência	Escala	1:100





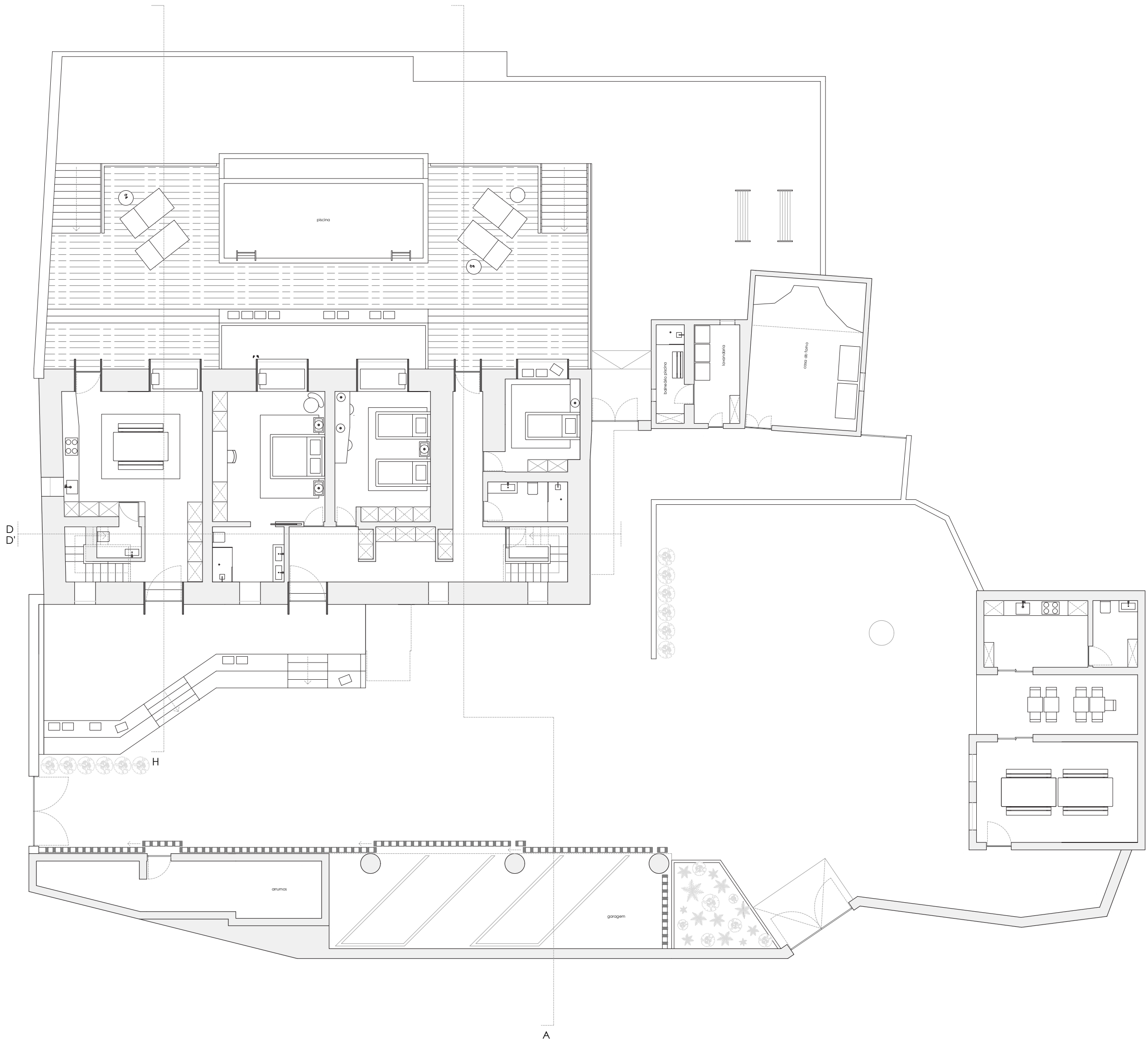
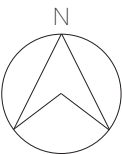
Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte G, pré-existência	Escala	1:100

0

1

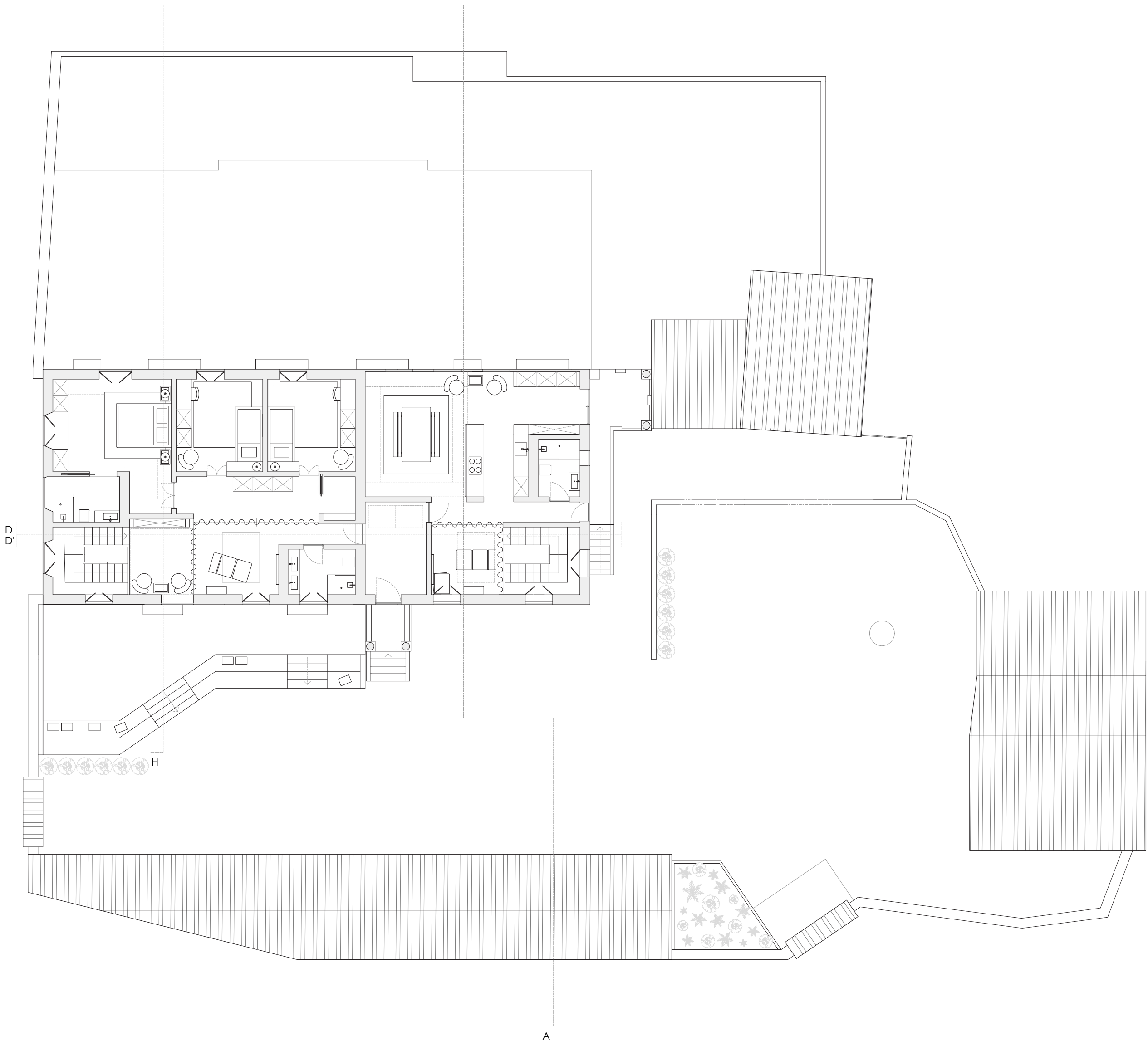
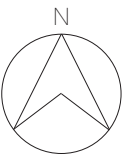
2 m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Localização Cortes (1), proposta	Escala	1:150

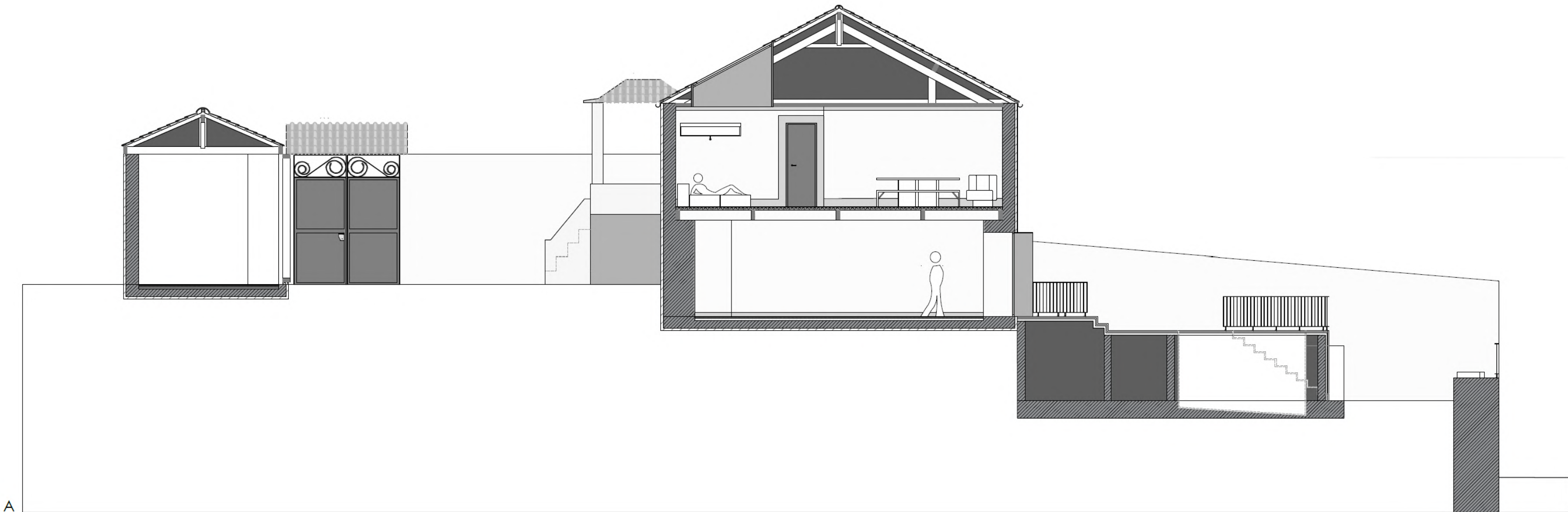




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Localização Cortes (2), proposta	Escala	1:150





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte A, proposta	Escala	1:100

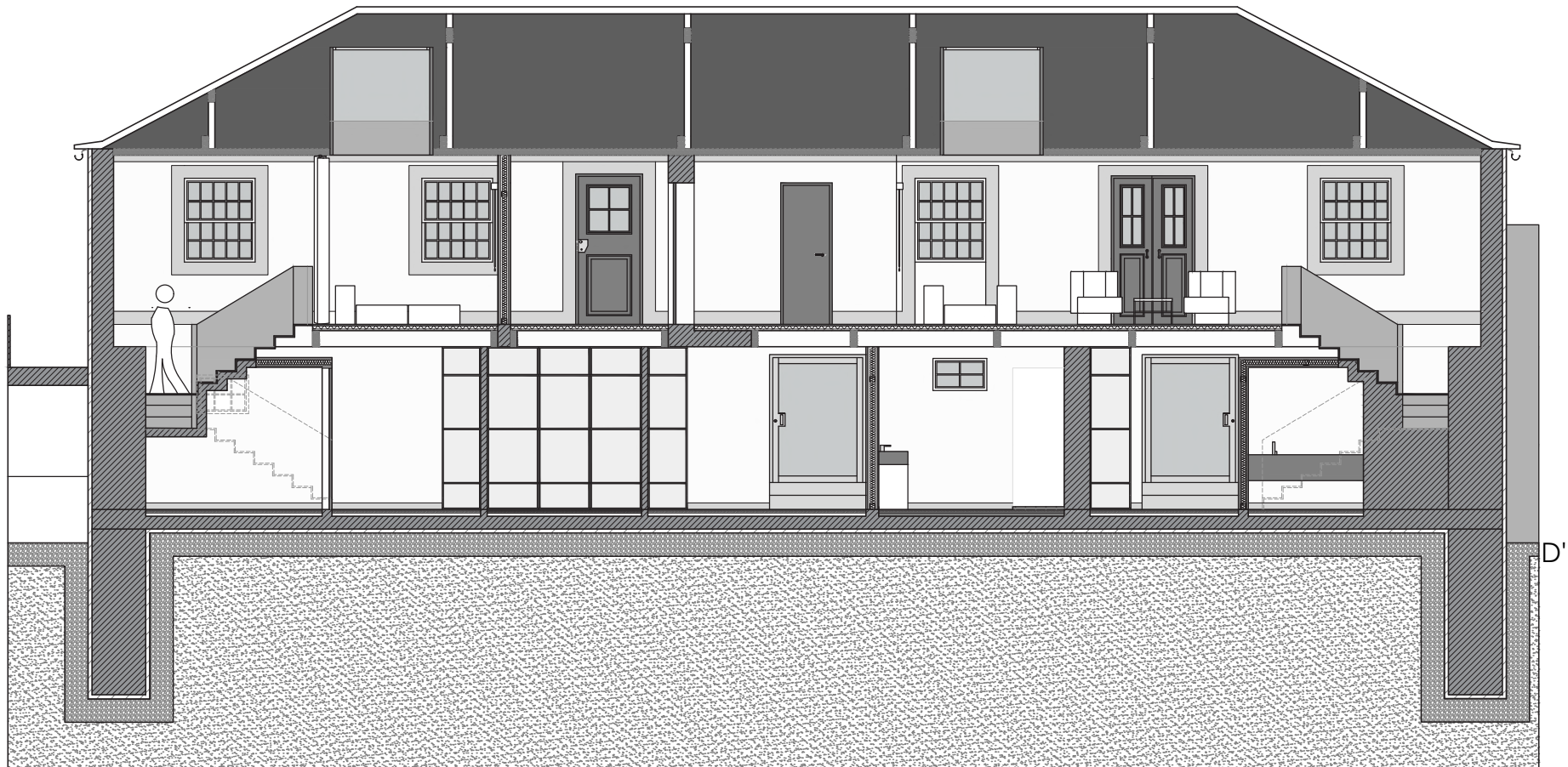




Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte D, proposta	Escala	1:100

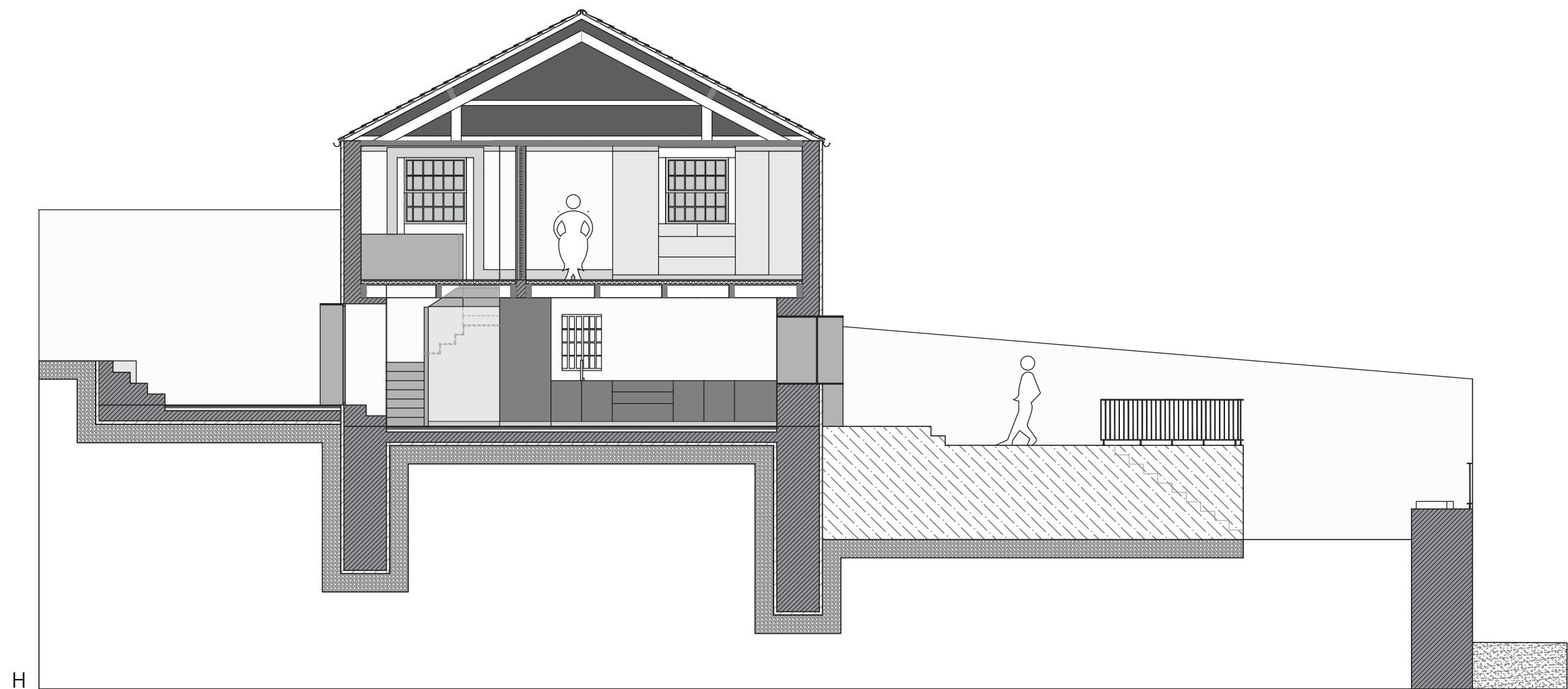
012m



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte D', proposta	Escala	1:100

012m

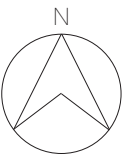


Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Corte H, proposta	Escala	1:100

012m

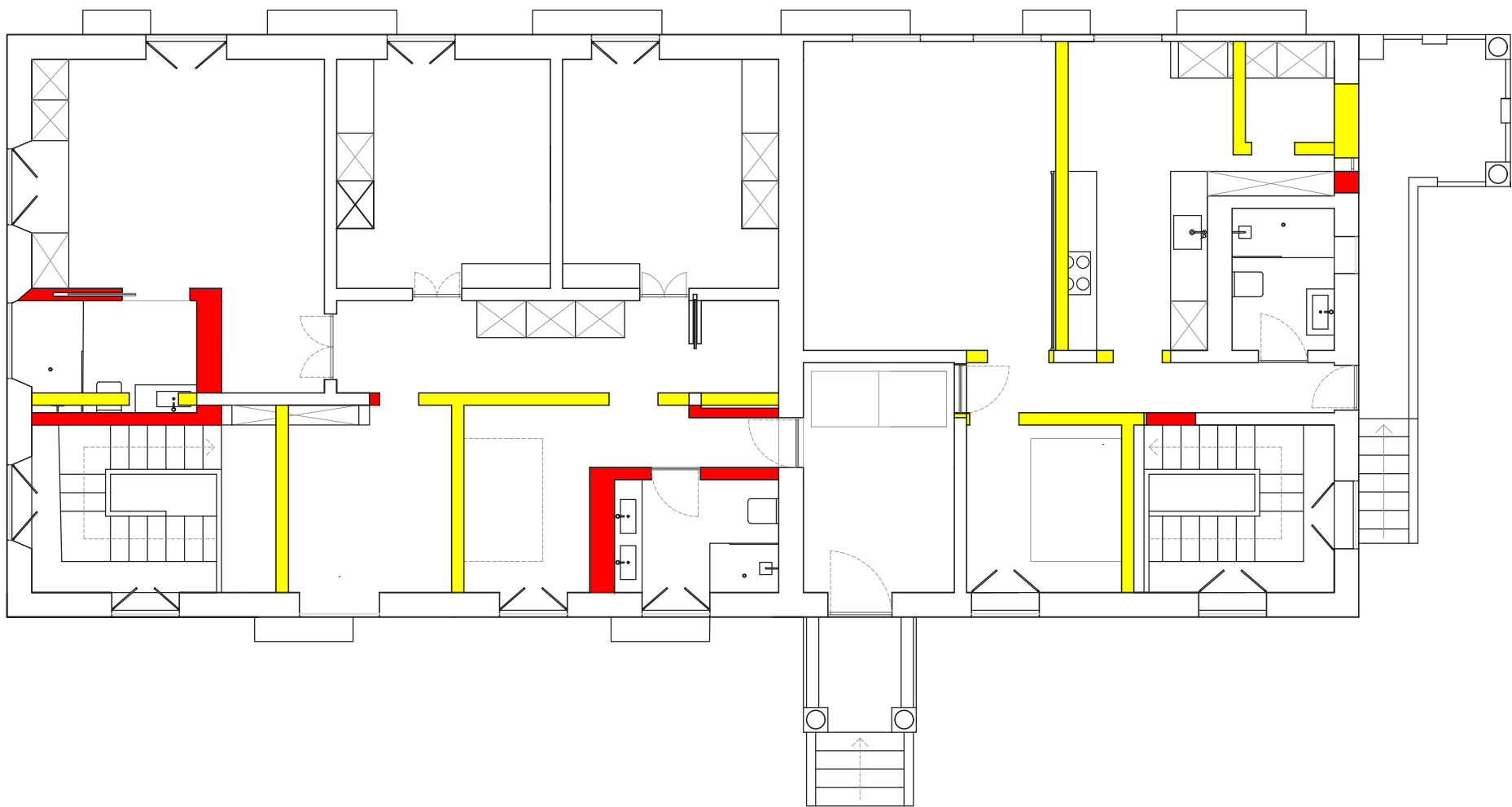
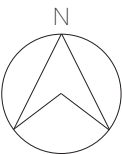
Utilitários



Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Vermelhos e Amarelos, piso térreo	Escala	1:100

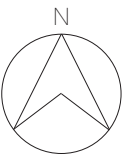




Ass.:

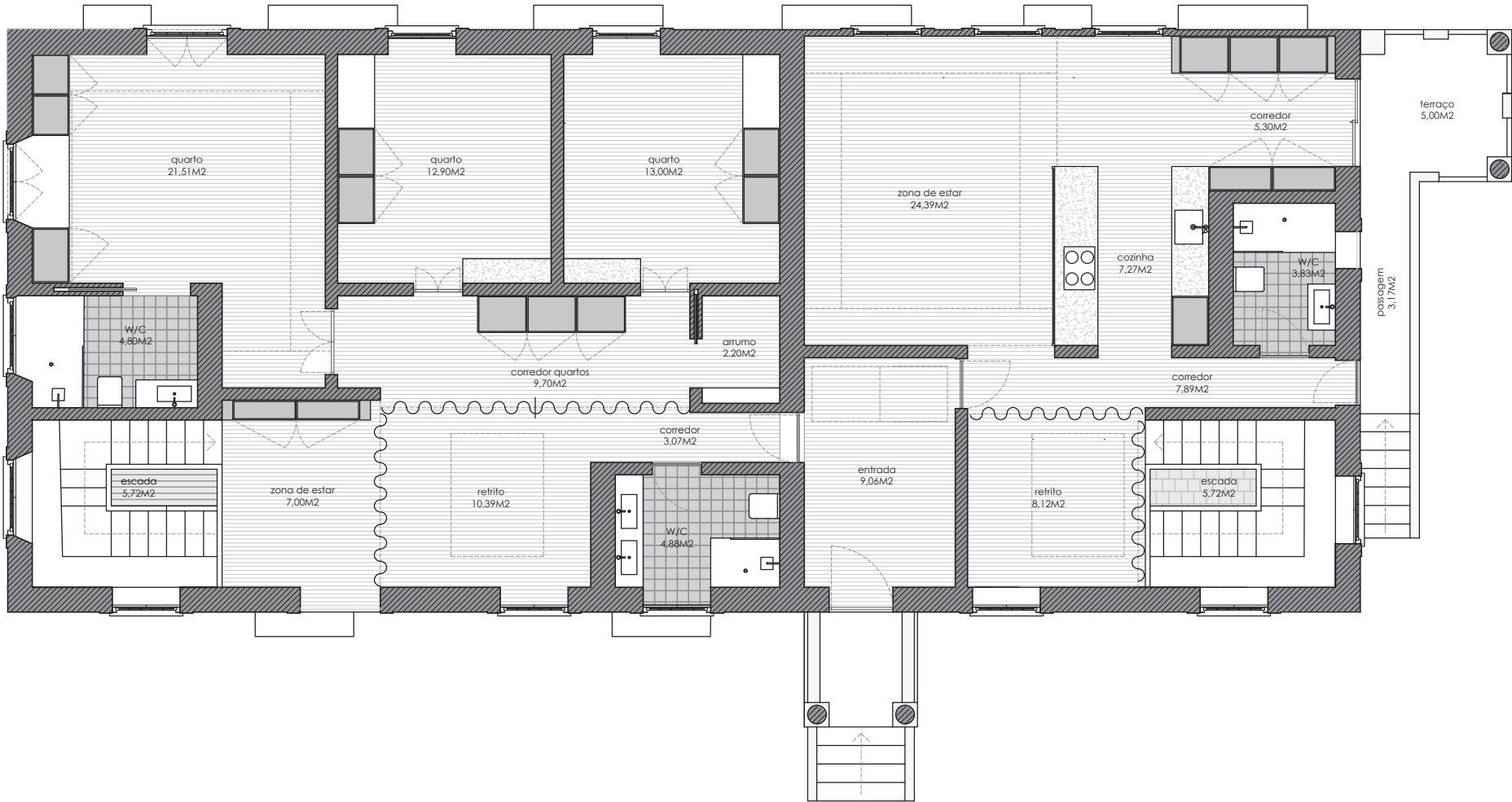
Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra	
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025
Desenho	Vermelhos e Amarelos, piso nobre	Escala	1:100





Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra		
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico	
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025	
Desenho	Planta de Áreas, piso térreo	Escala	1:100	0 1 2 m



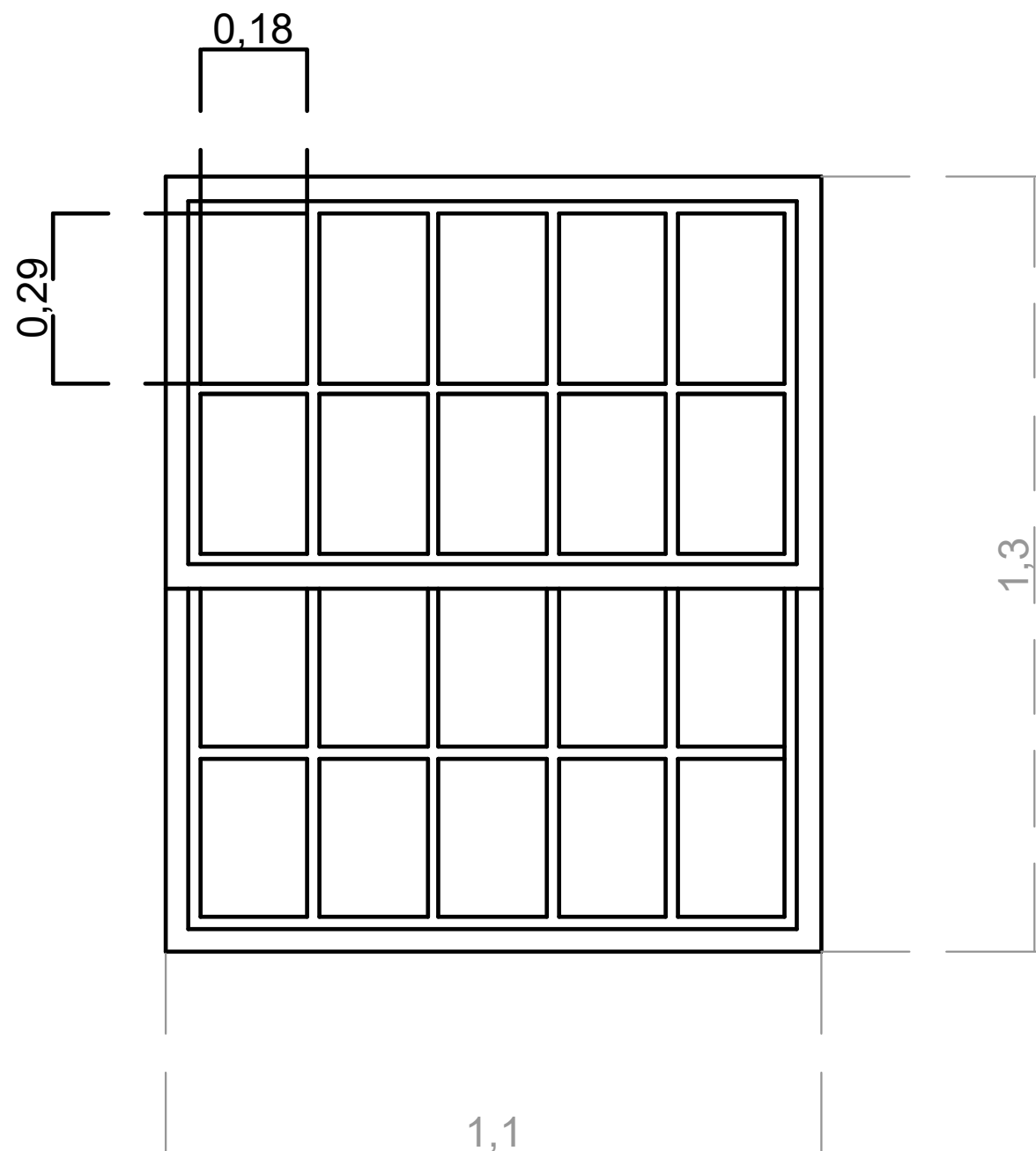
Ass.:

Título do Trabalho		Casa de Paredes, duas casas nos arredores de Coimbra		
Tipologia	Relatório de Projeto	Fase	Projeto Académico	
Grau	Mestrado	Data	21/11/2025	
Desenho	Planta de Áreas, piso nobre	Escala	1:100	0 1 2 m

MAPA DE VÃOS

PISO NOBRE

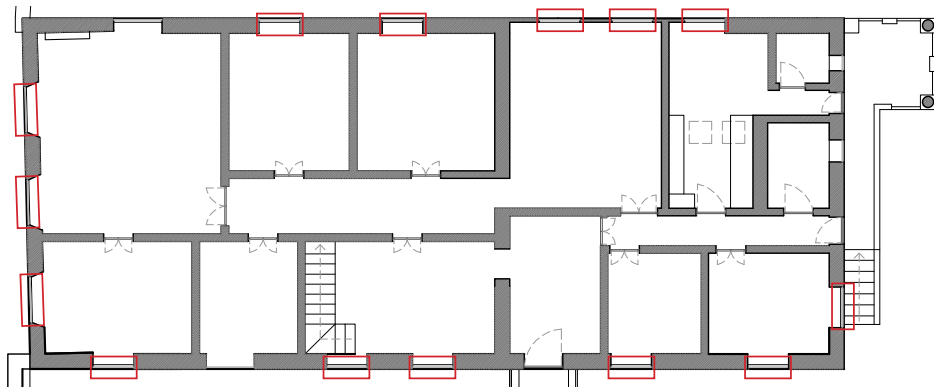
JANELA
GUILHOTINA (A)



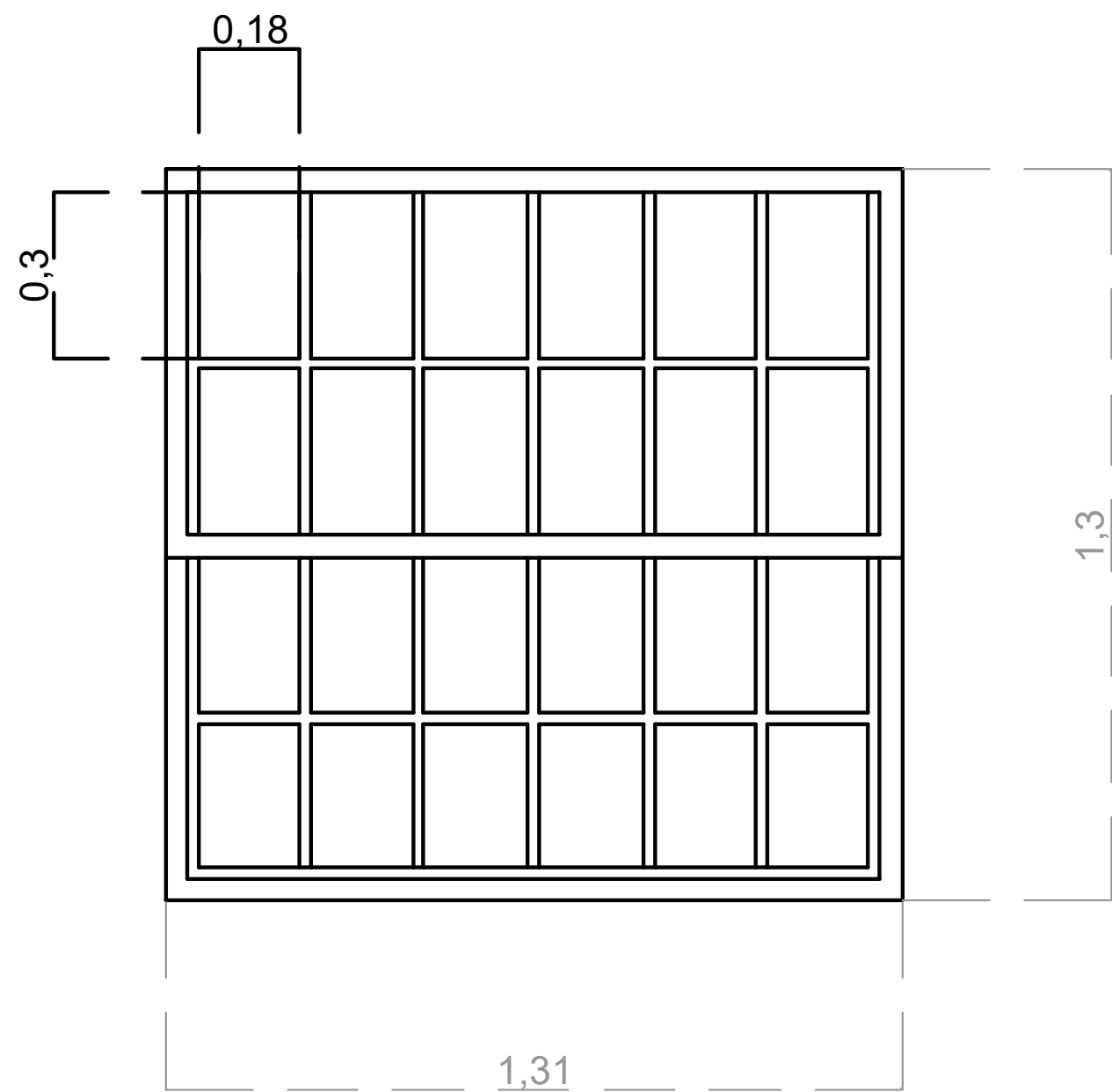
DESCRIÇÃO

- 14 exemplares no edifício,
encontram-se nos quatro alçados.

LOCALIZAÇÃO:



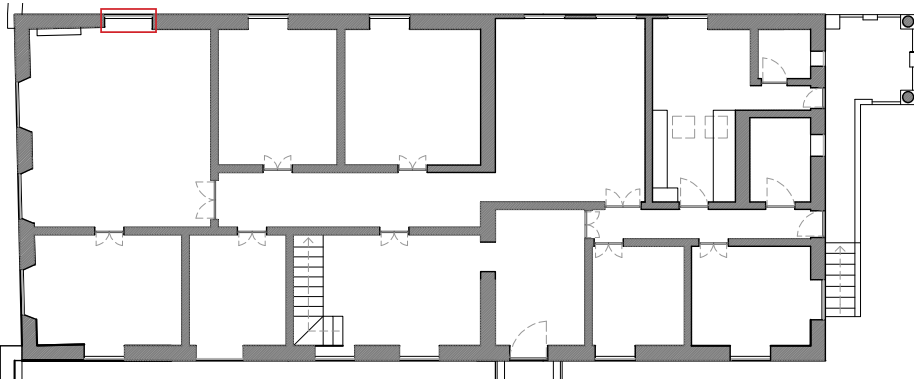
JANELA
GUILHOTINA (B)



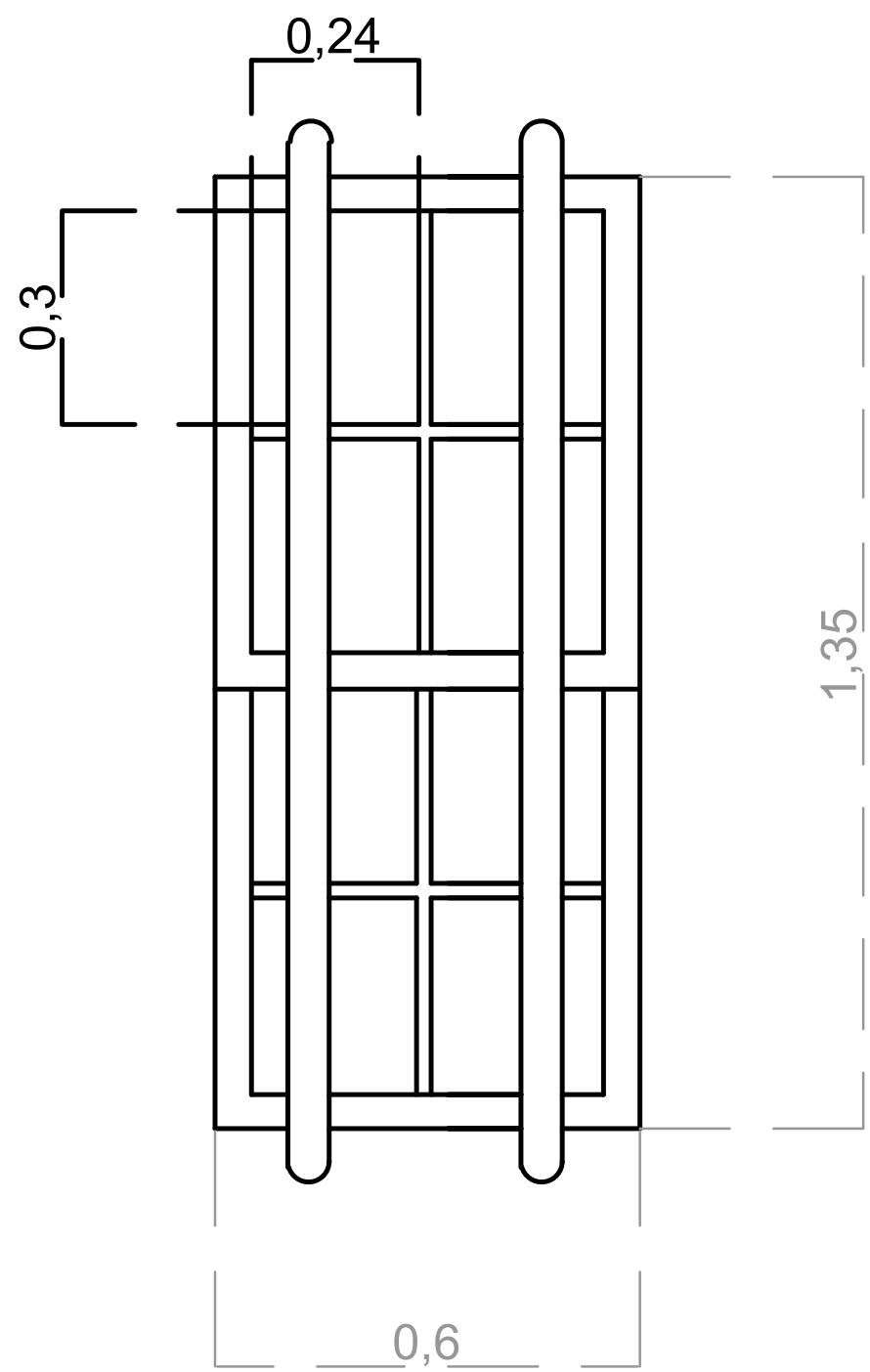
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único em todo o edifício,
encontra-se no alçado norte.

LOCALIZAÇÃO:



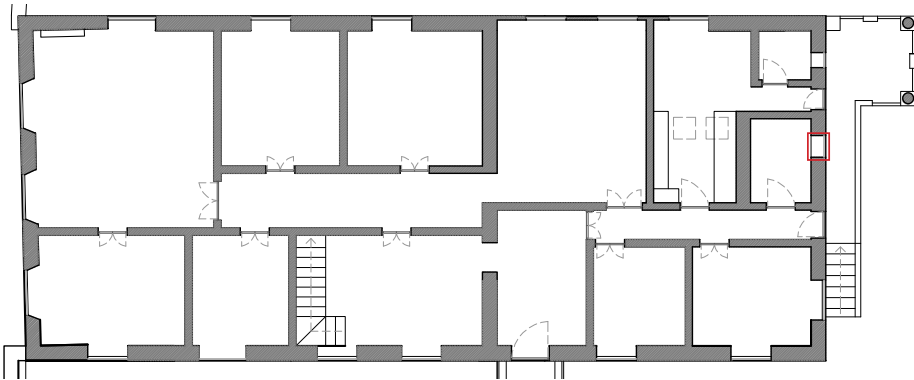
JANELA
GUILHOTINA (C)



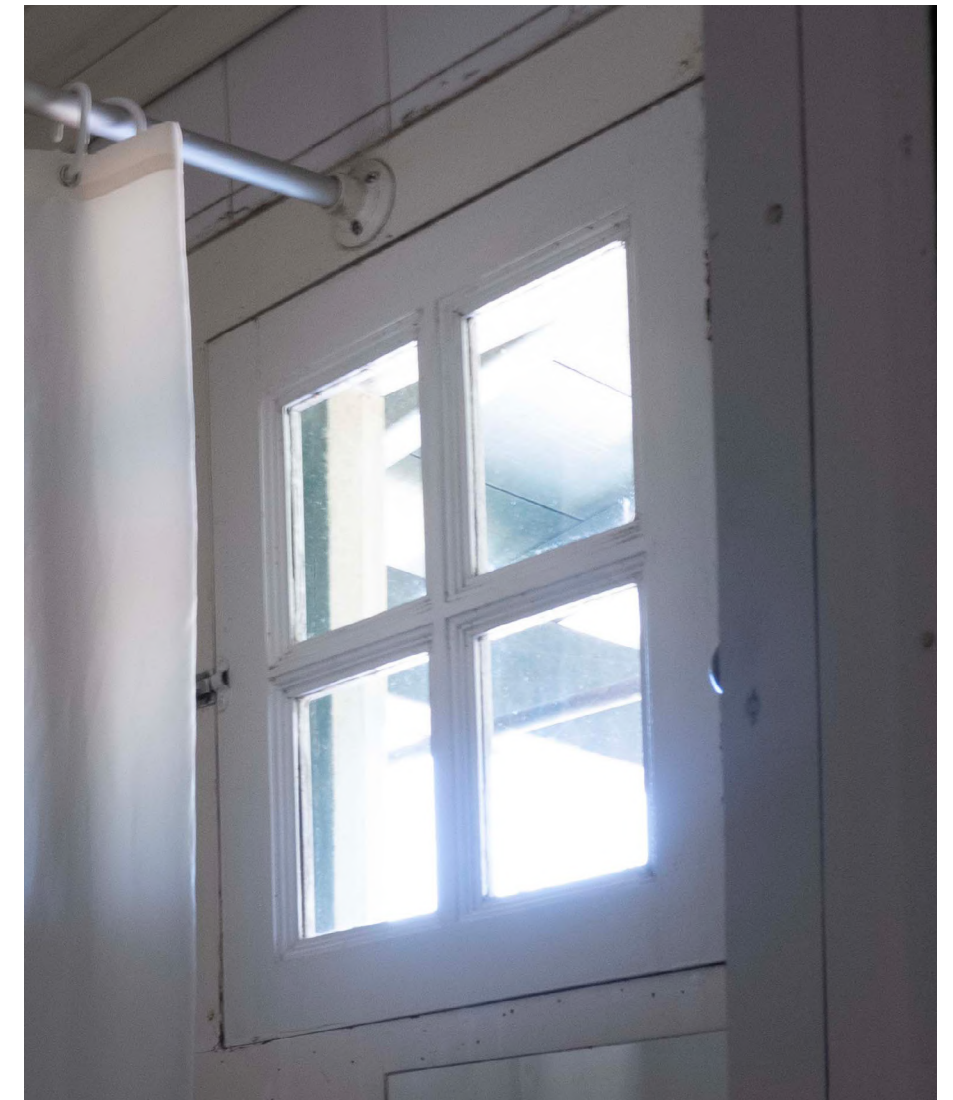
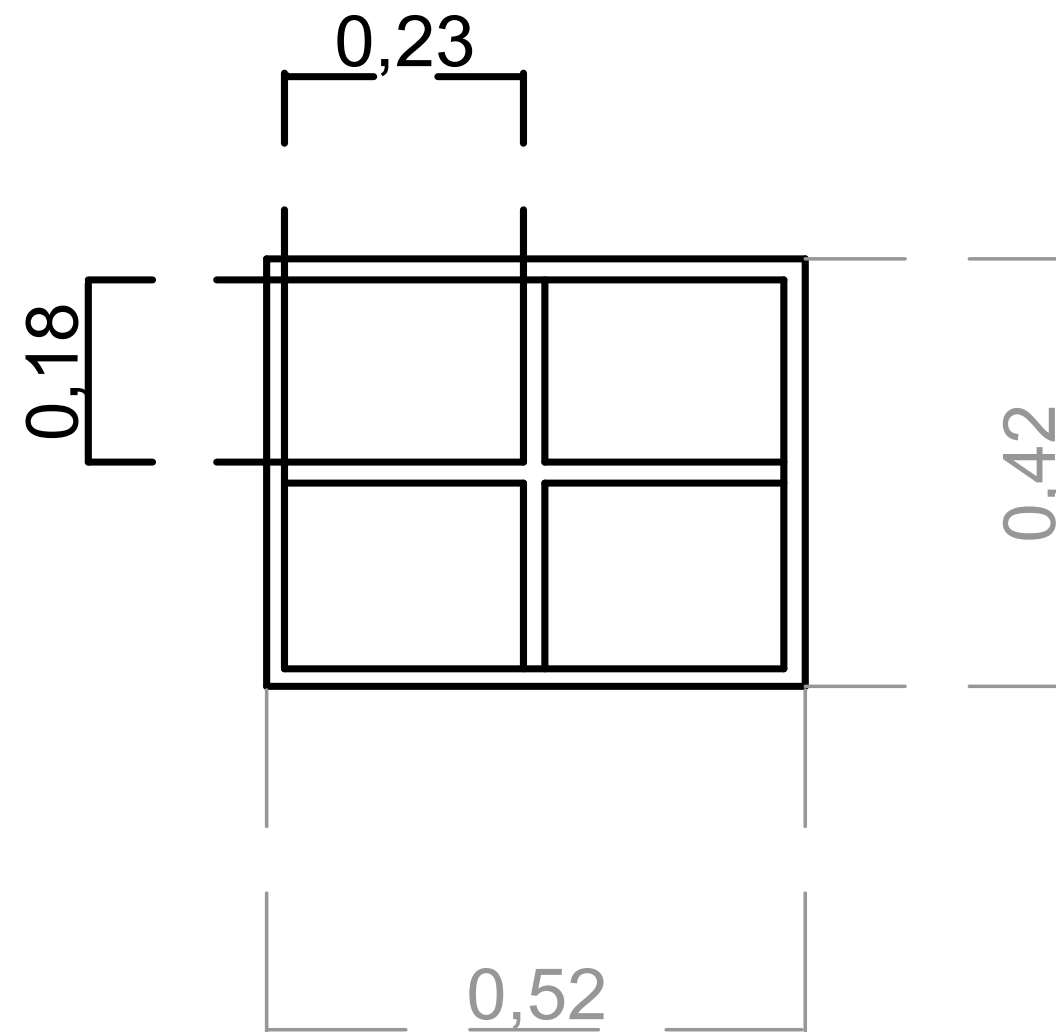
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único em todo o edifício,
encontra-se no alçado este.

LOCALIZAÇÃO:



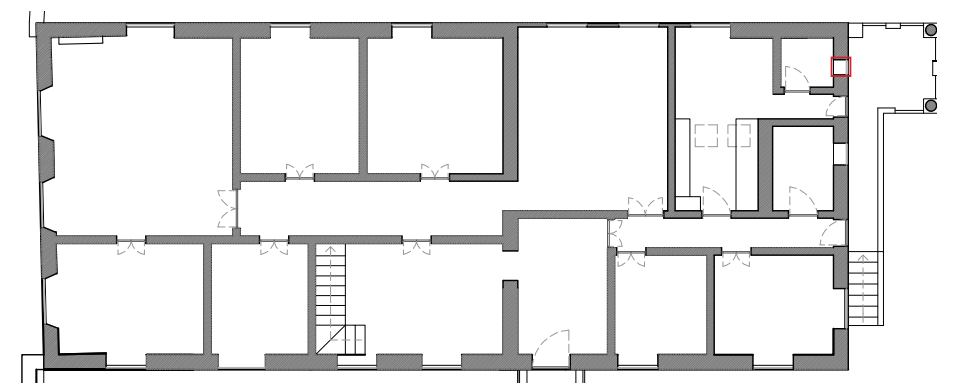
JANELA PIVOTANTE



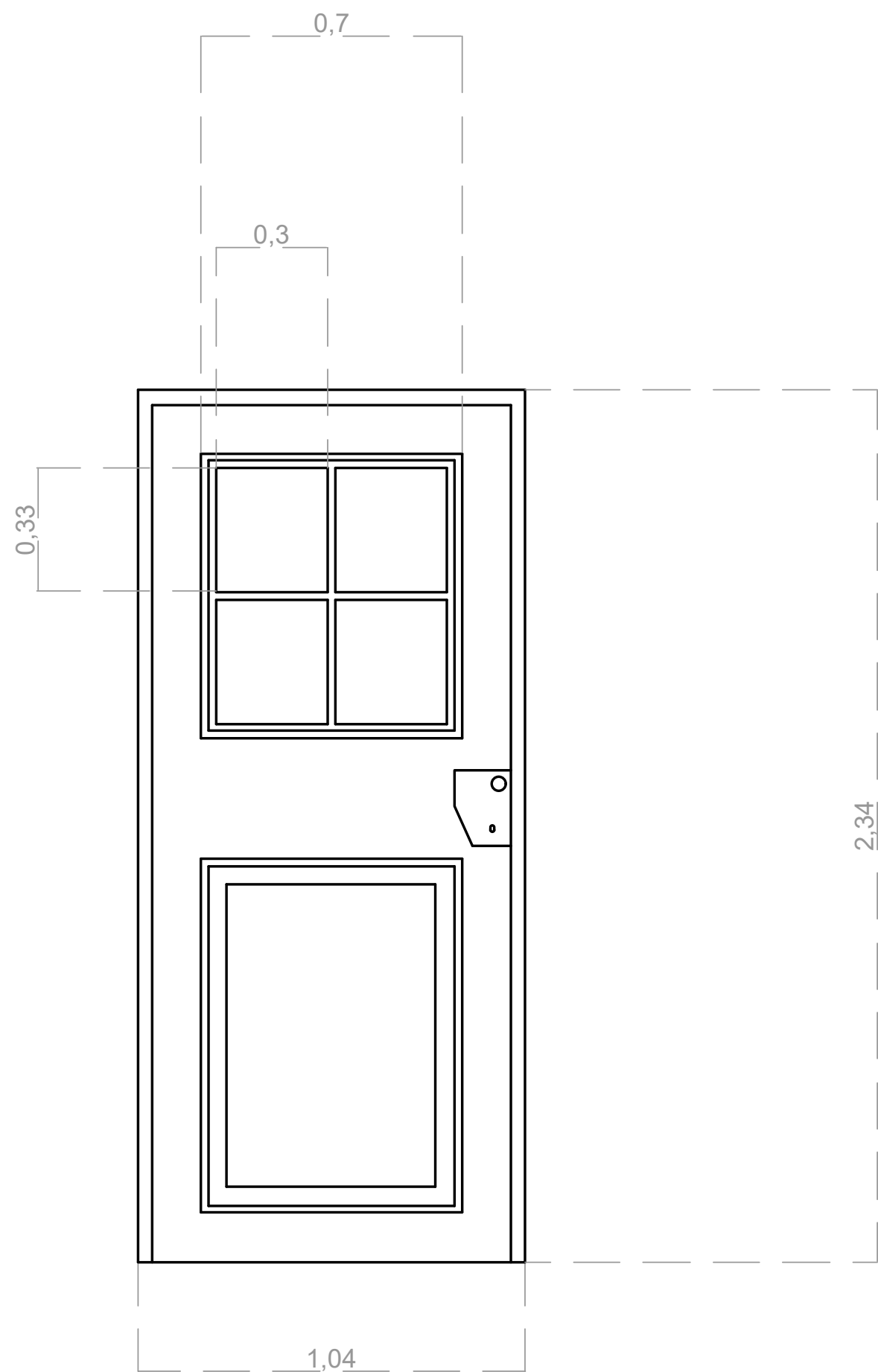
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único em todo o edifício,
encontra-se no alçado este.

LOCALIZAÇÃO:



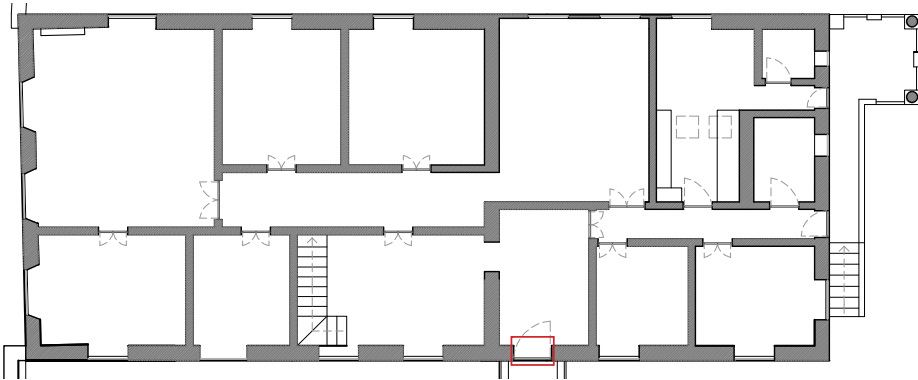
PORTA
ENTRADA PRINCIPAL



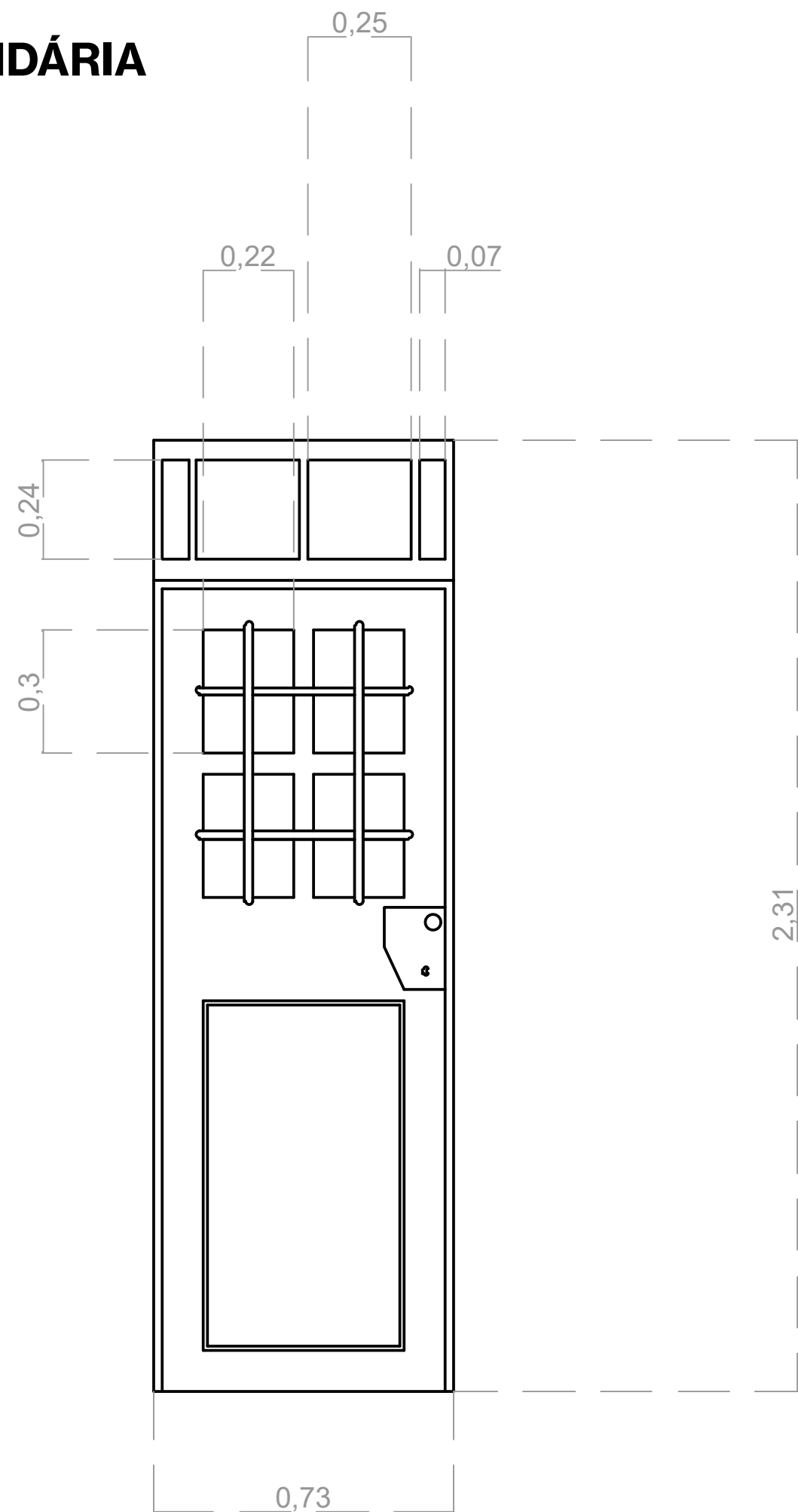
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único em todo o edifício, encontra-se no alçado sul.

LOCALIZAÇÃO:



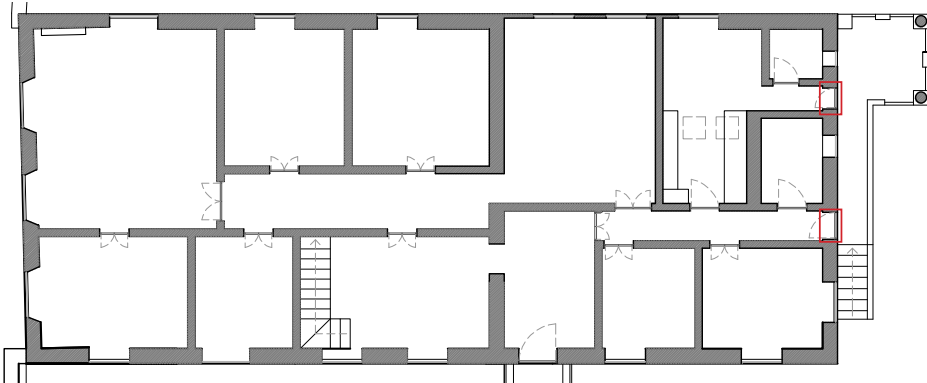
PORTA
ENTRADA SECUNDÁRIA



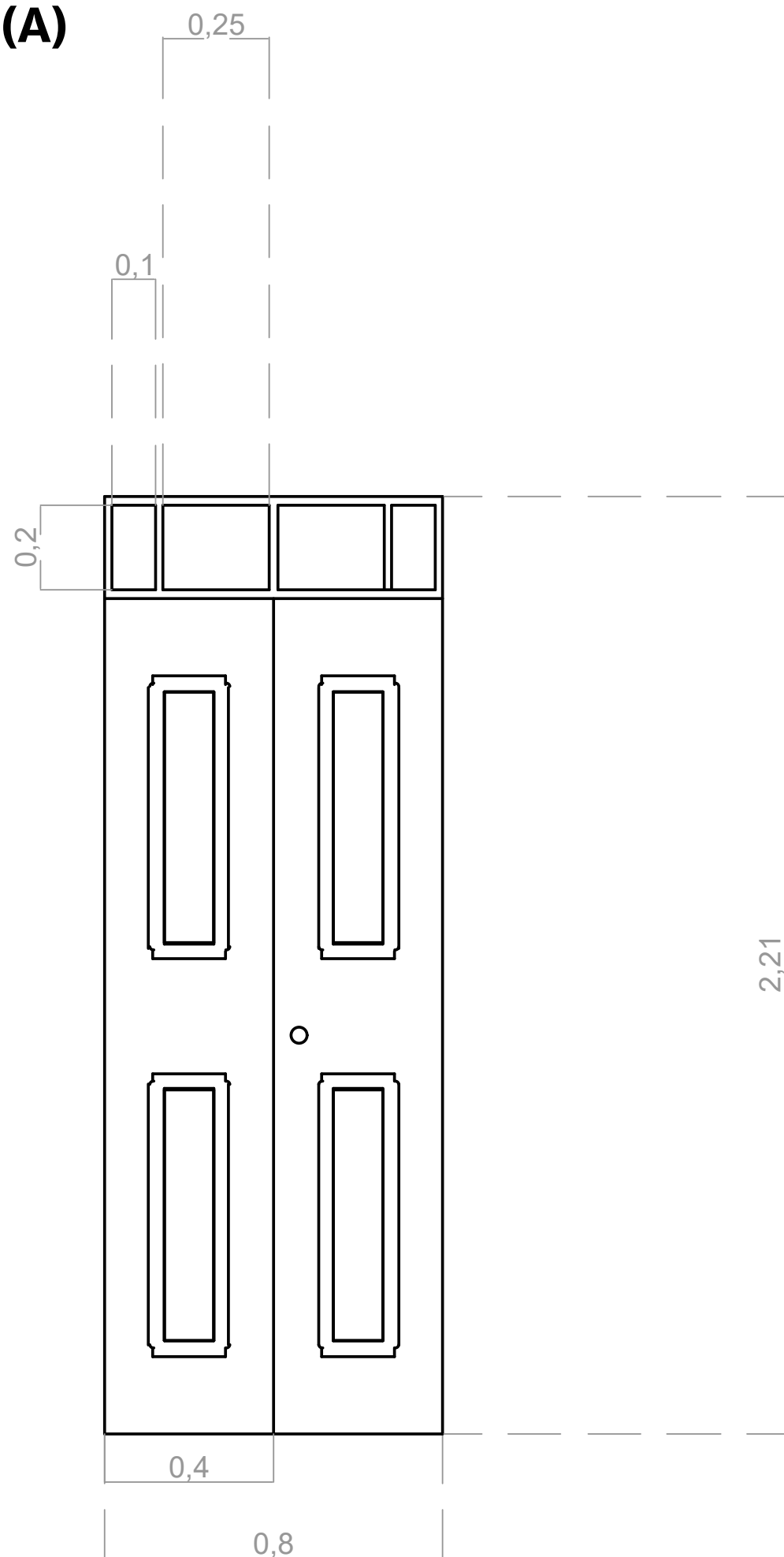
DESCRIÇÃO

- 2 exemplares no edifício,
encontram-se no alçado este.

LOCALIZAÇÃO:



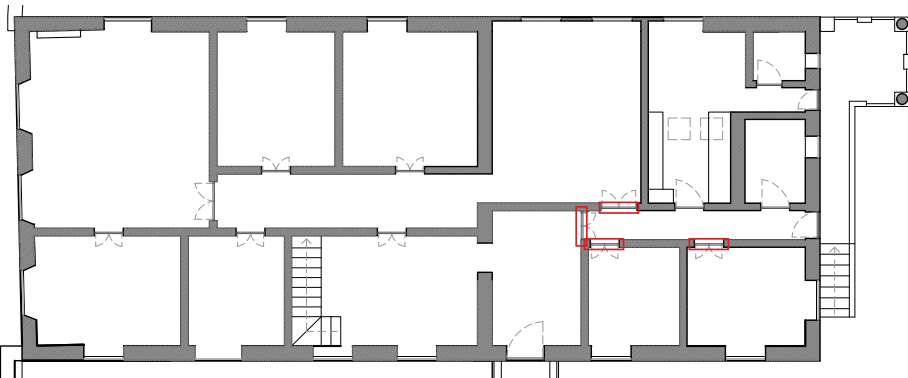
PORTA
DUPLA INTERIOR (A)



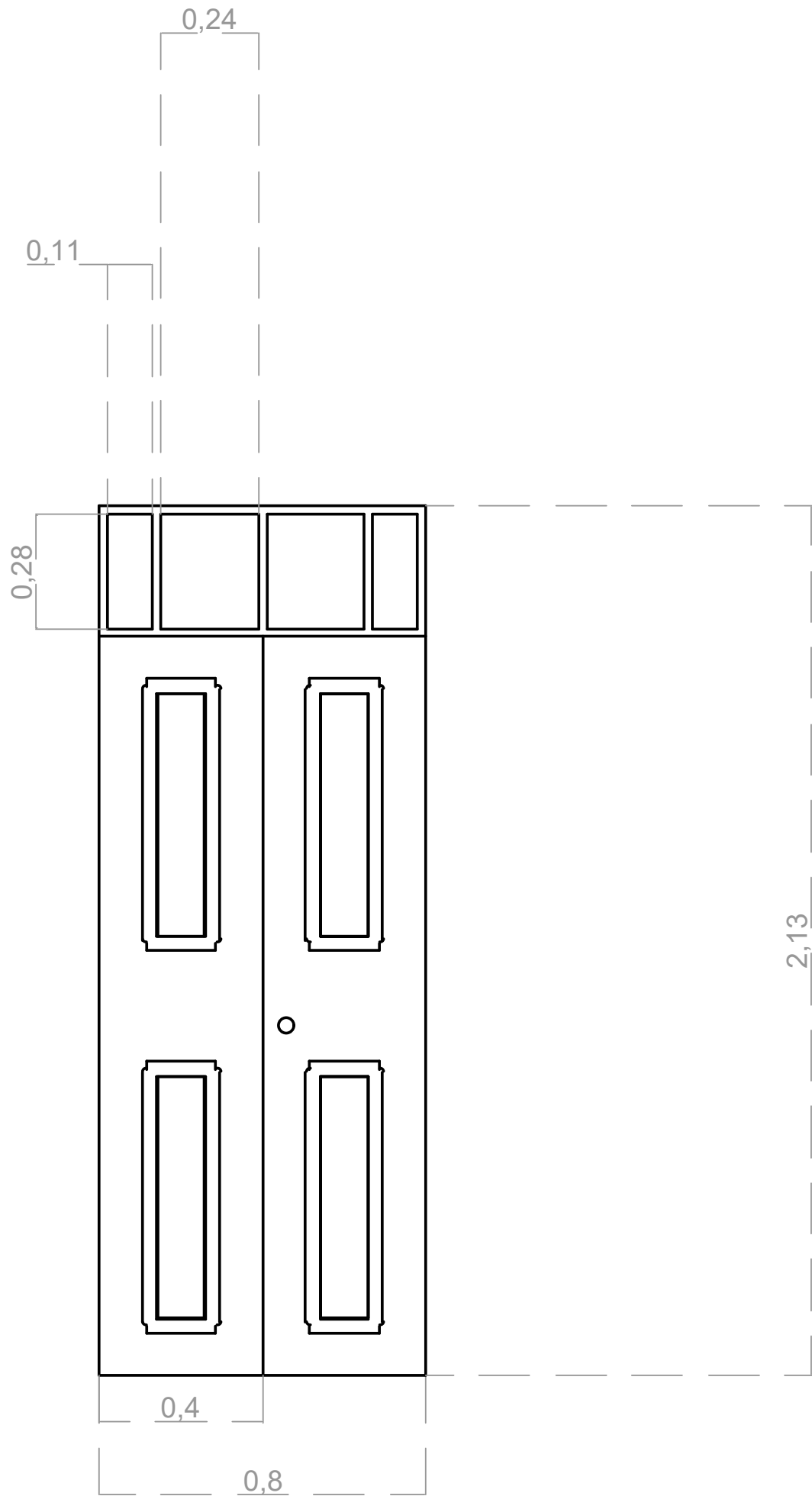
DESCRIÇÃO

- 4 exemplares no edifício,
encontrando-se na parte nova
do edifício.

LOCALIZAÇÃO:



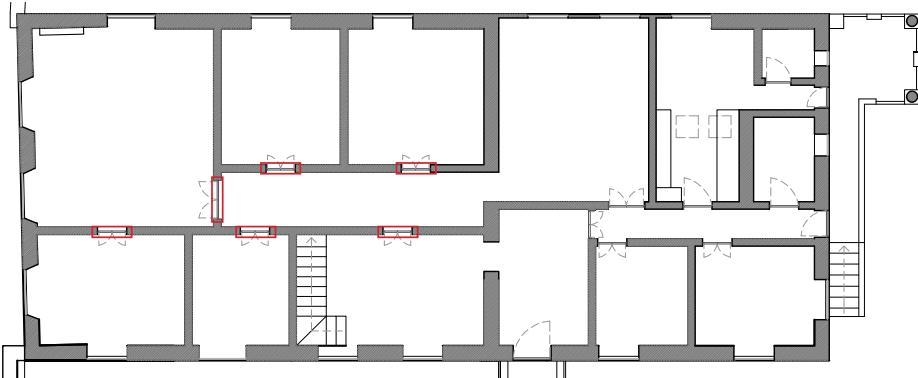
PORTA
DUPLA INTERIOR (B)



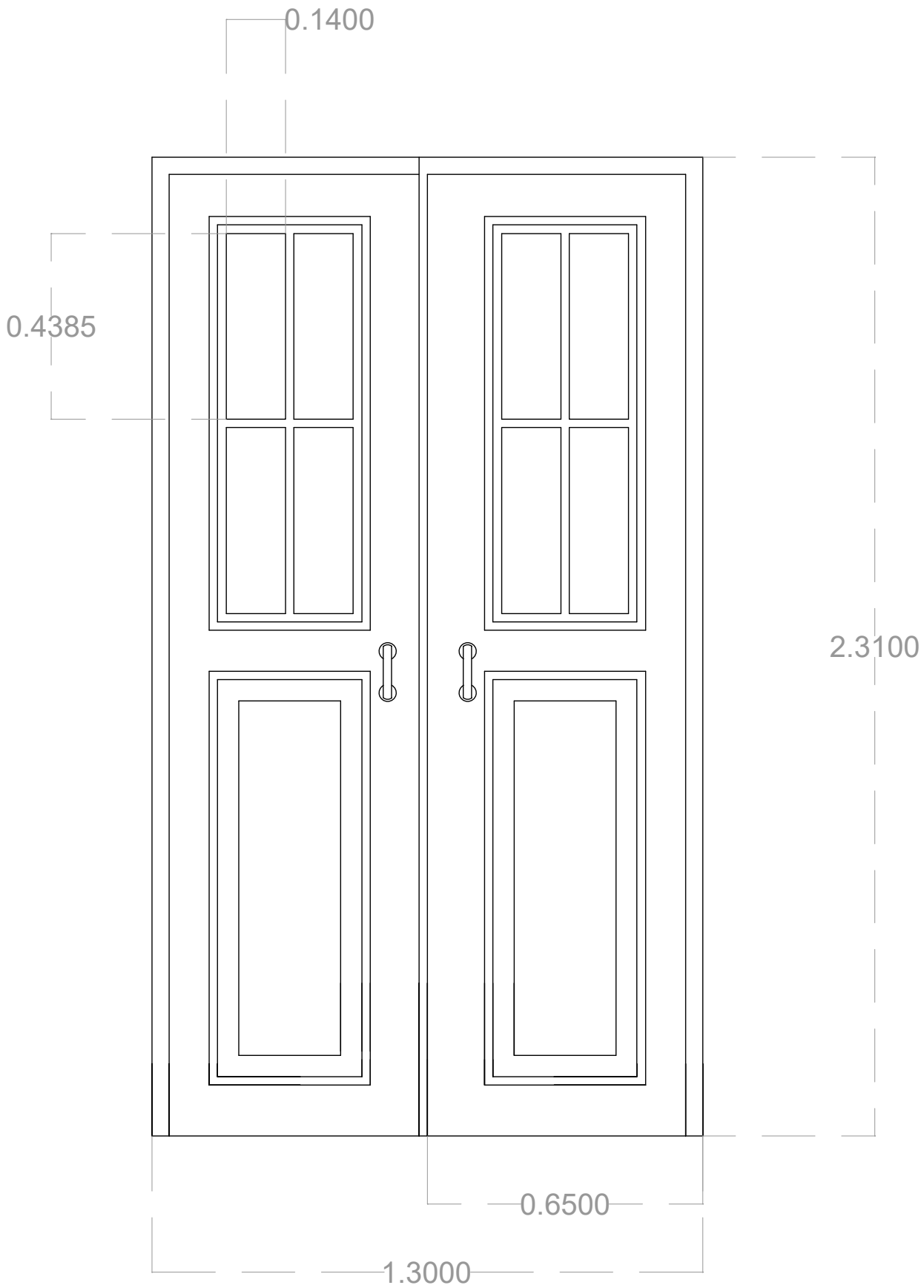
DESCRIÇÃO

- 6 exemplares no edifício,
encontrando-se na parte antiga
do edifício.

LOCALIZAÇÃO:



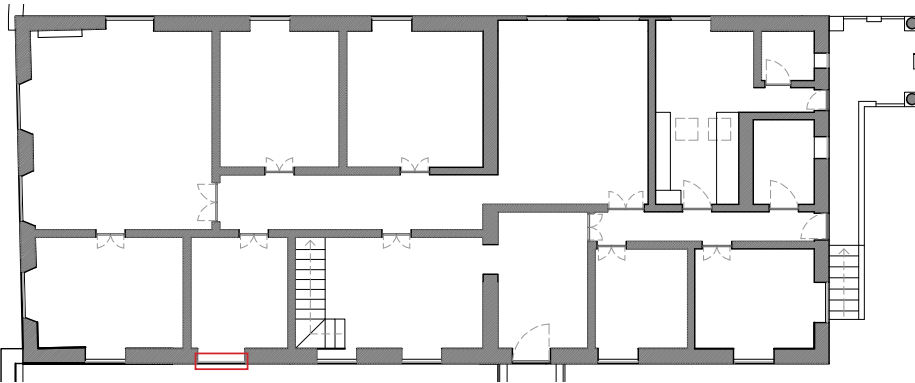
PORTA
DUPLA EXTERIOR (B)



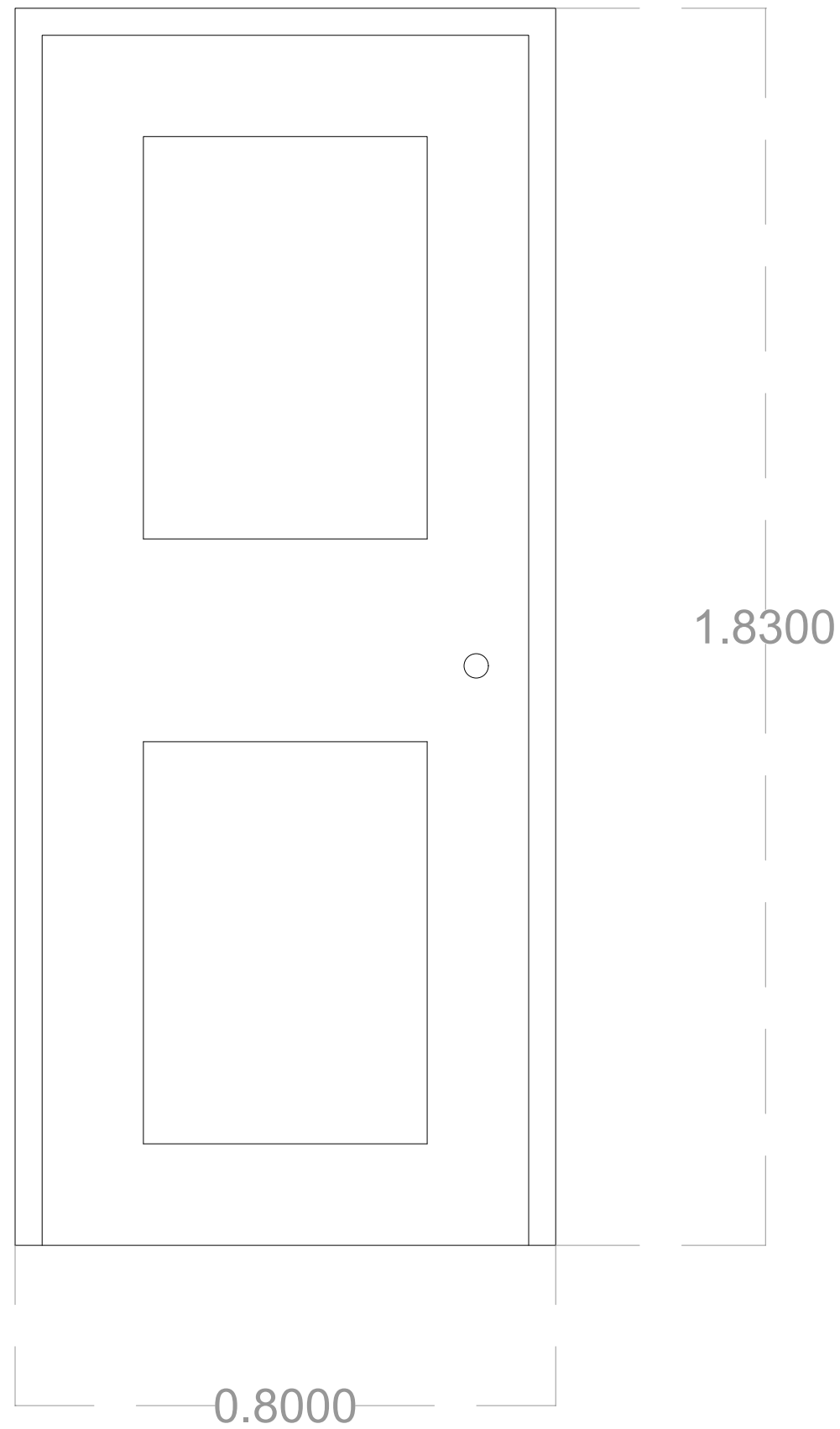
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único em todo o edifício, encontra-se no alçado sul.

LOCALIZAÇÃO:



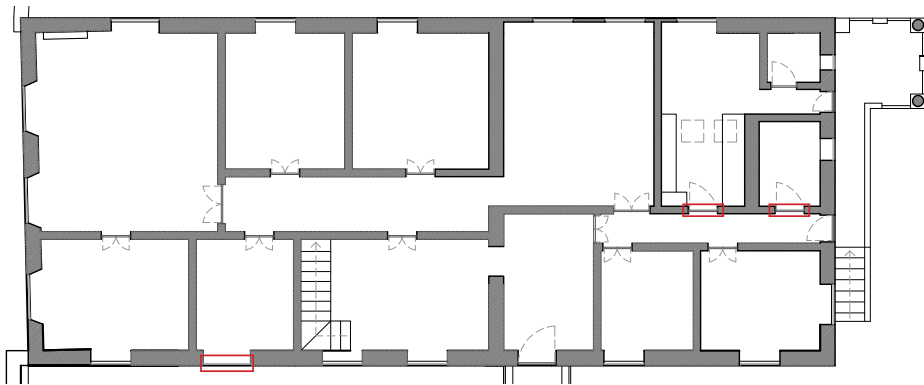
PORTA
INTERIOR



DESCRIÇÃO

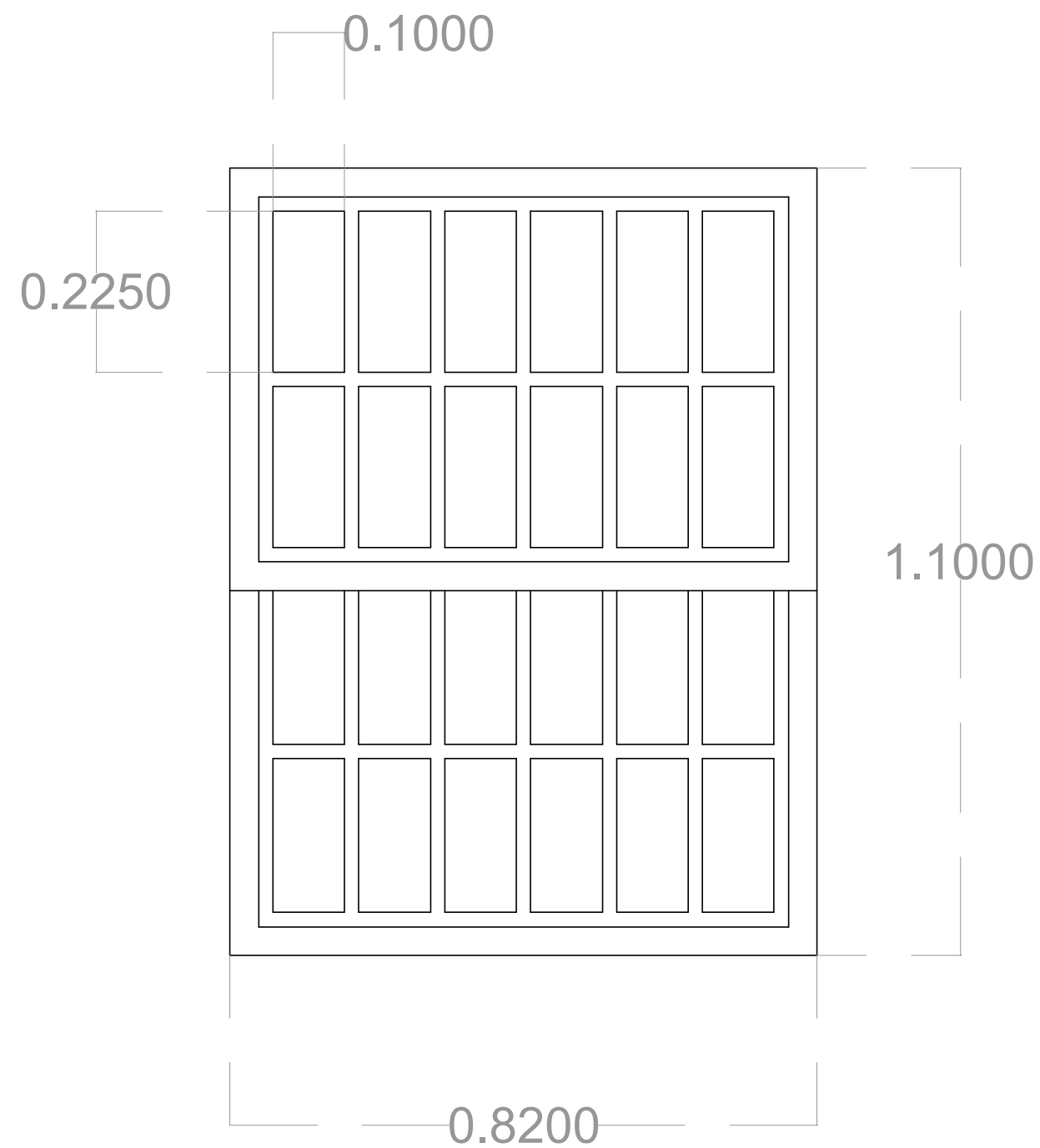
- 2 exemplares no edifício,
encontrando-se na parte nova
do edifício.

LOCALIZAÇÃO:



PISO TÉRREO

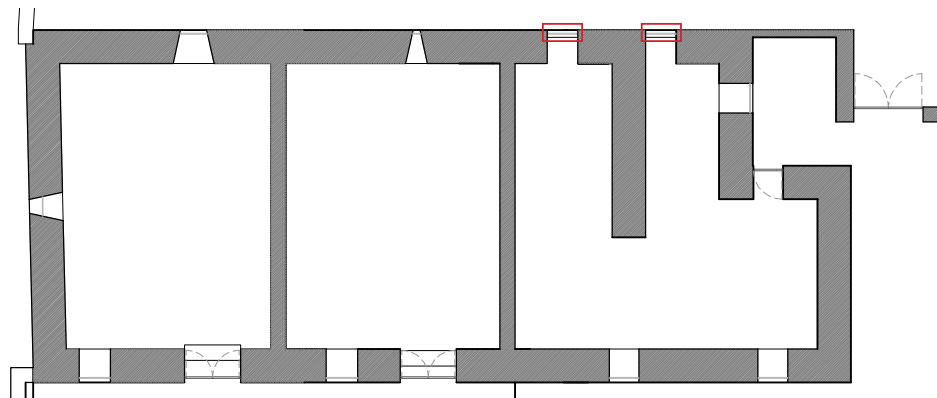
JANELA
GUILHOTINA (C)



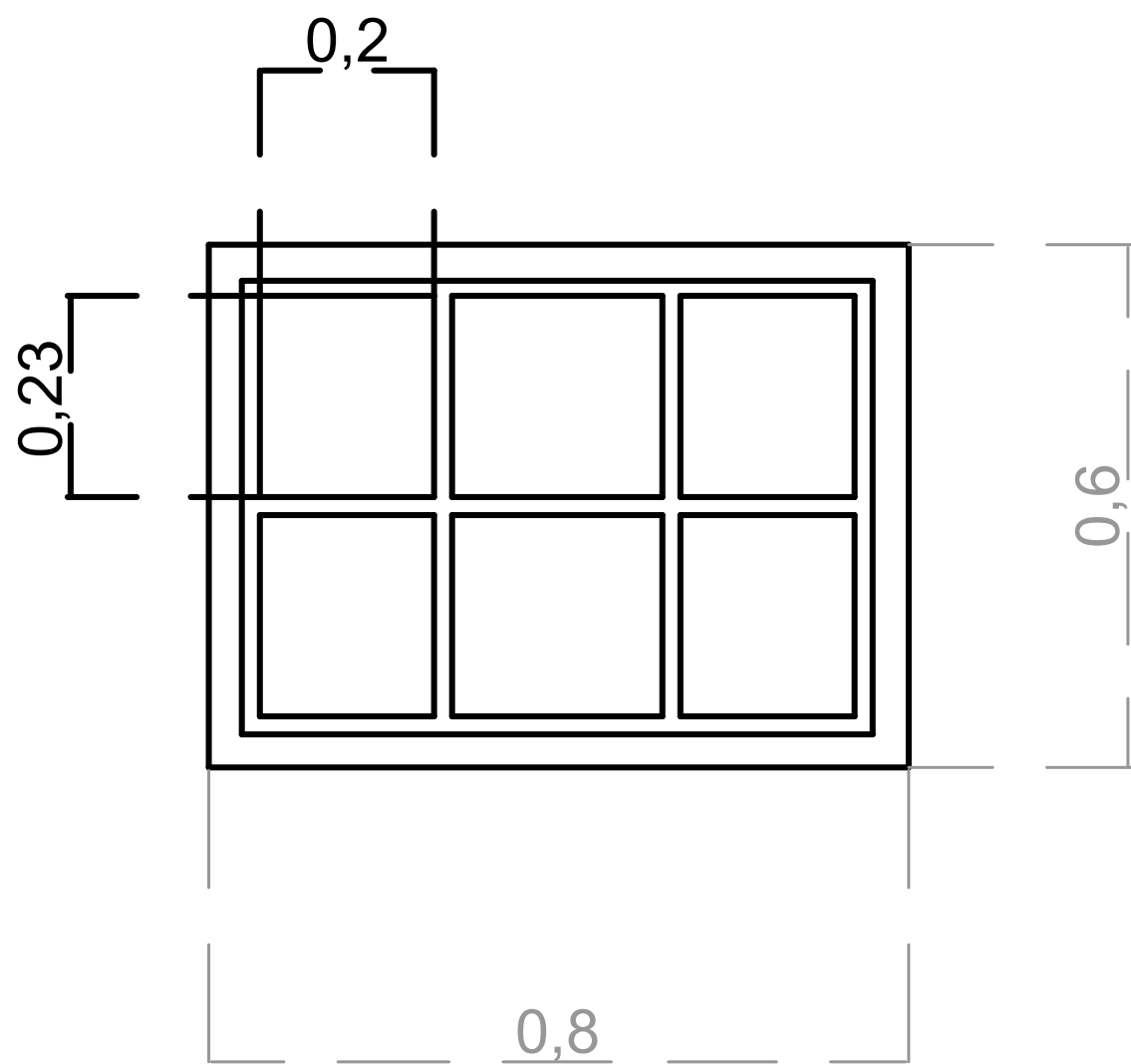
DESCRIÇÃO

- 2 exemplares no edifício,
encontram-se no alçado norte.

LOCALIZAÇÃO:



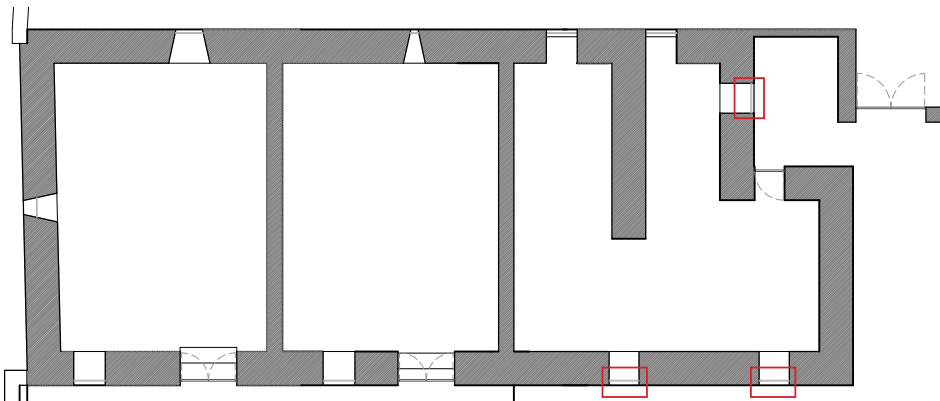
JANELA
GUILHOTINA (A)



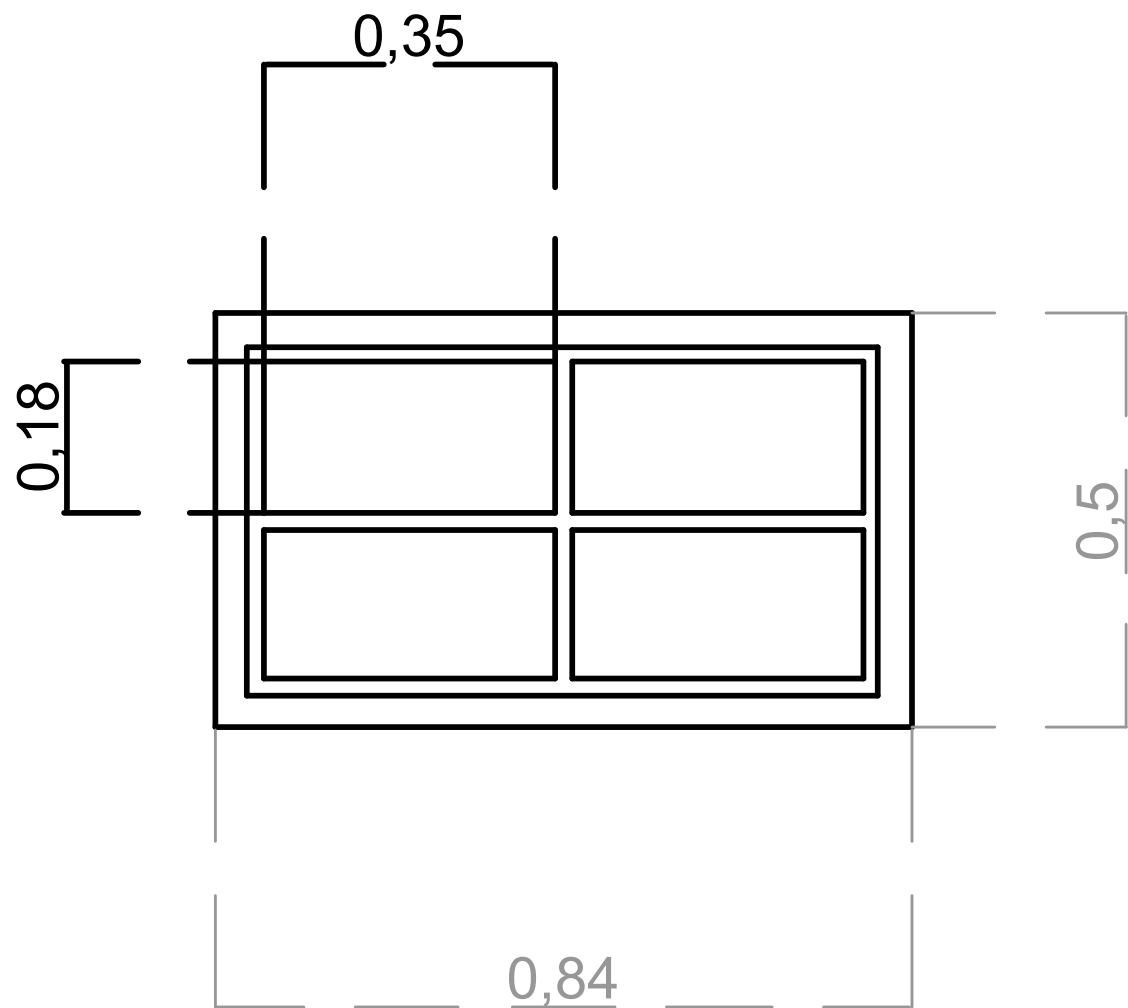
DESCRIÇÃO

- 3 exemplares no edifício,
encontram-se nos alçados sul e este.

LOCALIZAÇÃO:



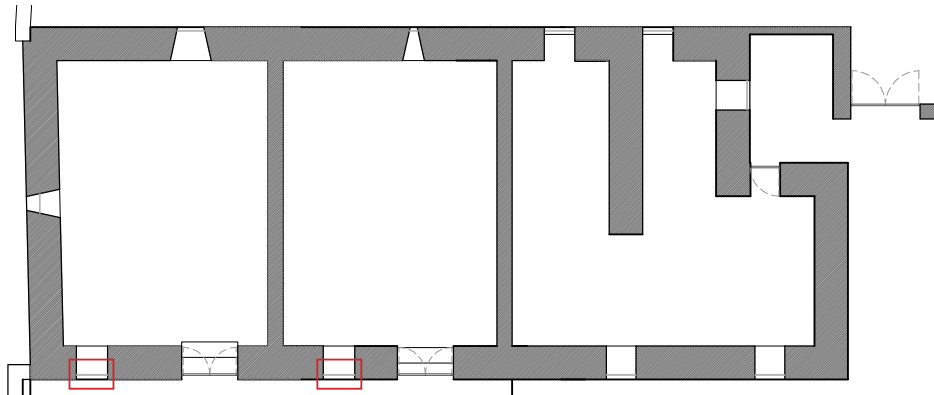
JANELA
GUILHOTINA (A)



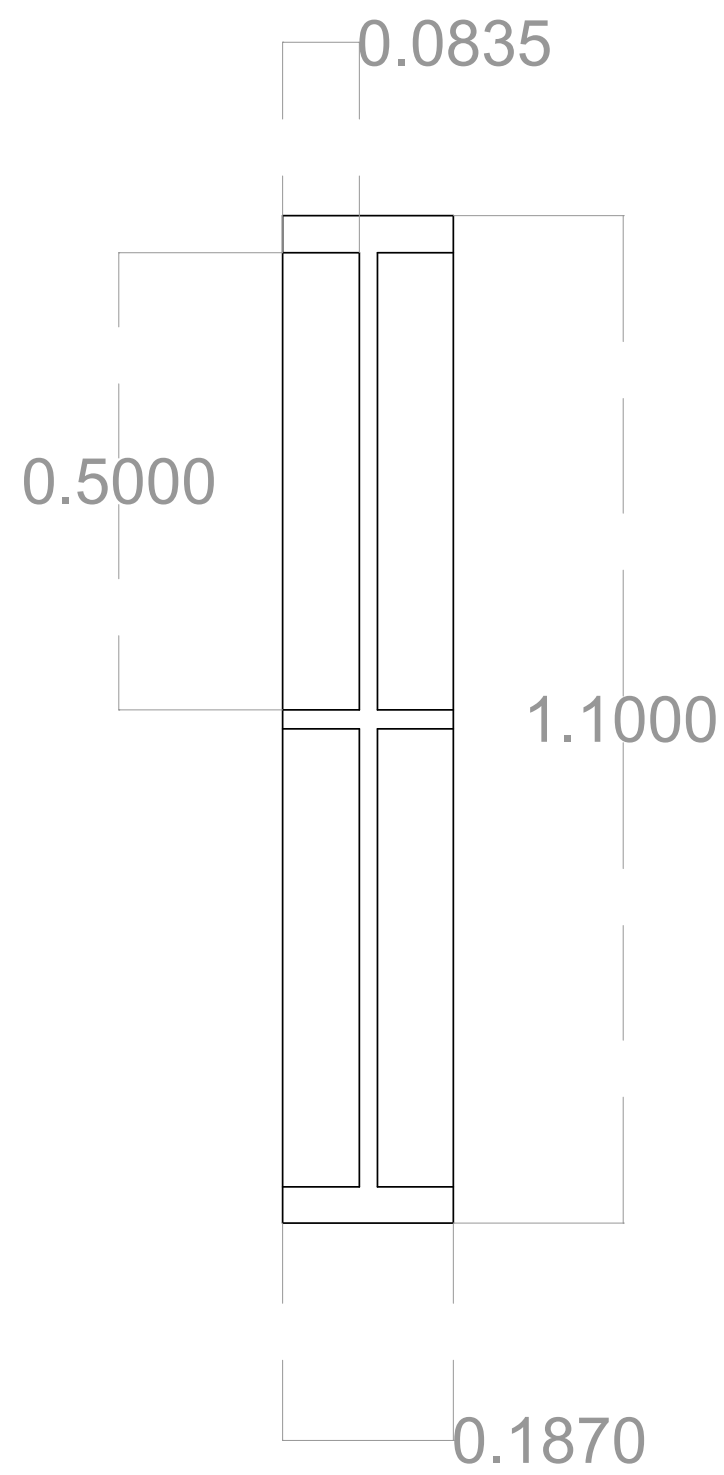
DESCRIÇÃO

- 2 exemplares no edifício,
encontram-se no alçado sul.

LOCALIZAÇÃO:



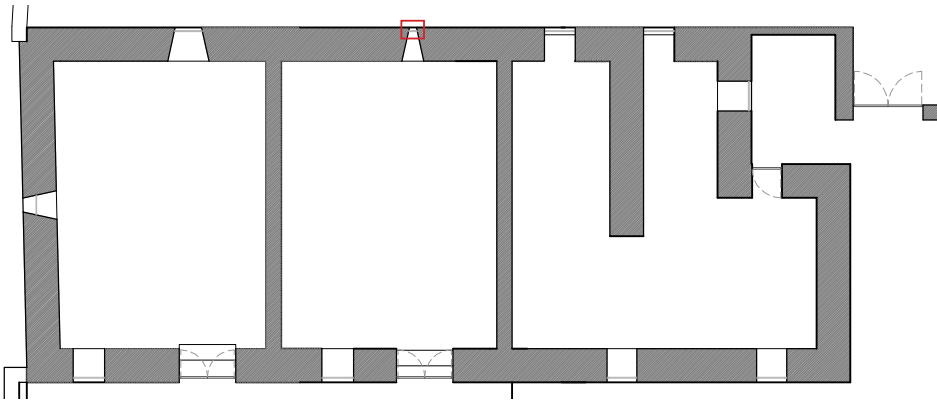
JANELA
GUILHOTINA (A)



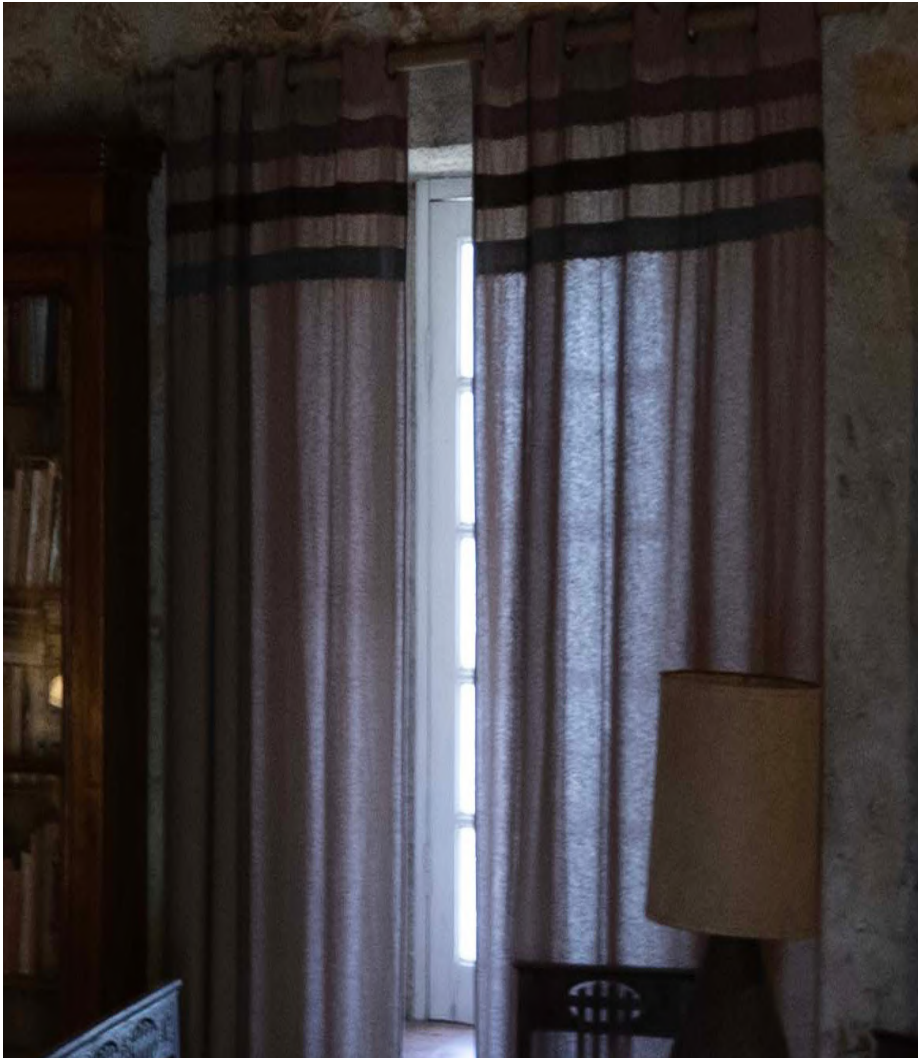
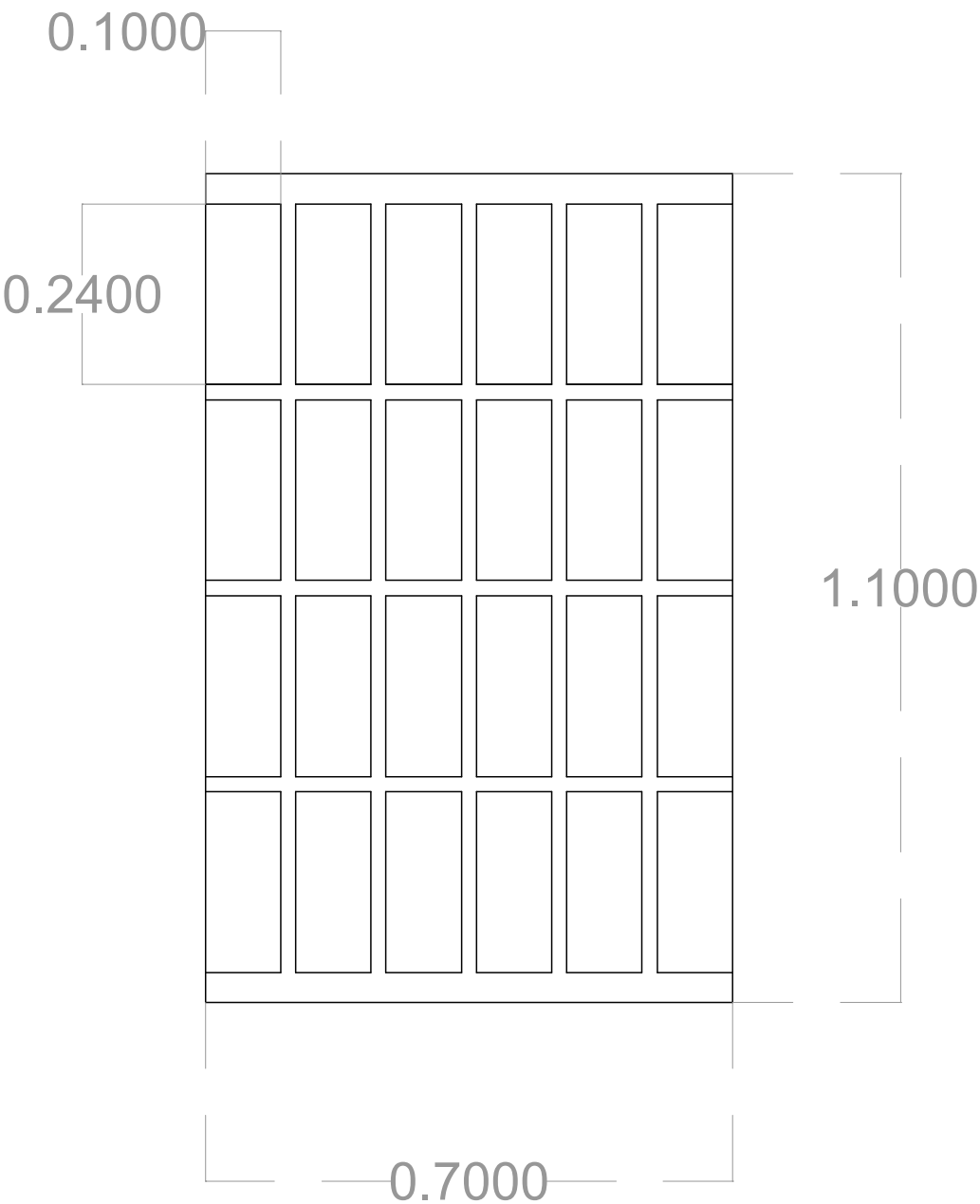
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único no edifício,
encontra-se no alçado norte.

LOCALIZAÇÃO:



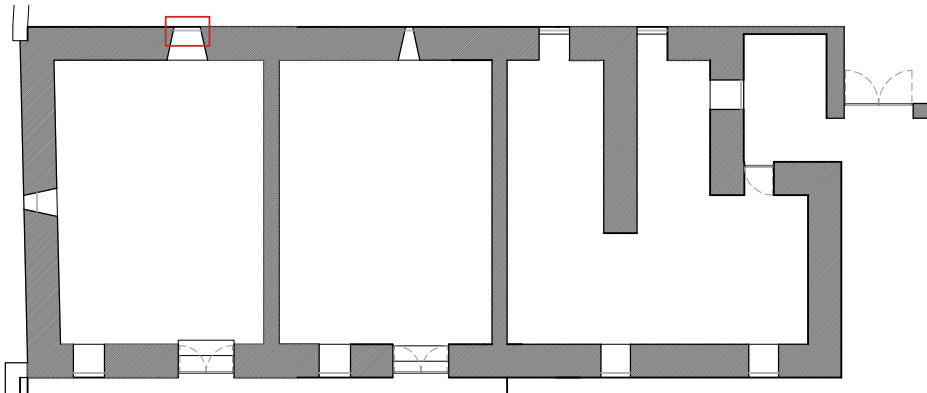
JANELA
GUILHOTINA (A)



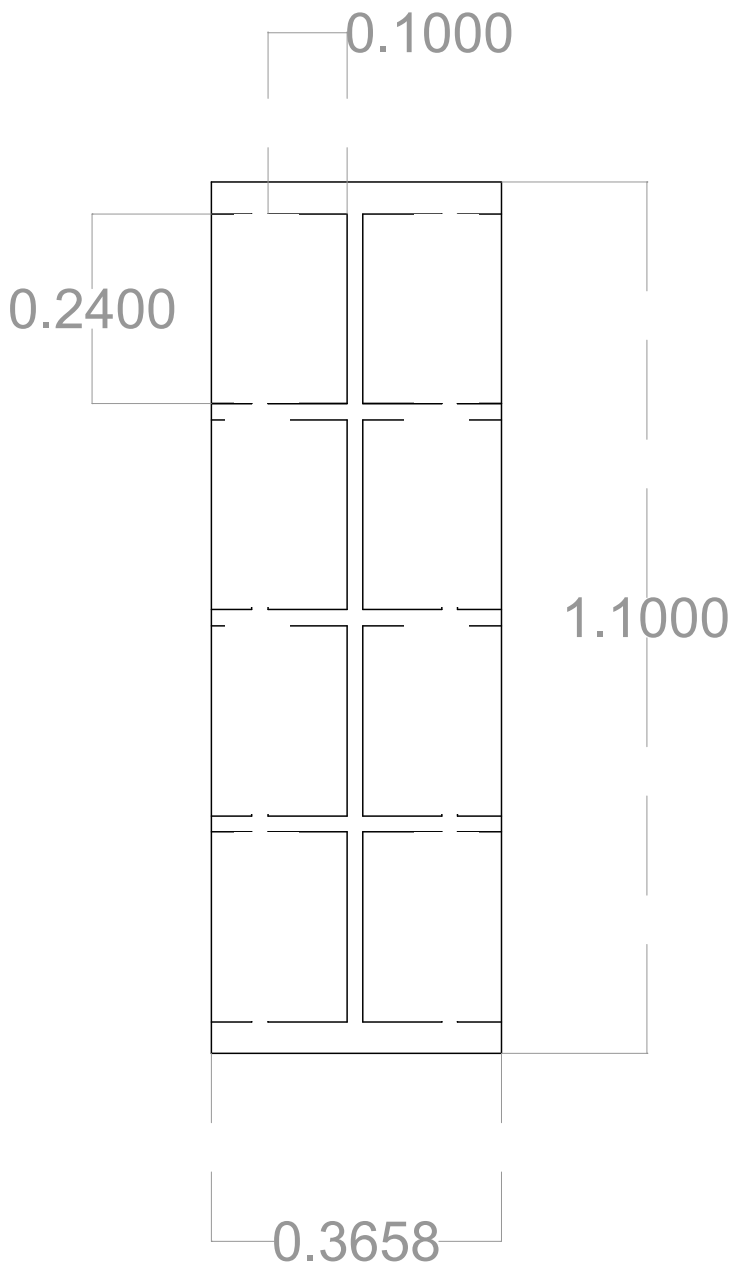
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único no edifício,
encontra-se no alçado norte.

LOCALIZAÇÃO:



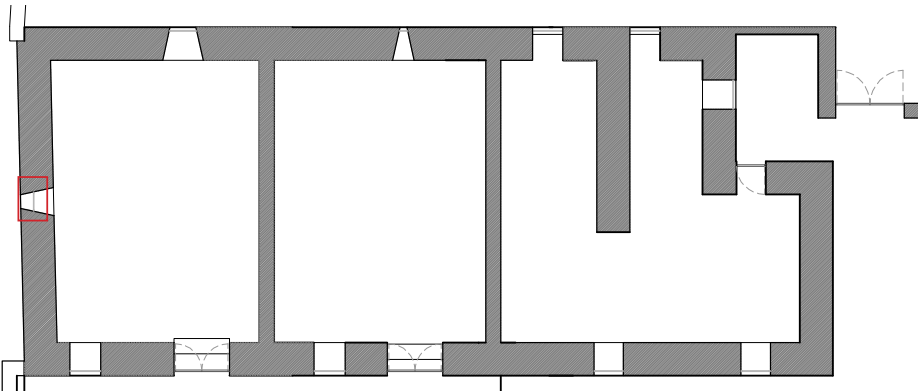
JANELA
GUILHOTINA (A)



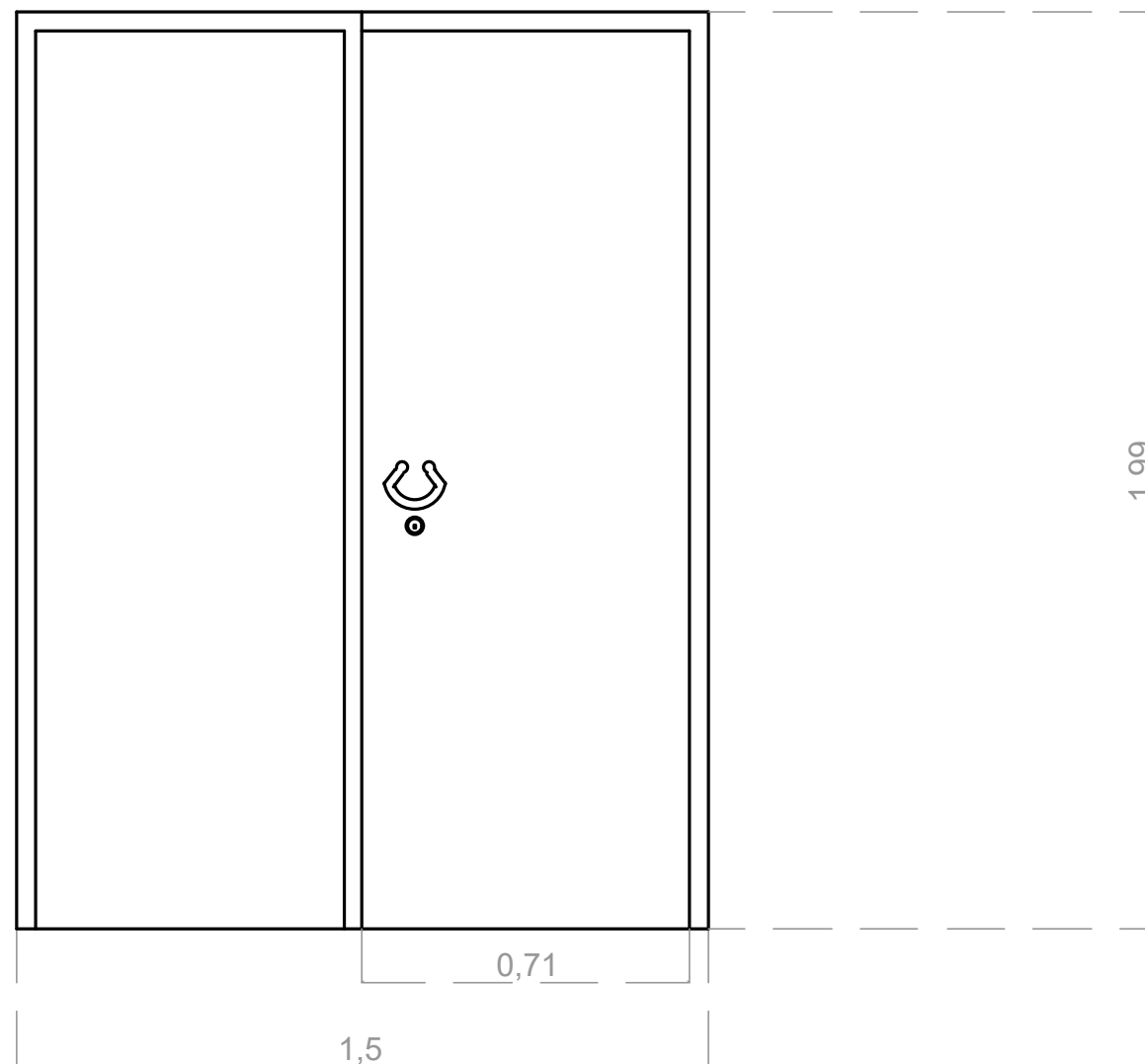
DESCRIÇÃO

- 1 exemplar único no edifício,
encontra-se no alçado oeste.

LOCALIZAÇÃO:



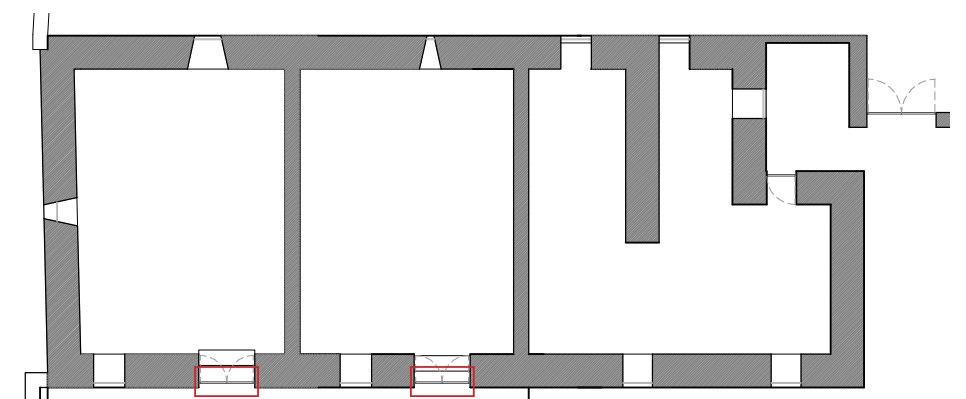
JANELA GUILHOTINA (A)



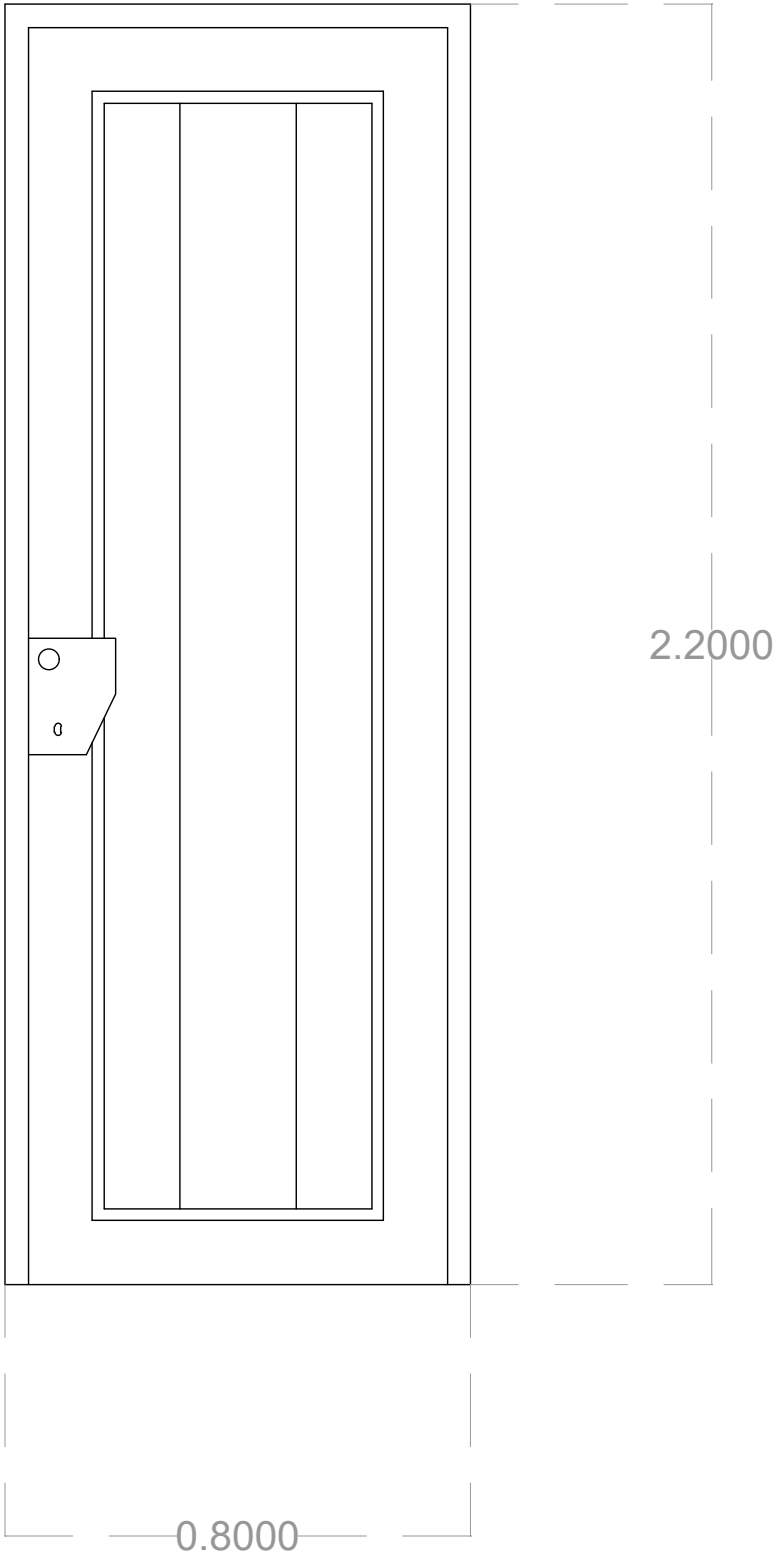
DESCRIÇÃO

- 2 exemplares no edifício,
permite entrada sul no piso térreo.

LOCALIZAÇÃO:



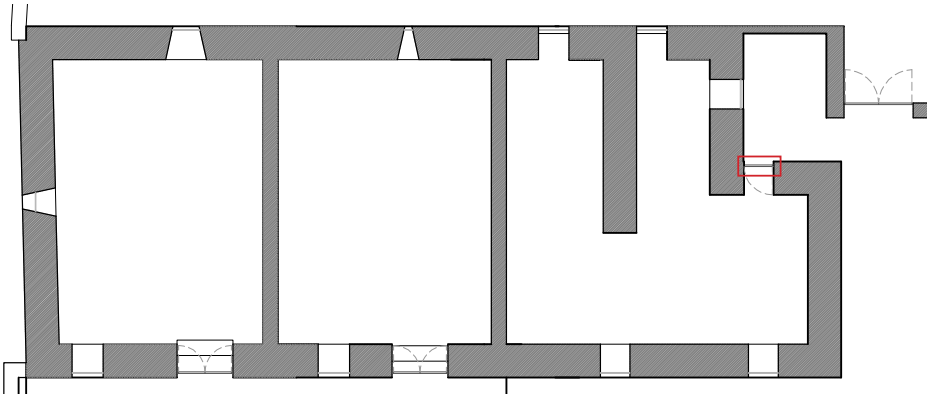
PORTA
INOXx



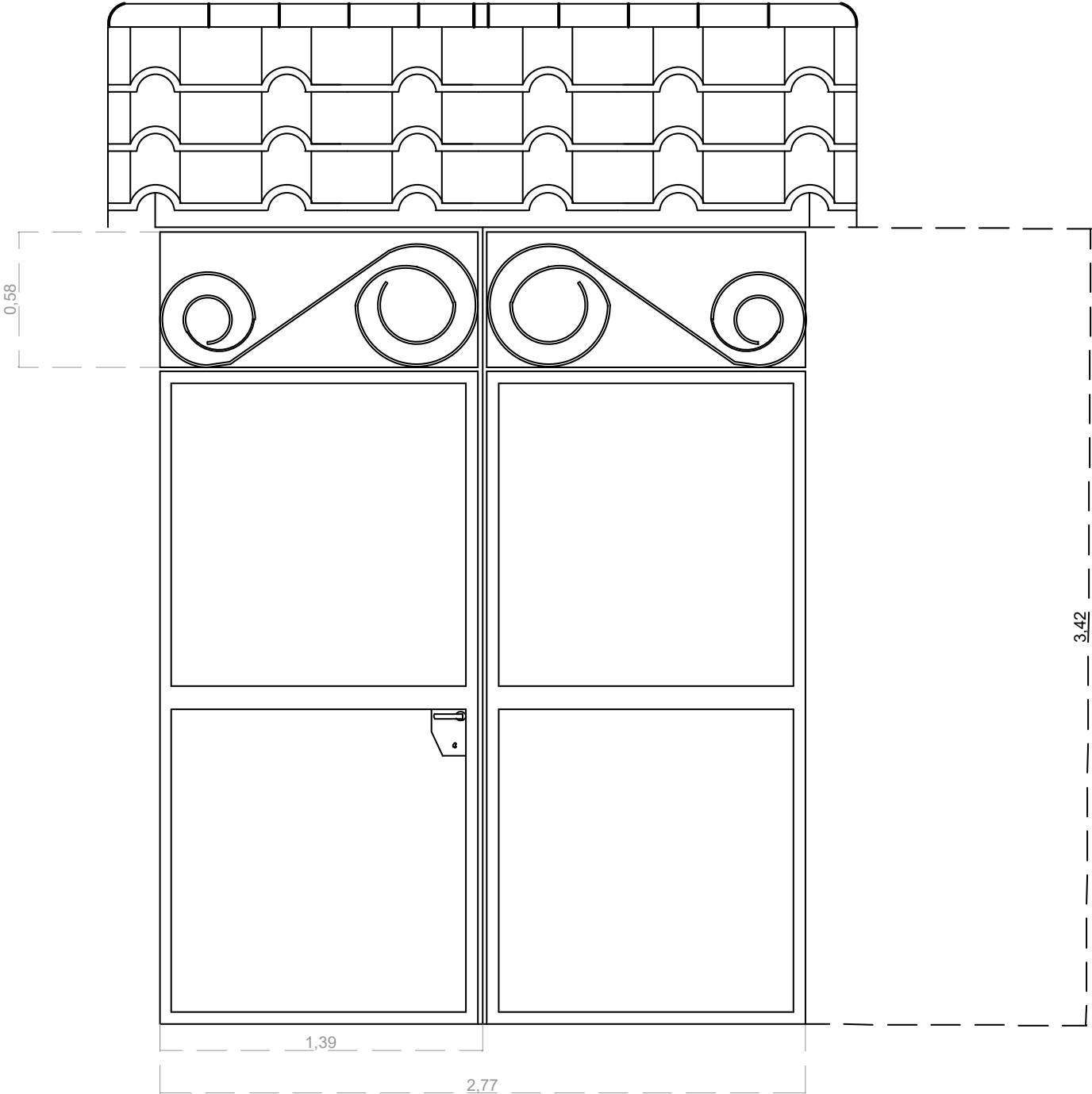
DESCRIÇÃO

- 1 único exemplar no edifício,
permite entrada norte no piso térreo.

LOCALIZAÇÃO:



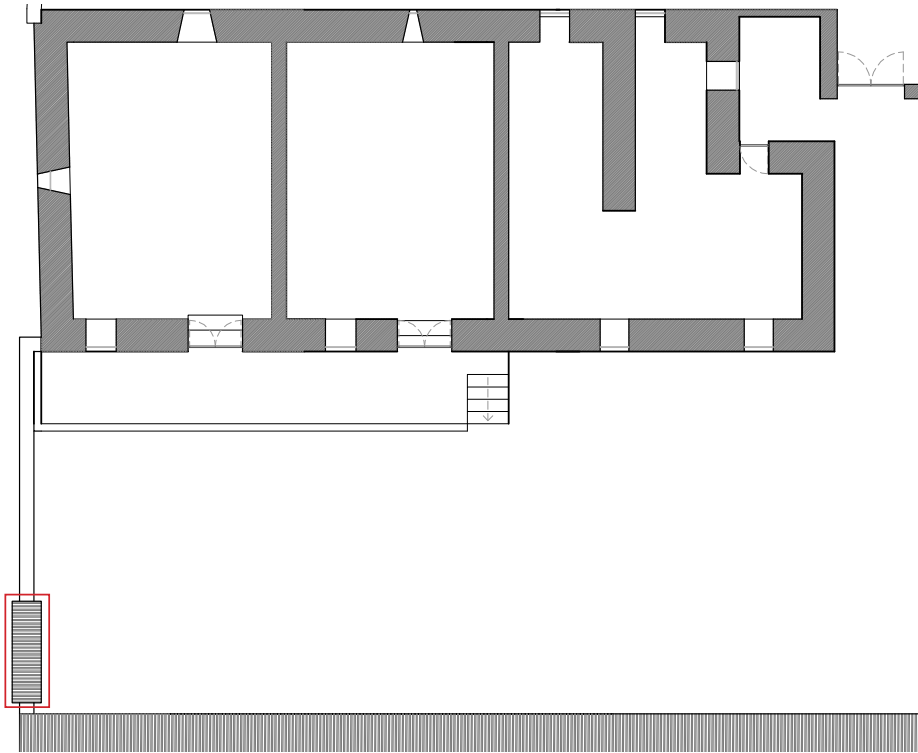
PORTÃO SECUNDÁRIO



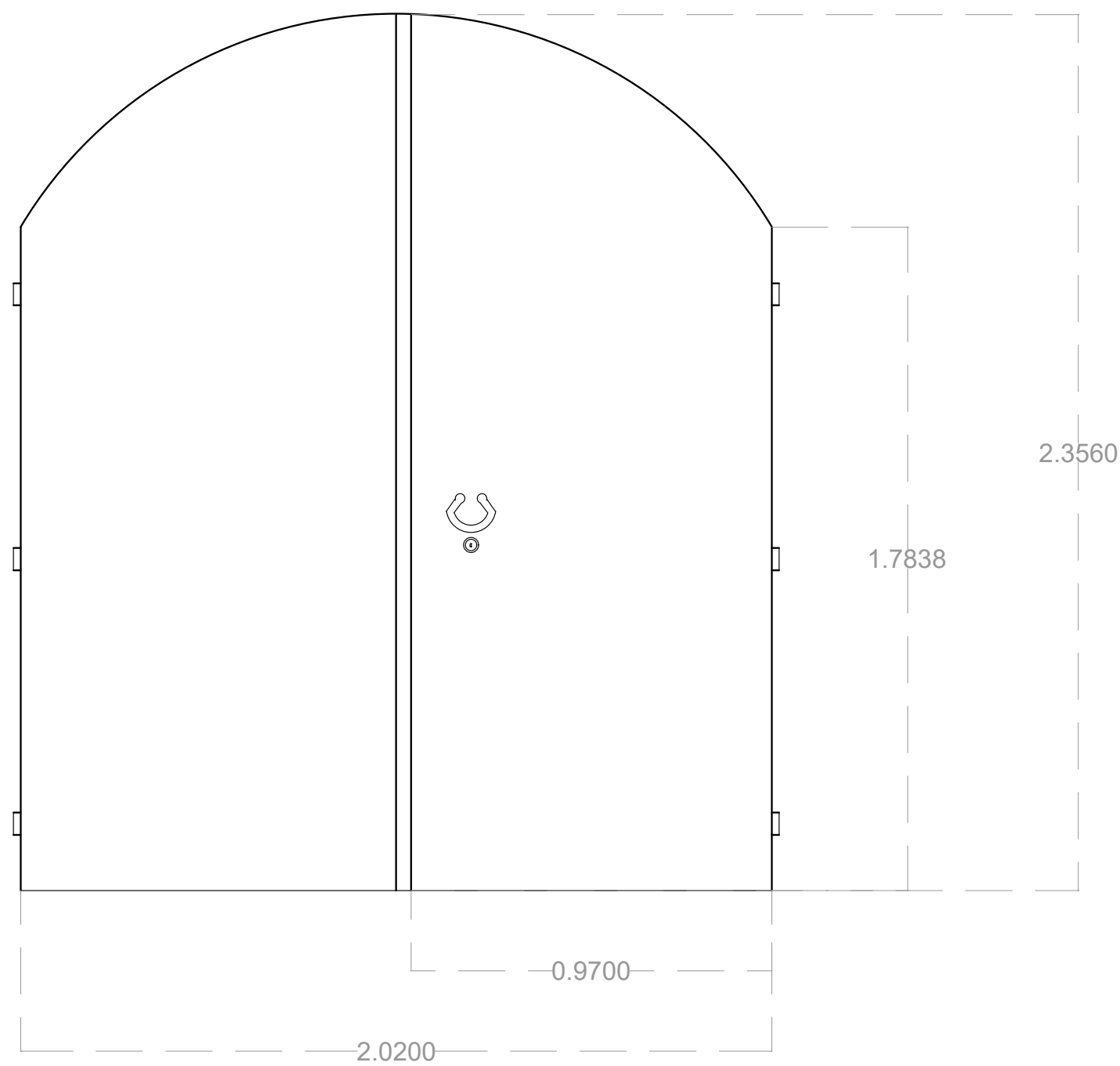
DESCRIÇÃO

- Entrada secundária da propriedade, encontram-se no muro oeste.

LOCALIZAÇÃO:



PORTÃO
PRINCIPAL



DESCRIÇÃO

- Entrada principal na propriedade, encontram-se no muro sul.

LOCALIZAÇÃO:

